FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

ANO 104 ★ Nº 34.990 DOMINGO, 19 DE JANEIRO DE 2025 R$ 9,90



Rafaela Araújo/Folhapress

Refugiados vivem novo deslocamento forçado e mais perdas após enchentes no Rio Grande do Sul

A venezuelana Maigualida Martínez, 56, no que era sua casa, destruída pela cheia de 2024 em Porto Alegre; agência da ONU contabiliza 43 mil refugiados no estado Ambiente A32

Volta de Trump leva incerteza a brasileiros e imigrantes nos EUA

Receio é de deportação em massa, promessa do republicano, e cancelamento de vistos no país com 11 milhões de pessoas em situação irregular; Michelle Bolsonaro vai à posse

Às vésperas da posse de Donald Trump nos EUA, brasileiros e outros imigrantes vivem clima de incerteza. Na campanha, o republicano disse que fará a maior deportação da história do país, promessa temida até por quem possui a documentação em dia.

O republicano irá assumir amanhã o seu segundo mandato.

Segundo o Pew Research Center, em 2022 havia cerca de 11 milhões de imigrantes em situação irregular nos EUA. Deste total, 230 mil eram vindos do Brasil, e outros 4 milhões do México.

Chefes da diplomacia de dez países, entre eles o Brasil, expressaram "grave preocupação" diante dessa deportação maciça.

Na capital americana, milhares de pessoas foram às ruas contra uma série de políticas anunciadas pelo presidente eleito.

Jair Bolsonaro disse esperar que o republicano ajude a reverter sua inelegibilidade no Brasil. O ex-presidente deu a declaração ao deixar no aeroporto sua mulher, Michelle, que embarcou para a posse em Washington. Mundo A23 a A26 e Política A8

Bolsonarismo se reergue com crise do Pix e acende alerta na base de Lula

Aliados de Bolsonaro computaram uma vitória com a crise do Pix e usaram o recuo do governo Lula para tentar se fortalecer após reveses, como o indiciamento do ex-presidente.

No plano governista, o alerta expôs desafios para conquistar um novo mandato em 2026. A principal fragilidade admitida por integrantes da base do PT é na comunicação. Política A6

Na era da moda rápida, 80% do descarte têxtil não é reciclado A13

Surto de virose, insegurança e falta de estrutura marcam o verão na Baixada

Turistas que foram para Guarujá e Bertioga, no litoral paulista, enfrentam falta de água, surto de virose e arrastões na temporada de praia. Cancelamento de reservas em hotéis da região chega a 19%, segundo entidade que representa as empresas. Cotidiano A28

Crianças estão entre reféns que podem ser soltos pelo Hamas

O primeiro-ministro israelense, Binyamin Netanyahu, ameaçou não prosseguir com o cessar-fogo até receber a lista com os nomes dos 33 reféns que seriam libertados pela facção terrorista Hamas na primeira fase do acordo. A relação, segundo o jornal Times of Israel, inclui duas crianças e nove mulheres jovens. Mundo A27

Mototáxi funciona onde prefeituras tentam proibir

Cinco das maiores capitais brasileiras regulamentaram a atividade, duas tentaram vetá-la e três a deixaram sem regras. Em todas, o serviço existe, mesmo que informal. A29

Samuel Pessôa

Fernando Haddad deu boas notícias para a economia

Em longa entrevista à CNN, ministro defendeu bem a agenda de reformas, ainda que tenha enfatizado a herança maldita e os erros de previsão do mercado. São boas notícias sua defesa da desaceleração da economia no segundo semestre e a celebração da independência do Banco Central. Mercado A18

EDITORIAIS A2

Surra no Pix expõe deficiência grave da gestão Lula Sobre equívocos na economia.

Política não pode ameaçar o direito ao aborto legal Acerca de resolução contestada.

ilustrada
ilustríssima

SILÊNCIO DE HOLLYWOOD ESCANCARA TEMORES COM FUTURO

Indústria do entretenimento, ameaçada por regulações do streaming e da IA, busca trégua com a nova Casa Branca B4

Republicano aumenta caos em que ninguém se escuta, escreve Hermano Vianna B8

Historiador italiano vê semelhanças entre presidente eleito dos EUA e Mussolini B11

Musk pode fomentar capitalismo de compadrio em novo órgão, diz autor B10

esporte

Patrocínio de bets inflaciona mercado, e clubes se veem dependentes A34

ISSN 1414-5723
9771414572018

Eufrázio

opinião

EDITORIAIS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Surra no Pix expõe deficiência grave da gestão Lula

Gastança, sanha arrecadatória e desconexão do governo e do petismo com o mundo atual do trabalho elevam a desconfiança da população em medidas econômicas do Executivo e acendem alerta político para 2026

Um governo que abriu a tampa do gasto público antes mesmo de tomar posse, abraçou toda e qualquer medida para aumentar a arrecadação, relaxou metas fiscais em vez de cortar despesas e desprezou reiterados alertas sobre a explosão da sua dívida terá obviamente baixa credibilidade diante de largos contingentes da população quando promete fazer o contrário do que tem feito.

Tampouco se verá livre de grande desconfiança um partido cujos quadros se desconectaram há muito tempo da realidade da volumosa fatia dos trabalhadores que batalha pelo pão amiúde na informalidade, deseja empreender e tem ojeriza a intromissões da burocracia nos seus afazeres.

Não há, portanto, grande surpresa na surra que o governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) levou na opinião pública por ocasião da tentativa de ampliar os mecanismos de comunicação obrigatória à Receita Federal de movimentações feitas por Pix.

Decerto ondas de notícias falsas, dando conta por exemplo de que o governo passaria a tributar as transações na plataforma de pagamentos, circularam pelas redes sociais. Mas notícias falsas ocorrem em praticamente todos os assuntos nos dias de hoje, à direita, ao centro e à esquerda.

A explicação difícil, que deveria ser compreendida pelo governismo, é sobre por que desta vez a repercussão foi tão avassaladora a ponto de obrigar ministros e presidente atônitos a revogar a medida. É que não havia apenas demagogia oposicionista nem falsificações nessa enorme reação.

O governo afirmava, corretamente, que não haveria taxação do Pix, mas omitia estrategicamente que o objetivo no final das contas seria aumentar a fiscalização e, portanto, a arrecadação.

Foi esse o flanco explorado pela oposição. A mensagem de que o feirante, o motorista, a vendedora ambulante e a cabeleireira estariam mais expostos às garras do Leão, longe de ser falsa ou inverossímil, espalhou-se depressa e amalgamou antipatia maciça contra a intenção do governo.

Em nada ajudou a resposta inicial do oficialismo, de dizer que só criminosos estariam interessados na anulação da medida.

Mais preocupantes foram as iniciativas do governo de acionar a Polícia Federal e a Advocacia-Geral da União no caso. Daí até que se comece a criminalizar o exercício da oposição e a liberdade de crítica dos cidadãos vai uma distância pequena.

Não há atalhos capazes de remediar a situação, apenas a rota conhecida da prudência orçamentária sem rodeios; é preocupante que o governo tenha acionado a Polícia Federal num caso em que a liberdade de crítica e de oposição não pode ser cerceada

Não será pela tentativa de controlar o que o outro lado diz que a administração petista conseguirá equilibrar esse jogo. Uma corrida desesperada para distribuir benesses também só tenderá a agravar o problema de base —a gastança— sem melhorar o apreço pelo Executivo federal.

Não há atalhos que não sejam custosos econômica e politicamente. Aderir sem rodeios ao cânone da responsabilidade orçamentária e controlar despesas é o melhor que o governo Lula tem a fazer se quiser evitar dissabores na eleição do ano que vem.

Política não pode ameaçar o direito ao aborto legal

Num país em que meninas estupradas têm dificuldade para realizar o procedimento, é vergonhoso que o governo Lula tenha atuado contra resolução que visa ampliar acesso à interrupção da gravidez nesse estrato

Como indicam estatísticas e diversos casos recentes, há obstáculos ao acesso ao aborto legal no Brasil, principalmente para menores de idade.

Sabendo-se que esse grave problema de saúde pública atinge sobretudo a população mais pobre e que ele deve ser enfrentando com base em evidências, causa espécie que o governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tenha atuado para barrar uma resolução do Conselho Nacional da Criança e do Adolescente (Conanda) que estabelece diretrizes para o procedimento nessa faixa etária.

O órgão, que integra o Ministério dos Direitos Humanos (MDH), aprovou a norma em 23 de dezembro com placar apertado: 15 votos a favor, de representantes da sociedade civil, e 13 contrários, de representantes da Esplanada.

Segundo apuração da **Folha**, a orientação para que os conselheiros ligados ao Planalto vetassem o documento veio da Casa Civil.

O texto fora debatido desde junho, com ampla participação de da gestão petista; um pedido de vista da secretária nacional de defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente foi aceito.

O governo tentou até uma manobra regimental de última hora, com um pedido de vista feito pelo conselheiro da Casa Civil no dia da votação, que foi recusado.

Num movimento incomum, a senadora bolsonarista Damares Alves (Republicanos-DF) usou a negação do pedido de vista para ingressar com ação na Justiça contra a resolução, que foi suspensa, mas enfim liberada no dia 6 de janeiro e publicada no dia 8.

Lula enfrenta desafios de governabilidade com forte oposição no Congresso, notadamente da ala conservadora.

Mas isso não justifica que o direito ao aborto garantido a meninas violentadas —segundo o Código Penal, sexo com menor de 14 anos é estupro de vulnerável, e mulheres que sofrem esse tipo de agressão têm autorização para interromper a gravidez— seja tratado com desmazelo em prol de interesses políticos.

Em 2021, das 1.556 internações relacionadas a abortos na faixa de 10 a 14 anos, só 131 (8%) tinham causas autorizadas, como estupro; a rede que realizava aborto legal estava em apenas 3,6% dos municípios

Os gargalos são evidentes. Em 2021, das 1.556 internações relacionadas a abortos na faixa de 10 a 14 anos, só 131 (8%) ocorreram por causas autorizadas, como estupro; os 290 estabelecimentos que realizavam aborto legal estavam em 3,6% dos municípios.

A taxa de partos no estrato de 10 a 14 anos no Norte do país (4,72 por 1.000 mulheres) em 2023 foi superior à da África subsaariana (4,4), a pior do mundo.

O governo precisa fazer valer a lei, zelar pela saúde reprodutiva e, no limite, pela vida das meninas brasileiras. Nem moralismos nem a política podem se sobrepor a esse dever civilizatório.

FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio (*financeiro, planejamento e novos negócios*), Anderson Demian (*mercado leitor e estratégias digitais*), João Cestari (*tecnologia*) e Marcelo Benez (*comercial*)
CIRCULAÇÃO FOLHA (VERIFICADO POR PWC)
860.629 - Fechamento 1º Semestre de 2024
Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa.
Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/

Jean Galvão



COLUNISTAS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Pecados da colonização

Hélio Schwartsman

SÃO PAULO Como sempre ocorre quando o João Pereira Coutinho elogia um livro, corri para adquiri-lo e lê-lo. Não foi diferente com "On Settler Colonialism" (sobre o colonialismo de assentamento), de Adam Kirsch. O livro é bom.

Confesso que não conhecia essa moda ideológica universitária. Se seus proponentes se limitassem a reconhecer que várias nações foram forjadas a partir de um processo de colonização que resultou na subjugação ou eliminação de populações que já viviam naquelas áreas, eu seria o primeiro a subscrevê-la. Não dá para negar a história.

Os adeptos dessa escola interpretativa, porém, vão mais longe. Para eles, o processo de formação dessas nações carrega uma mácula que só seria sanada com a devolução das terras aos povos originários e a retirada dos invasores. E isso beira o delírio. Dos mais de 300 milhões de norte-americanos, menos de 3% descendem dos indígenas. Algo parecido vale para Brasil, Austrália etc.

Na congestionada Eurásia, a coisa fica pior. Lembro o caso da Crimeia. De 700 a.C. para cá, a península foi controlada por cimérios, búlgaros, gregos, citas, romanos, godos, hunos, cazares, bizantinos, venezianos, genoveses, kipchaks, otomanos, tártaros, mongóis, russos, alemães e ucranianos. Pode ser desafiador distinguir invasores de invadidos. O colonizador de ontem tende a ser a vítima da invasão subsequente.

O propósito de Kirsch ao escrever a obra é explicar a mais recente transfiguração do antissemitismo, que ganha adeptos nas universidades. Seria legítimo lançar os judeus ao mar porque eles seriam os novos colonizadores, que roubaram a terra da população palestina originária.

Não é um raciocínio que passe no teste da historiografia. Não se trata por óbvio de negar que Israel comete crimes contra os palestinos. Eles se dão à vista de todos. Mas não dá para esquecer que, em algum momento da história, os judeus foram a população invadida daquela região. E houve outro momento em que os palestinos apareceram ali como invasores, desalojando algum outro povo.

Essa é mais ou menos a história de todas as nações.

helio@uol.com.br

O que Lula deve esperar do Congresso

Raphael Di Cunto

BRASÍLIA A eleição do novo comando do Congresso marcará uma nova fase do governo Lula (PT). Há quem aposte que as dores de cabeça com o Senado farão os petistas lembrarem, saudosos, dos tempos de desavença com Arthur Lira.

Apesar do jeito zombeteiro, Davi Alcolumbre (União-AP) é considerado duro de negociar e com apetite por cargos —do funcionário que serve o café ao presidente de estatal. É famoso por entrar "em modo avião", inacessível por telefone, quando não quer falar com alguém. Não importa se é um senador, um ministro ou o chefe de outro Poder.

Mesmo devedor de Bolsonaro, o senador travou por meses a votação de André Mendonça para o STF por preferir outro nome. Já sob Lula, agências reguladoras estão acéfalas pelo mesmo motivo.

Alcolumbre voltará à presidência com mais poder, eleito por quase unanimidade, numa aliança com o governo, mas também com a oposição. Se no primeiro biênio o PL ficou isolado, disputar contra Rodrigo Pacheco (PSD-MG), a adesão agora recomenda cautela à esquerda.

O tamanho do estrago pode ser antecipado pelo que o PL fez na Câmara quando teve espaço. Na Comissão de Fiscalização, convocou 14 ministros em um ano. Na de Constituição e Justiça, direcionou o debate à pauta conservadora —aborto, retaliação ao Judiciário, voto impresso.

A oposição pediu a Alcolumbre apoio para suas pautas e terá. O governo pediu ajuda para sobreviver e votar a pauta econômica. Também terá. Há, porém, um cálculo político que talvez faça a balança pender à direita. Ele quer se reeleger em 2027, quando o PL deve ter ainda mais peso no Senado. Logo, fará gestos para manter esse eleitor satisfeito.

Na Câmara, o risco certo é o PL na vice-presidência. Altineu Côrtes (RJ) faz a ponte do "Centrão do PL" com o Palácio, mas não deixa de ser oposição e presidirá as sessões do Congresso para votar vetos presidenciais e o Orçamento se Alcolumbre escalá-lo.

Em busca de freios e contrapesos, o Palácio endossou Hugo Motta (Republicanos-PB) na Câmara. Petistas defendem que ele é aberto ao diálogo, que o pai votou em Lula e que negociará em melhores termos. A ver.

Tirânico e cruel, tratava a família a chicotadas

Ruy Castro

RIO DE JANEIRO Uma das primeiras seções a que corro para ler nos jornais é a dos obituários. Não por morbidez crônica nem para ver se algum amigo subiu e nem mesmo para me certificar de que não sou o objeto dele.

Há muitos casos de pessoas dadas por engano como mortas e que leram o próprio obituário: o inventor (da dinamite e do prêmio) Alfred Nobel, o empresário circense (autor da frase "Nasce um otário por minuto") P.T. Barnum, os escritores Mark Twain, Bertrand Russell e Ernest Hemingway, o astro do beisebol e marido (de Marilyn Monroe) Joe DiMaggio, o beatle Paul McCartney, o presidente Ronald Reagan, o papa João Paulo 2º. Nenhum deles, nem o papa, se sabia possuidor de todas as qualidades que lhes eram atribuídas pelo obituário.

Pois é para isso que vou direto à página sobre as pessoas recém-falecidas e dignas de recordação —para melhorar a ideia não muito positiva que faço do ser humano e ficar mais otimista quanto ao futuro da Humanidade. Se a quantidade de gente boa sobre a Terra for proporcional à que estrela os obituários, não temos do que nos queixar: vivemos cercados de pessoas honestas, sensíveis, caridosas, puras de coração. Pelo menos é assim que os obituários as descrevem.

Estou para ver um obituário que, ao contrário, diga o seguinte. "Fulano de Tal (1965-2025). Tirânico e cruel, tratava a família a chicotadas. Fulano era um pai e marido exemplar. Acreditava que a maneira certa de educar um filho era puxando-lhe as orelhas, dando-lhe coques no crânio com o nó dos dedos e vergastando-o regularmente com seu cinto. Se ele chorasse, ordenava: 'Engole o choro! Engole o choro!'. Sua esposa, d. Beltrana, ao tentar proteger seu filho, entrava também na surra. E, se um vizinho ousasse intervir, apanhava também. Fulano era conhecido por dar desfalques na praça, não pagar dívidas e passar cheques sem fundos. Morreu ontem, de um AVC, em Botucatu (SP). Deixa a mulher, o filho Beltraninho e a amante Sicrana. Seu enterro foi muito concorrido —os amigos queriam se certificar de que ele morrera mesmo."

Mas essas pessoas devem ser imortais. Nunca estão nos obituários.

A cidade acorrentada por facções

Na prática, traficantes, milicianos e Estado compartilham os protocolos sobre quem deve morrer e viver

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "Pensar Nagô" e "Fascismo da Cor". Escreve aos domingos

Décadas atrás, exposta numa galeria como escultura, havia uma corrente de metal fixada a um tronco por fibras. Essa ideia de uma corrente aprisionada nos retorna agora na notícia alarmante de uma penitenciária em vias de ser encarcerada por uma teia urbanística. Trata-se nada menos de um complexo com 25 unidades penais (hospitais, institutos e penitenciárias), localizado na zona oeste do Rio. O singular aprisionamento consiste no cerco da penitenciária por uma rede de moradias destinada a controlar, por proximidade e recursos eletrônicos, o cotidiano dos detentos.

O aparente acaso é, na verdade, efeito de uma especulação imobiliária predatória e sintoma forte da ocupação espacial por facções criminosas. A questão é nacional, mas o Rio extrapola, está conflagrado pelo crime, quem erra de rua acaba morto. Em lugar nenhum do mundo, fora situações de guerra, é concebível que mais de 70 por cento de um território metropolitano possa ser controlado por bandidos. Aliás, "soldados de Jesus", como se autodenominam os traficantes da Tropa de Aarão, referência ao irmão mais velho de Moisés. Tal é o Complexo de Israel na zona norte. "Peixão", o intocável tirano local, é um Netanyahu fora do lugar.

Diante do mais-que-dantesco, causa perplexidade a rejeição de governadores ao plano federal de um Sistema de Segurança Único. Na superfície, efeito danoso da polarização política. Motivos mais fundos, porém, lastreiam essa atitude regressiva, que desde o início da República se configura como estratégia discursiva do Estado para operacionalizar o genocídio do negro e das classes subalternas. "Foi o 'topos' da segurança pública que permitiu à elite brasileira operar a migração integral da estrutura de poder colonial para a República, quando não podia se ancorar na justificativa da superioridade ontológica" (Jorge Augusto em "Modernismo Negro").

O aparente acaso é, na verdade, efeito de uma especulação imobiliária predatória e sintoma forte da ocupação espacial por facções criminosas

Entenda-se: a pretensa superioridade branca é insustentável na modernidade republicana, o que deixa à retórica da segurança espaço para funcionar como "dispositivo que agenciou a migração da violência colonial para o século vinte", diz Augusto. Com a segregação espacial baseada na ideia de raça, "o território marca então as fronteiras do exercício da violência, onde se normalizam a precarização material e a insalubridade, produzindo em larga escala a morte social e física da população negra e pobre, como nas antigas senzalas".

Uma máquina de morte oficial transforma cidades e florestas em campos minados para a cidadania. Os governadores que reiteram a política de extermínio puro e simples não são só bolsonaristas, mas comparsas de uma colonialidade voltada para o controle biopolítico da nação. Reafirmam o desejo elitista de morte contra o povo urbano e os povos originais, em especial em metrópoles como Rio e São Paulo, ou no agro do centro-oeste, onde brota uma espécie transgênica de fascismo.

Na prática, traficantes, milicianos e Estado compartilham os protocolos sobre quem deve morrer e viver. Uma parceria necropolítica cuja matriz é a mesma da droga, em que a vítima é cúmplice voluntário ou forçado do criminoso. Mas, como de praxe entre bandidos, algo saiu de controle: tornando-se sistêmica, a violência ameaça a todos. É a circularidade mítica, a cobra engole a própria cauda.

Eufrázio

opinião

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias
debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Desafios e oportunidades da COP30 para o Brasil

Conferência será uma vitrine global para demonstrar nosso compromisso com o futuro do planeta

João Doria
Empresário, é ex-governador de São Paulo (jan.2019 a mar.22) e ex-prefeito de São Paulo (jan.2017 a abr.2018) pelo PSDB

A 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, a COP30, marcada para novembro deste ano em Belém, no Pará, põe o Brasil no epicentro das discussões sobre sustentabilidade, um dos principais desafios globais do mundo atual. Sediar o evento será uma oportunidade histórica. O país deve não apenas liderar as negociações climáticas, mas também mostrar ao planeta que é possível conciliar crescimento econômico com sustentabilidade ambiental. Para que essa agenda positiva se efetive na prática, é preciso clareza nas prioridades e alinhamento entre diversos setores da sociedade.

O primeiro ponto a ser destacado é a preservação da Amazônia, que ocupa 60% do território brasileiro. A região é um dos maiores reservatórios de biodiversidade do planeta, desempenhando papel fundamental na regulação do clima mundial. O Brasil precisa lidar com o complexo equilíbrio entre a preservação ambiental e o desenvolvimento socioeconômico de uma região que ainda enfrenta enormes desafios de pobreza e desigualdade. Atender aos interesses legítimos das populações locais é mais do que um desafio, é um dever do governo brasileiro — aliás, de todos nós.

Essas oportunidades vêm com a riqueza natural do Brasil, que inclui recursos essenciais para a transição energética global, como minérios raros e uma matriz energética limpa, com destaque para hidrelétricas e biocombustíveis. O país tem condições de liderar essa transição, mas para que isso aconteça é necessário que os recursos naturais se convertam em benefícios econômicos sustentáveis, respeitando os compromissos climáticos e atendendo principalmente a população mais vulnerável do país.

O Brasil assumiu, por meio da Contribuição Nacionalmente Determinada (NDC), o compromisso de reduzir as emissões de gases de efeito estufa em 67% até 2035, em relação aos níveis de 2005. Esse compromisso está alinhado com o Acordo de Paris, mas sua efetividade dependerá de um pacto nacional, que envolve governo, iniciativa privada e sociedade civil.

Ao liderar a organização da COP em Belém, o competente governador do Pará, Helder Barbalho, oferece acertadamente uma amostra de como esse alinhamento entre os setores da sociedade é importante. Para adaptar Belém para receber cerca de 40 mil visitantes para o evento, ele buscou recursos públicos para as obras, motivou a iniciativa privada, reorganizou a cidade e vem preparando a população paraense. Mesmo com todo esse esforço, o governador sabe os problemas que vai enfrentar na COP.

O país tem a responsabilidade de concretizar compromissos como a rastreabilidade da produção agropecuária, uma estratégia fundamental para garantir que a agricultura brasileira não contribua para o desmatamento ilegal. Já a indústria precisa adotar tecnologias limpas e uma matriz energética que contribua para a descarbonização.

O país precisa lidar com o complexo equilíbrio entre a preservação ambiental e o dsenvolvimento socioeconômico de uma região que ainda enfrenta enormes desafios de pobreza e desigualdade

O financiamento da transição climática é outra questão importante, especialmente diante das dificuldades fiscais globais. No entanto, a criação de um mercado global de carbono pode ser uma solução viável. Esse mercado permitiria que países e empresas compensassem suas emissões por meio de investimentos em tecnologias limpas. E há clara disposição do setor produtivo em colaborar.

O Brasil, com sua abundante oferta de energia renovável, pode se tornar um grande exportador de produtos energéticos de baixo carbono, como hidrogênio verde e combustíveis sustentáveis para a aviação. Isso não só contribuirá para o combate às mudanças climáticas, mas também abrirá novas perspectivas de crescimento econômico para o país.

Nesse cenário, o Brasil tem potencial para transformar os desafios climáticos em oportunidades de crescimento sustentável. A conferência será uma vitrine global para demonstrar nosso compromisso com o futuro do planeta, provando que, diante do maior desafio do século 21, o Brasil é parte da solução. Não podemos perder essa vaga na história.

A prisão do general Braga Netto e a Lava Jato no retrovisor

Defesa do general ainda não teve acesso aos termos da suspeitíssima delação de Mauro Cid

José Luis Oliveira Lima e Rodrigo Dall'Acqua
Advogados criminalistas, integram a defesa do general Braga Netto

O ideal seria defender o general Braga Netto nas páginas do processo, e não na **Folha**, mas, dado que o caso é frequentemente abordado na imprensa, sentimos a necessidade de ocupar este espaço. É fundamental que uma parte da sociedade compreenda a importância do direito de defesa, que garante ao acusado o acesso aos autos e às provas que foram apresentadas contra ele.

Além disso, é crucial que a imprensa exerça cautela ao utilizar termos como "golpista", especialmente quando não há uma acusação formal, processo em trâmite ou uma condenação consolidada pelo Judiciário.

A prisão preventiva do general Braga Netto exemplifica o mau uso da colaboração premiada e infringe o princípio constitucional que estabelece a liberdade como regra e a prisão como exceção.

A PF fundamenta o envolvimento dele na chamada trama golpista com base no depoimento de Mauro Cid, ex-ajudante de ordens de Bolsonaro, que já prestou declarações diferentes em mais de uma dezena de ocasiões. Após ser preso e assinar um acordo de delação, Cid foi solto, mas disse ter sido coagido pelos policiais, que o pressionaram com a ameaça de uma longa pena de prisão. Ele revelou que as autoridades não buscavam a verdade, mas sim a confirmação de uma narrativa preestabelecida.

Após essas graves denúncias, Cid foi novamente preso e só libertado após novos depoimentos, momento em que então começou a acusar Braga Netto. Uma acusação oriunda de uma delação tão problemática deveria ser tratada com cautela, mas, surpreendentemente, foi utilizada para decretar a prisão preventiva do general antes mesmo do devido processo legal, sem garantir as mínimas condições de ampla defesa.

A justificativa para essa prisão foi uma suposta tentativa de obstrução da justiça, com a alegação de que o general tentaria acessar informações da delação de Cid para interferir nas investigações. No entanto, essa prisão foi baseada em presunções, sem a apresentação de fatos concretos que a justificassem, conferindo irrestrita credibilidade a um colaborador que já havia declarado ter sofrido coação.

Passados mais de 30 dias de sua prisão, a defesa do general ainda não teve acesso aos termos da suspeitíssima delação de Mauro Cid. Imagine-se o leitor deste conceituado jornal nessa mesma situação: preso sem saber o motivo.

Prisão foi baseada em presunções, sem a apresentação de fatos concretos que a justificassem, conferindo irrestrita credibilidade a um colaborador que já havia declarado ter sofrido coação

Uma das lições mais importantes da Operação Lava Jato é que, no âmbito do processo penal, os fins não justificam os meios. Não se pode cometer ilegalidades em nome do combate à corrupção, assim como não se justifica a violação da Constituição Federal em nome de uma suposta defesa do Estado democrático de Direito.

A repetição de padrões da Lava Jato é alarmante. A hipervalorização da delação premiada e a banalização da prisão preventiva foram marcas registradas dessa operação. O método de libertar investigados apenas após a assinatura de acordos de delação, duramente criticado pelo ministro Gilmar Mendes, repetiu-se no recente caso de Mauro Cid.

A impressão que se tem é que, independentemente do espectro político dos investigados, os abusos e ilegalidades permanecem inalterados. Em 2025, ao retornar do recesso judiciário, espera-se que o STF reavalie o uso da prisão preventiva, respeitando os limites da Constituição Federal e revogando a prisão do general Braga Netto, em defesa do Estado democrático de Direito e da credibilidade da Justiça brasileira.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor
leitor@grupofolha.com.br

Congresso Nacional

"Deputados bolsonaristas fazem caravana aos EUA para posse de Trump" (Política, 16/1). Para aderir ao baile, basta pagar o convite vendido pelo site. Assistir à posse, a mesma coisa. Basta enviar o pedido online e preencher o cadastro. Essa gente acha que engana a quem?
Silvia Ramos (São Paulo, SP)

☆

São hilários. Me lembra penetras em festas de socialites, aqueles que fazem de tudo para aparecer na coluna das revistas de fofoca. Fico pensando como Chico Anysio descreveria tais personagens.
Elvira Xavier Gomes (Vitória, ES)


Bonecos de Bolsonaro e Trump em ato bolsonarista na avenida Paulista, em São Paulo, em 2024 Eduardo Knapp · 14.jul.24/Folhapress

Segurança pública

"Argentina tem diminuição histórica de assassinatos, com menor taxa em 25 anos" (Mundo, 16/1). Como a miséria do povo não é levada em conta, o governo de lá vai muito bem. A propaganda do cara cabeludo vai de vento em popa nos jornais daqui.
Eduardo Elói (São Paulo, SP)

☆

Se armas e munições têm seus preços atrelados ao dólar, não é de se admirar que os assassinatos caíram.
Leandro Piva (Foz do Iguaçu, PR)

Acidente aéreo

"Dono de empresa de apostas online e mulher morrem em queda de helicóptero" (Cotidiano, 17/1). Acho helicóptero uma máquina fantástica, mas tem suas limitações que devem ser seguidas. Lamento pelo jovem casal!
Carlos Tardivo (São Paulo, SP)

☆

Triste isso. Uma família jovem e próspera. Meus sentimentos.
Luiz Antônio de Lima Ferreira (Guarulhos, SP)

Sucesso internacional

"Fernanda Torres foi parada em aeroporto por levar o Globo de Ouro na bagagem" (Ilustrada, 17/1). Fernanda, você é incrível com toda sua originalidade e simpatia! Como não te venerar?
Teodoro Vieira Novo (Mairiporã, SP)

☆

Viva o Brasil, viva nossa cultura e nosso povo brilhante! Vamos educar nossos filhos para superar a síndrome de vira-lata!
Marcio Soares (Campinas, SP)

Assunto Big techs ameaçam a democracia do país?

Com certeza. Ameaça para qualquer democracia liberal. O mundo livre está sob ataque da extrema direita, que utiliza a desinformação para concentrar poder. Não há muito o que fazer, o máximo que pode ser feito é reduzir danos. O pior já foi feito, a desinformação já fanatizou o povo. Sem consenso, sem evidência, sem verdade, não há democracia.
Celso Ferreira da Silva Junior (Florianópolis, SC)

☆

Não, de forma alguma. Hoje em dia é fato consumado que o STF está exercendo maiores poderes do que deveria e, em momentos da história em que há discrepância de poderes, maior controle sobre a população é gerado. As big techs são formas de "entregar poder" para a população, além de manter a liberdade de expressão. Não podemos nos curvar tanto para autoritários de esquerda, direita ou quem quer que seja!
Daniel Miranda de Moura (Rio de Janeiro, RJ)

Não. Responsabilidade é de quem postou.
Renato Bastos Pope (Joinville, SC)

☆

Não. A legislação penal brasileira é suficiente para sancionar crimes de injúria, difamação e calúnia. Além da legislação sobre racismo e homofobia. Caso notificada pelo Poder Judiciário para retirada de conteúdo ofensivo, e as big techs não tomarem providências, poderão seus executivos serem responsabilizados.
Edmundo Salgado (São Paulo, SP)

☆

Sim. É necessário aplicar as mesmas limitações que sujeitam as demais empresas de comunicação, tais como televisão, jornais etc. Nossa legislação já permite responsabilizar incitação ao crime, assédio, discriminação etc. As plataformas virtuais não podem ser um mundo sem lei.
Ana Alice Queiroz (São Paulo, SP)

Sim, sem dúvidas. A falta de transparência nos algoritmos dessas empresas, que priorizam o engajamento acima de qualquer valor ético, contribui para amplificar conteúdos sensacionalistas, reforçando bolhas de opinião e silenciando vozes dissonantes.
Kelly Almeida (Vitória, ES)

☆

Não podemos deixar a nossa soberania nacional à mercê do que tem começado a se configurar como oligarquias digitais globais.
Mark Cardoso (São Paulo, SP)

☆

A certeza do não cerceamento de forma arbitrária e/ou voluntária é a maior garantia para a liberdade de expressão e, por consequência, para a democracia, que se pode ter. O Marco Civil já é bastante claro no que diz respeito às formas de responsabilização. Se alguém se sentir ofendido, deve acionar a Justiça.
Guilherme Neves (Recife, PE)

FOLHA DE S.PAULO UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

EDIÇÃO DIGITAL ILIMITADA R$ 29,90 (plano mensal)
EDIÇÃO DIGITAL PREMIUM R$ 49,90 (plano mensal)

EDIÇÃO IMPRESSA	VENDA AVULSA seg. a sáb.	dom.	ASSINATURA MENSAL* Todos os dias
SP	R$ 7,90	R$ 9,90	R$ 204,90
MG, PR e RJ	R$ 7,90	R$ 9,90	R$ 209,90
DF e SC	R$ 8,90	R$ 11	R$ 266,90
ES, GO, MT, MS e RS	R$ 9,90	R$ 12	R$ 334,90
AL, BA, PE, SE e TO	R$ 14,90	R$ 15,50	R$ 361,90
Outros estados	R$ 15,90	R$ 16,50	R$ 448,90

* Com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

REDAÇÃO SÃO PAULO
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

OMBUDSMAN
ombudsman@grupofolha.com.br
0800-015-9000 (das 14h às 18h)

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3224-3090 | 0800-775-8080

ATMOSFERA



Fonte: www.climatempo.com.br

BLOQUEIO DE RUAS

Vias fechadas para carros e exclusivas para pedestres em São Paulo neste domingo (19), devido ao programa Ruas Abertas no Centro

ONDE

- Avenida Paulista: entre a praça do Ciclista e a praça Oswaldo Cruz;
- No bairro da Liberdade: rua dos Estudantes (entre a av. da Liberdade e a r. da Glória); rua Américo de Campos (entre a r. Galvão Bueno e a r. da Glória); rua Galvão Bueno (entre a r. dos Estudantes e a r. Américo de Campos); e rua dos Aflitos.

QUANDO Neste domingo (19), das 9h às 16h.

TRANSPORTE PÚBLICO

CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos) tem mudanças em sua operação neste domingo (19)

SERVIÇO 710 (LINHAS 7-RUBI E 10-TURQUESA)

- O serviço 710, que liga as linhas 7 e 10 da CPTM, será interrompido até as 8h. Dessa forma, os passageiros precisarão desembarcar na estação Luz, ponto final de ambas as linhas, e fazer baldeação para prosseguir viagem;
- A circulação entre as estações Francisco Morato e Campo Limpo Paulista será interrompida das 6h às 19h. Ônibus do sistema Paese serão acionados para atender o trecho, inclusive para quem deseja desembarcar ou embarcar na estação Botujuru.

EXPRESSO AEROPORTO

- Trens que saem da estação Aeroporto-Guarulhos iniciarão viagem com 13 minutos de atraso das 4h às 10h e das 15h às 20h.

As mudanças operacionais se devem a operações de manutenção, limpeza, substituição de trilhos, soldas, além de uma obra da Prefeitura de Francisco Morato para a construção de um viaduto. Nas cinco linhas operadas pela companhia, os trens circulam hoje com intervalo médio de 35 minutos, de acordo com a CPTM.

ACERVO FOLHA

Leia mais em acervo.folha.com.br

HÁ 100 ANOS | 19.JAN.1925


Folha da Noite

Fado com guitarras vai fechar festival de artista portuguesa

Será realizado nesta terça-feira (20) no Casino Antarctica, em São Paulo, o festival artístico da atriz e cantora portuguesa Zulmira Miranda, um dos principais nomes da Companhia de Revistas do Eden Theatro de Lisboa. Para esse evento, ela escolheu um excelente programa e levará ao palco, em primeira apresentação na atual temporada, a popular revista "O 31", incumbindo-se de interpretar vários papéis.

Eufrázio

PAINEL

Danielle Brant (interina)
painel@grupofolha.com.br

Tique-taque

A possível saída dos governadores do PSDB deve acelerar as negociações em torno da fusão do partido, avaliam integrantes do PSD e MDB, que veem o poder de barganha dos tucanos se esfarelando caso a legenda demore muito a tomar uma decisão sobre seu futuro político. Hoje, o PSDB tem três nomes comandando governos estaduais: Eduardo Leite, no Rio Grande do Sul; Eduardo Riedel, no Mato Grosso do Sul, e Raquel Lyra, em Pernambuco —e que deve puxar em breve a fila de ex-filiados do PSDB.

O ÚLTIMO A SAIR... A pernambucana deve ir para o PSD, de Gilberto Kassab. Há uma expectativa de que Raquel comande o diretório estadual da legenda. Sob reserva, um integrante do PSD avaliou que o PSDB deveria acelerar a tomada de decisão sobre seu destino enquanto ainda tem os três governadores como filiados.

...APAGUE A LUZ A visão é semelhante entre emedebistas, que consideram que o PSDB precisa negociar agora sob risco de perder poder de influenciar os rumos da fusão. A aliados, a governadora de Pernambuco sinalizou intenção de decidir seus próximos passos entre o final de janeiro e o início de fevereiro. Com isso, os tucanos teriam em torno de duas semanas para agilizarem as negociações, segundo estimativas de membros do PSD.

PREVENÇÃO
O ministro Waldez Góes (Integração e do Desenvolvimento Regional) prevê levar ainda neste trimestre para o Norte, Nordeste e Centro-Oeste o sistema de alerta da Defesa Civil voltado à população em áreas de alto risco de desastres naturais. A ferramenta já foi implementada no Sul e no Sudeste, regiões que costumam ser atingidas por fortes chuvas nesta época do ano.

RESPOSTA A DPU (Defensoria Pública da União) solicitou que a Procuradoria-Geral da República questione judicialmente uma lei de Bento Gonçalves (RS) que prevê sanções para beneficiários que fraudarem o Bolsa Família. A lei começou a valer na cidade gaúcha no início deste ano após sanção do prefeito reeleito Diogo Siqueira (PSDB). Ela estabelece sanções administrativas, como multa de R$ 7.200, e incentivos para a regularização de casos envolvendo o uso de informações falsas em benefícios sociais.

FUTURO CHEGOU A ministra Luciana Santos (Ciência e Tecnologia) defende a regulamentação da inteligência artificial no país e afirma que a tecnologia vai ajudar a ampliar a capacidade de planejamento do governo federal ao integrar dados que hoje estão pulverizados entre vários ministérios e entes federados.

NA TORCIDA "Nós precisamos cruzar esse conjunto de dados que as instituições historicamente produzem, de modo a ter uma capacidade de planejamento muito maior no Brasil e de maior acerto de eficiência, de diminuir desperdício", ressalta a ministra.

TRÊS PODERES

VENCEDOR DA SEMANA
O deputado federal **Nikolas Ferreira (PL-MG)**, que viralizou com um vídeo contra o aumento da fiscalização do Pix e viu o governo recuar da medida.

PERDEDOR DA SEMANA
O governador de Santa Catarina, **Jorginho Mello**, que se envolveu em polêmica racista após dizer que Pomerode "se destaca pela cor da pele das pessoas".

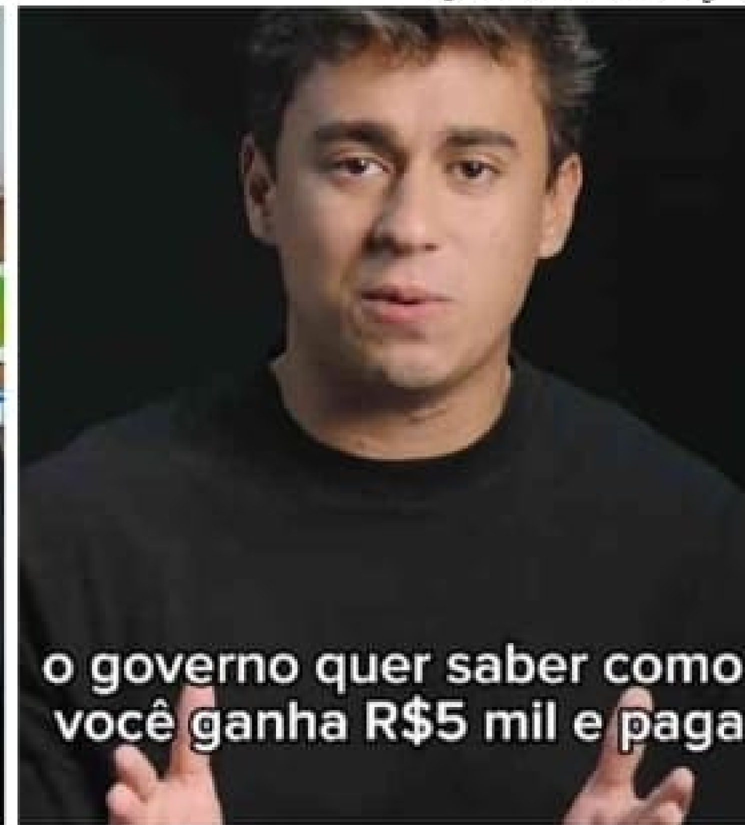
FIQUE DE OLHO
Presidente Lula (PT) realiza reunião ministerial nesta segunda-feira (20) em meio à novela da reforma; republicano **Donald Trump** toma posse nos EUA.

com Artur Búrigo, Júlia Barbon e Victoria Azevedo

@lulaoficial no Instagram



@nikolasferreiradm no Instagram



Lula publicou vídeo nesta semana para rebater onda de desinformação de que Pix passaria a ser taxado; com vídeo que passou de 300 milhões de visualizações, deputado Nikolas Ferreira foi principal porta-voz da oposição

Bolsonarismo dribla derrotas, vê virada com crise do Pix e acende alerta na base de Lula

Aliados de Bolsonaro citam 'raiva generalizada' em relação a petista, enquanto governistas admitem que há dificuldade de comunicação

Joelmir Tavares

SÃO PAULO Aliados de Jair Bolsonaro (PL) computaram uma vitória com a crise do Pix e usaram o recuo do governo Lula (PT) para tentar se fortalecer após reveses, como o indiciamento do ex-presidente no caso da trama golpista e o risco de ele virar réu.

No campo governista, o alerta provocado pela mobilização contrária nas redes expôs desafios para o plano de conquistar novo mandato em 2026.

A principal fragilidade admitida por integrantes do governo é na comunicação, com a já conhecida dificuldade da esquerda de fazer frente aos conservadores na esfera digital.

O vídeo do deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG), que viralizou com especulações sobre taxação das transações bancárias, apontou para a urgência de reação na área, agora entregue por Lula ao marqueteiro Sidônio Palmeira, que assumiu a Secom (Secretaria de Comunicação da Presidência).

"O episódio do Pix simboliza uma virada na batalha política do Brasil e revelou uma verdade inquietante que a própria esquerda admitiu publicamente: o governo Lula está capenga", diz a deputada federal Carla Zambelli (PL-SP), que vê se criar um clima para manifestações por impeachment.

A controvérsia sobre o Pix ocorreu após uma série de dissabores para o bolsonarismo, que incluem o cerco jurídico aos 40 indiciados pela Polícia Federal. Àquela altura, o grupo já amargava o derretimento da pauta de anistia para envolvidos nos ataques do 8 de janeiro.

Por outro lado, a direita no Brasil vê chances de ser beneficiada por novos ventos no plano internacional, com a posse, nesta segunda-feira (20), de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos, e o anúncio da Meta sobre o fim de seu programa de checagem e a derrubada de filtros no Facebook e Instagram.

"Agora vamos ter um pouco mais de liberdade para fazer a discussão política nas redes", diz o deputado estadual Gil Diniz (PL-SP). "A questão do Pix só canalizou a raiva generalizada que a população está sentindo. Chegou até as pessoas despolitizadas e uniu gregos e troianos contra o Lula."

Para ele, que é próximo da família Bolsonaro, decisões do ministro do STF Alexandre de Moraes como negar o pedido do ex-presidente para ir à posse de Trump reforçam a impressão de perseguição e aglutinam a base.

"O Bolsonaro não perdeu capital político. Tem coisas que adormecem um pouco o sentimento [dos bolsonaristas], mas continuamos com o [ex-]presidente. Temos possibilidade de voltar ao poder, sim. Na ausência dele, a minha aposta é no Eduardo [Bolsonaro, deputado]", diz.

Para Zambelli —que, assim como Diniz, viajou para a posse nos EUA—, a direita exibe resiliência em momentos de adversidade. "Mesmo silenciosamente, não recuamos", diz ela, lembrando que Bolsonaro pontua em pesquisas para 2026 —ele trabalha pela reversão da inelegibilidade, apesar da chance remota.

O senador Randolfe Rodrigues (PT-AP), líder do governo Lula no Congresso, contemporiza a crise do Pix lançando mão de metáforas do futebol. "A gente está disputando um campeonato de pontos corridos. O time pode até perder um jogo, mas não pode é perder o campeonato", diz.

No racha da esquerda em torno da revogação da norma da Receita Federal para fiscalizar as transações, anunciada na quarta-feira (15), Randolfe ficou do lado dos que consideraram a medida acertada, já que, "em uma partida inglória, é melhor encerrá-la logo e partir para outra".

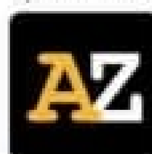
Outras correntes avaliam que o governo demonstrou falta de pulso, foi lento e abriu um flanco ao ceder à pressão bolsonarista nas redes, algo preocupante do ponto de vista eleitoral.

Randolfe diz que o episódio está superado e que o governo "tem muito mais a mostrar" do que a oposição quando ocupou o Planalto. "As informações do que estamos fazendo pelo povo têm que chegar às pessoas", afirma, pregando o combate às fake news como única saída.

Para Erika Hilton (PSOL-SP), líder da bancada da federação PSOL-Rede na Câmara, a prioridade é regular as redes —tema que a direita explora no sentido de acusar censura. A deputada chama de criminosa a circulação de um vídeo falso feito por inteligência artificial no qual um clone virtual do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, falava da criação de supostos impostos sobre Pix e animais de estimação.

"A lição que fica é que o governo precisa de uma comunicação mais ágil, com previsibilidade e plano de contenção. É preciso falar a língua das pessoas e de maneira clara, para que elas não se percam em narrativas falaciosas", diz Erika, para quem o Planalto "deu uma carta na mão da extrema direita" ao não se antecipar para explicar a norma da Receita. "Foi um estrago grandioso."





2024
+ DE 2500 APROVAÇÕES
nos principais vestibulares!

2025
SOMOS NOTA MIL NO ENEM!

Das 12 notas mil de Redação no Brasil, 2 são do Grupo SEB.
E ainda conquistamos várias notas máximas em matemática e humanas!

AMANDA CHAGAS
ESCOLA AZ


SABRINA AYUMI
ESCOLA THATHI-AZ


MATRÍCULAS ABERTAS
seb.com.br
GRUPO SEB

Eufrázio



O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) beija sua mulher, Michelle, antes dela embarcar para os Estados Unidos Ueslei Marcelino/Reuters

Bolsonaro diz esperar que Trump ajude a reverter sua inelegibilidade no Brasil

Ex-presidente não detalhou como isso poderia ser feito e se emocionou ao mencionar que não irá para a posse nos EUA

Marianna Holanda

BRASÍLIA O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) disse neste sábado (18) esperar que o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ajude com sua inelegibilidade no Brasil. Ele, contudo, não detalhou como isso poderia ser feito.

Bolsonaro falou com jornalistas no aeroporto de Brasília, após deixar Michelle Bolsonaro. A ex-primeira-dama embarcou para a posse do presidente americano, que ocorre na segunda-feira (20).

Em mais de um momento, Bolsonaro se emocionou ao mencionar que não participaria da posse do presidente dos EUA.

"[Trump] já tem influencia no mundo todo da presença dele. Primeiros-ministros que estão caindo, Hamas fazendo acordo, o [Justin] Trudeau renunciou. No México, grandes apreensões foram feitas. Gostaria de apertar a mão dele, não daria pra conversar", disse o ex-presidente.

"Mas, com toda certeza, se ele me convidou, ele tem a certeza que pode colaborar com a democracia do Brasil afastando inelegibilidades políticas, como essas duas minhas que eu tive."

Questionado sobre como isso poderia ser feito, Bolsonaro disse: "Só a presença dele, o que ele quer, só ações. Não vai admitir certas pessoas pelo mundo perseguindo opositores, o que chama de lawfare, que ele sofreu lá. Grande semelhança entre ele e eu. Também sofreu atentado. [...] Não vou dar palpite nem sugestão, ele sabe o que está acontecendo".

Bolsonaro está impedido de concorrer até 2030 em razão de duas decisões do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) relacionadas a ataques infundados ao sistema eleitoral e ao uso político do 7 de Setembro. Uma reversão dessa situação só seria possível com uma série de decisões improváveis.

Na esfera criminal, ele foi indiciado por suspeita de envolvimento em trama golpista para impedir a posse de Lula.

Legalmente, um outro país não tem qualquer ingerência sobre o sistema jurídico brasileiro.

O ex-presidente disse ainda esperar que o ministro Alexandre de Moraes, do STF, não coloque o obrigue a usar uma tornozeleira eletrônica para "humilhar de vez". Moraes é relator dos processos que têm Bolsonaro na mira no STF.

"Eu sou preso político, apesar de estar sem tornozeleira eletrônica. Espero que a sua Excelência não queira colocar em mim, para humilhar de vez, uma tornozeleira eletrônica. Estou sim constrangido. Queria estar acompanhando minha esposa", disse.

Bolsonaro disse ainda que o seu filho deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) havia acertado encontros com chefes de Estado nos Estados Unidos. Como ele não viajará, perdeu as reuniões. O ex-presidente não disse, contudo, com quem elas seriam. Ele disse ainda que há conversas com secretários de Trump, sem mencionar nenhum especificamente.

> **Com toda certeza, se ele [Trump] me convidou, ele tem a certeza que pode colaborar com a democracia do Brasil afastando inelegibilidades políticas, como essas duas minhas que eu tive**
>
> **Eu sou preso político, apesar de estar sem tornozeleira eletrônica. Espero que a sua Excelência não queira colocar em mim, para humilhar de vez, uma tornozeleira eletrônica. Estou sim constrangido. Queria estar acompanhando minha esposa**
>
> **Jair Bolsonaro (PL)**
> ex-presidente, ao deixar sua mulher, Michelle, no aeroporto para embarcar para a posse de Trump nos EUA

Antes de embarcar, Michelle disse que seu marido é o maior líder da direita no país e que sofre perseguição. Ao chegar em Washington D.C., a ex-primeira-dama reiterou a afirmação, e afirmou sentir tristeza pelo ex-presidente.

"Sentimento de tristeza, nós temos certeza que o ex-presidente Jair Bolsonaro, que teve 58 milhões de votos, está sendo perseguido pelo Judiciário. Era para ele estar aqui, ele é amigo do presidente Trump, amigo da América, e gostaria muito de estar presente nesse momento tão importante que vai ser a posse", disse ela.

Na sexta-feira (17), o ministro Alexandre de Moraes negou recurso da defesa de Bolsonaro e manteve sua decisão de negar a ele o pedido para reaver o seu passaporte e autorizar sua ida à posse do presidente eleito Donald Trump nos Estados Unidos.

O ministro afirmou que adotou a posição "por seus próprios fundamentos" e encaminhou o caso à PGR (Procuradoria-Geral da República) para uma manifestação, no prazo de cinco dias. Trump, porém, tomará posse na segunda-feira (20).

O pedido inicial de Bolsonaro havia sido negado na quinta-feira (16). O ministro mencionou a existência de risco de fuga do ex-presidente, indiciado em casos como o da trama golpista de 2022.

Moraes justificou que Bolsonaro já se manifestou publicamente a favor da fuga de condenados por crimes e da permanência deles como foragidos no exterior, em especial na Argentina.

Ele também considerou que não foi juntado aos autos documento que comprovasse a veracidade do convite realizado pelo presidente eleito dos EUA.

A defesa de Bolsonaro recorreu da negativa afirmando não haver "qualquer indício" de pretensão do ex-presidente de descumprir a legislação, considerando que ele tem cumprido as medidas cautelares impostas.

Moraes determina que PF interrogue Mello por declaração sobre ex-presidente

Constança Rezende

BRASÍLIA O ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), determinou, nesta sexta-feira (17), que a Polícia Federal interrogue o governador de Santa Catarina, Jorginho Mello (PL), em 15 dias para esclarecer se o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) violou medidas restritivas impostas pela corte.

Na última segunda-feira (13), Mello disse no programa "Direto ao Ponto", da Jovem Pan News, que o presidente nacional de seu partido, Valdemar Costa Neto, mantinha contato com Bolsonaro.

Os dois correligionários estão proibidos de se falar desde fevereiro do ano passado, quando o ministro vetou a comunicação entre todos os investigados na operação que apura uma suposta tentativa de golpe de Estado em 2022.

"A entrevista do governador de Santa Catarina indica possível violação às medidas cautelares impostas por esta Suprema Corte, em especial a proibição de manter contato com os demais investigados aplicada a Jair Messias Bolsonaro e Valdemar Costa Neto", afirmou Moraes.

Na entrevista, o governador disse: "E o nosso presidente Valdemar conversa muito com o presidente Bolsonaro, que é o presidente de honra, né? Espero que daqui um pouquinho eles possam conversar na mesma sala, né? Para se ajudar ainda mais".

Em outubro passado, a Primeira Turma do Supremo decidiu, por unanimidade, recusar um pedido de Bolsonaro para retomar contato com os demais investigados no caso.

Com as decisões, Bolsonaro seguiu impedido de se comunicar com aliados políticos e militares próximos —entre eles, o presidente do PL e o general da reserva Walter Braga Netto.

Moraes disse, em um dos votos, que a Polícia Federal já apresentou "provas robustas de que os investigados concorreram para o processo de planejamento e execução de um golpe de Estado, que não se consumou por circunstâncias alheias às suas vontades".

Por isso, a proibição de Bolsonaro de manter contato com investigados seria necessária para "resguardar a investigação, evitando-se a combinação de versões, além de inibir possíveis influências indevidas no ânimo de testemunhas".

Em nota, a assessoria do PL afirmou que Valdemar não mantém contato com Bolsonaro, "em respeito absoluto às determinações impostas pelo STF".

Ombudsman
Alexandra Moraes está em férias.

Eufrázio

Lula tem 17% de promessas paradas e 28% concluídas no meio do mandato

Presidente cumpriu um compromisso a cada 26 dias de gestão, mas propostas de maior impacto têm entraves para deslanchar; governo cita 'bases sólidas' para futuro

Matheus Tupina

SÃO PAULO O presidente Lula (PT) chegou à metade do mandato concluindo 28% das suas 103 promessas feitas na campanha eleitoral de 2022 e catalogadas pela **Folha**. Em 2023, este número era de 20%.

Além disso, são 29% as que estão em andamento, 25% as que já foram iniciadas, mas andam em ritmo lento, e 17% paradas (a soma dos percentuais chega a 99% devido ao arredondamento dos índices).

Com este total, o mandatário conseguiu cumprir um compromisso a cada 26 dias de mandato, ritmo mais lento do que a média hipoteticamente ideal, de 14 dias, para completar todos os itens em quatro anos de administração. No ano passado, a velocidade foi de uma a cada 19 dias.

As promessas de Lula foram listadas pela **Folha** a partir do programa de governo do petista, das propagandas eleitorais, da carta de compromissos lançada em 27 de outubro e de entrevistas dadas à imprensa durante o pleito.

Lula lançou nessas plataformas e em declarações ao menos 103 propostas em áreas como economia, agricultura, educação, saúde e segurança pública, além de questões políticas, como a organização de ministérios. O status atual das promessas foi obtido por meio de informações dos órgãos do próprio governo.

Em termos absolutos, são 29 compromissos considerados concluídos, 30 em andamento, 26 com execução lenta e 18 parados. Economia é a área com mais propostas já executadas (12), seguida por cultura, temas políticos, saúde e segurança, cada um com duas conclusões.

A temática social é a que lidera em propostas em andamento, com seis, seguida por economia e infraestrutura, com cinco cada uma.

Entre os temas com mais promessas paradas, estão segurança, com quatro, temas políticos e economia, com três, e saúde e educação, ambas com duas.

Já os temas com maior lentidão do governo petista estão em meio ambiente e economia, com cinco cada uma, e segurança, com quatro proposições.

Procurado pela **Folha**, o governo federal afirmou por meio da Secom (Secretaria de Comunicação Social da Presidência) que tem se concentrado, desde o início da gestão, na supervisão e recuperação de políticas públicas e sociais para enfrentar as áreas críticas do país.

Reiterou que a abordagem da administração tem como objetivo "o estabelecimento de bases sólidas para o desenvolvimento futuro, com um compromisso claro em melhorar as condições de vida das pessoas de maneira ampla e sustentável".



O presidente Lula durante cerimônia no Palácio do Planalto Gabriela Biló -13.jan.2025/Folhapress

"O governo procura integrar diversas ações, articulando diferentes áreas políticas para garantir que seus impactos sejam duradouros e tenham efeitos diretos na vida dos brasileiros, especialmente nas populações mais vulneráveis", afirmou o Palácio do Planalto.

Neste ano, algumas das promessas registradas como de execução lenta em 2023 acabaram voltando ao status de paradas. É o caso da reversão da privatização da Eletrobras, constante no plano de governo do petista.

No ano passado, o Planalto tentou aumentar o controle federal sobre a empresa, sem sucesso. Na falta de mecanismos efetivos para tornar a companhia novamente pública sem desgastes com o Legislativo, o assunto foi deixado de lado.

Algo semelhante ocorreu na reconstrução e fortalecimento do Suas (Sistema Único de Assistência Social), promessa que foi classificada como em andamento em 2023, mas agora anda em ritmo lento.

O governo federal investiu R$ 3,4 bilhões no sistema no ano passado, mas não houve anúncios que estruturassem melhor o funcionamento e a dinâmica do programa, algo que foi prometido em 2023 pelo ministro do Desenvolvimento Social, Wellington Dias (PT).

Outras grandes promessas ainda não deslancharam, como a retirada do país do mapa da fome, a retomada da reforma agrária, uma nova legislação trabalhista e o desmatamento líquido zero no país. Já a proposta de isenção do Imposto de Renda para quem recebe até R$ 5.000 foi encaminhada no fim de 2024, porém pode enfrentar entraves no Congresso Nacional diante das reações negativas no mercado.

Por outro lado, promessas como o aumento do investimento no Bolsa Atleta, bolsa para quem completar o ensino médio — concretizada no programa Pé-de-Meia —, a renegociação das dívidas das famílias por meio do Desenrola Brasil e o estabelecimento de estoques reguladores de alimentos foram concluídas no último ano.

Luciana Santana, cientista política e professora da Ufal (Universidade Federal de Alagoas), afirma que problemas internos do governo, como a dificuldade na articulação política e no primeiro escalão, e a crise entre os Poderes prejudicam a agenda do Executivo.

Ela avalia que outros contextos, como desastres ou eventos atípicos, dificultam o cumprimento das promessas e cita restrições de inaugurações ou início de novas iniciativas em ano eleitoral como outro empecilho para o avanço dos compromissos firmados na campanha.

"O perfil do governo e o contexto no qual foi eleito já mostraram como serão os quatro anos de governo, pisando em ovos sempre, apagando incêndios, tentando melhorar a comunicação. A comunicação foi muito falha, então o governo tem várias questões para acompanhar neste ano", disse.

Para Santana, 2025 pode trazer mais facilidade para o governo lidar com os outros Poderes, especialmente por ser um ciclo sem nenhuma eleição programada. Mas diz que Lula precisa ter alternativas para viabilizar o governo em caso de mais crises.

"As chances da ambição política acabam aumentadas se a agenda deslanchar. Se, porém, houver conflito entre os Poderes, o próprio presidente precisa pensar em alternativas."

Josué Medeiros, cientista político e professor da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e da UFRRJ (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), cita a polarização como um fator que dificulta a governabilidade e a conclusão de metas estabelecidas pelo petista.

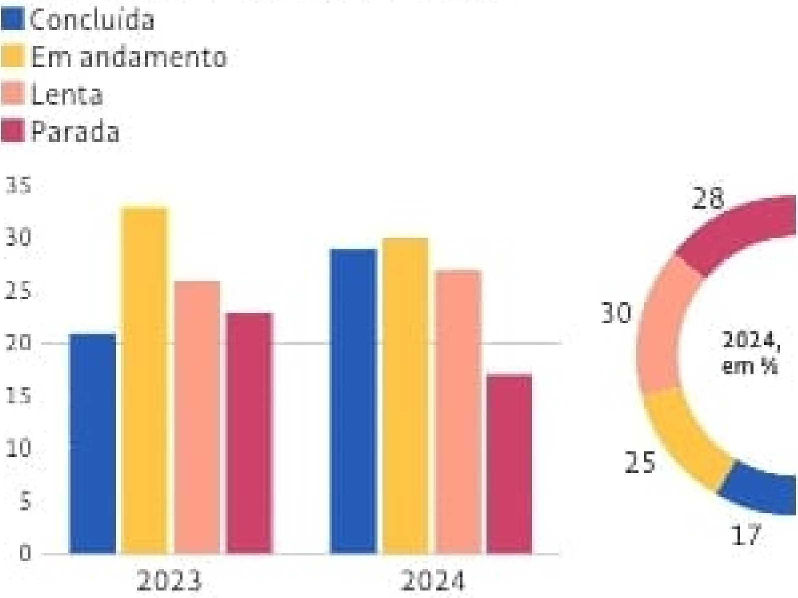
Ele argumenta que o governo conseguiu concluir mais promessas em 2023 devido à reconstrução de políticas públicas desmontadas pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), mas que agora o governo encontra dificuldades para construir uma marca.

Medeiros considera que o Planalto deverá fazer mais comparações entre Lula e Bolsonaro devido à situação jurídica que vive o ex-presidente. Para ele, entretanto, a insatisfação social e a crise entre Poderes continuarão sendo desafios importantes, e o Executivo precisa pensar em outra forma de se comunicar.

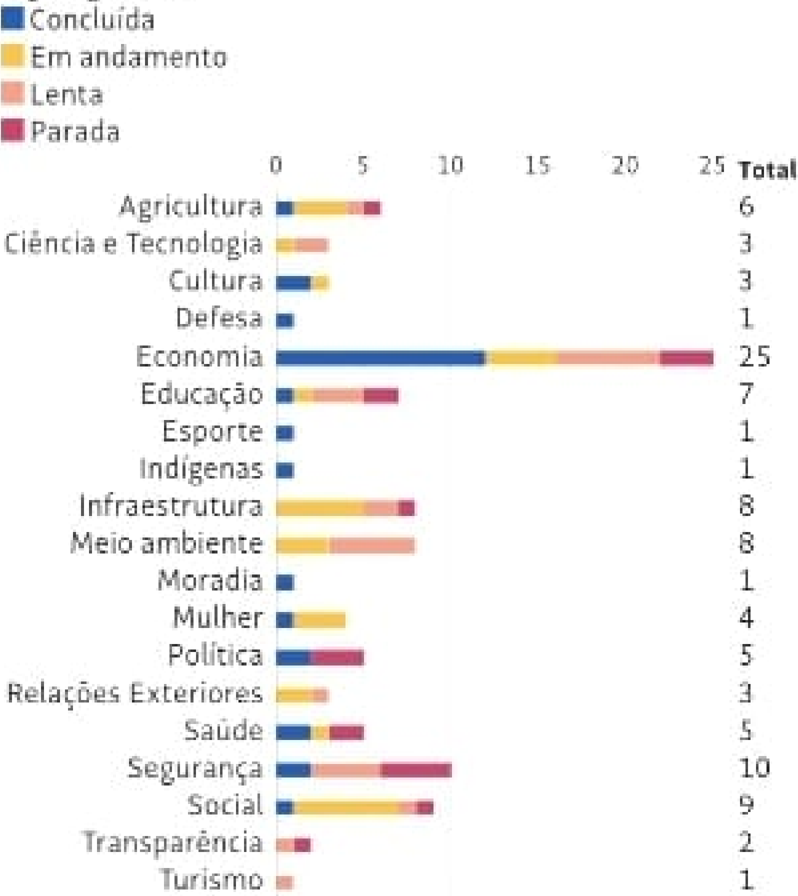
"O Pé-de-Meia, por exemplo, é uma política pública muito vultosa que ainda não foi explorada pelo governo. Mexe na economia e na vida de uma geração inteira de jovens, mas sem narrativa que estruture a política como uma marca, nada vai funcionar", afirma o cientista político.

Progresso no promessômetro de Lula

Acompanhamento geral das promessas de Lula na metade do mandato



Promessas de Lula, acompanhadas por tema e progresso



Fonte: Levantamento de propostas pela **Folha**

Cunha disse em delação rejeitada que comprou votos para Motta no MDB

Ex-deputado diz que 'fatos não existiram' e favorito para a chefiar a Câmara não comenta; votação era para tentar elegê-lo líder da sigla na Câmara em 2016

Felipe Bächtold e José Marques

SÃO PAULO E BRASÍLIA Em sua fracassada tentativa de fechar um acordo de delação na Operação Lava Jato, o ex-deputado Eduardo Cunha afirmou ter comprado votos para tentar eleger Hugo Motta à liderança do então PMDB (atual MDB) na Câmara em 2016.

Hugo Motta, atualmente no Republicanos-PB, é o favorito para chefiar a Câmara dos Deputados a partir de fevereiro. No período relatado na delação, Cunha era o presidente da Casa e ambos eram filiados ao PMDB.

Hugo Motta perdeu a disputa pela liderança na ocasião para Leonardo Picciani, do Rio de Janeiro.

A proposta de delação de Cunha foi apresentada em meados de 2017, atribuiu irregularidades a cerca de 120 políticos e disse ter arrecadado R$ 270 milhões em um período de cinco anos para repartir com correligionários e aliados, sendo 70% via caixa dois.

Seus relatos foram considerados superficiais demais pelos investigadores, e não houve acordo.

Um dos documentos com a proposta foi compartilhado entre procuradores que discutiam a possibilidade de delação em um chat do aplicativo Telegram, em julho de 2017, no material obtido pelo site The Intercept Brasil e também analisado pela Folha.

Na proposta de delação, Cunha afirma que pagou para a compra da liderança do PMDB nos anos de 2013 e 2016.

Segundo ele, a disputa entre Picciani e Hugo Motta em 2016 foi a mais cara devido a negociações relacionadas à composição da Comissão de Impeachment da então presidente Dilma Rousseff (PT).

Conforme consta no documento compartilhado pelos procuradores, Cunha disse que teria pedido ao empresário Joesley Batista, da J&F, R$ 3 milhões para a compra da eleição em favor de Hugo Motta e que esse dinheiro teria sido dividido entre seis deputados. Ele citou nominalmente os ex-parlamentares Anibal Gomes, Hermes Parcianello e Vitor Valim e o deputado Alceu Moreira, e disse que ainda confirmaria os outros dois nomes.

Procurados por meio de suas assessorias, Hugo Motta e Joesley Batista não se manifestaram.

Parcianello, Valim e Alceu negaram o relato do ex-presidente da Câmara.

"Eu apoiei o Picciani contra o Hugo. Se o Hugo pediu voto para mim, foi só conversa de corredor. Uma conversa dessas [sobre dinheiro] nunca tive não, longe disso", afirmou Parcianello.

Já Valim afirmou que o relato "é uma grande mentira". Alceu Moreira disse que o relato não é verdade, e que ele jamais compactuou com atos desta natureza.



Picciani e Motta, então candidatos a líder do PMDB, se cumprimentam Alan Marques - 13.fev.16/Folhapress



Em 2016, o então deputado Eduardo Cunha, chega a reunião da comissão parlamentar de inquérito (CPI) da Petrobras Alan Marques - 13.fev.16/Folhapress



Não tem qualquer documento assinado por mim e nenhuma reunião minha sobre esse tema. Não reconheço isso como verdadeiro e esses fatos não existiram

Eduardo Cunha
ex-presidente da Câmara dos Deputados, em nota

A reportagem não conseguiu localizar Anibal Gomes.

Ainda de acordo com a proposta de Cunha, Joesley saberia para que era o dinheiro e teria enviado uma pessoa para indicar que um interlocutor entregaria os valores em um supermercado do Rio, em caixas de papelão, para um homem de confiança do então presidente da Câmara.

A entrega do dinheiro, diz o relato do ex-presidente da Câmara, teria acontecido aproximadamente 15 dias antes da eleição, pouco antes do Carnaval de 2016.

Também procurado pela Folha, Eduardo Cunha afirmou que não tem "qualquer anexo de delação nenhuma".

"Não tem qualquer documento assinado por mim e nenhuma reunião minha com ninguém sobre esse tema. Não reconheço isso como verdadeiro e esses fatos não existiram", disse ele.

No entanto, ele próprio já havia falado publicamente sobre a negociação de delação —em mais de uma ocasião.

Em 2017, o ex-deputado culpou, em entrevista à revista Época, o então procurador-geral Rodrigo Janot pelo fracasso de sua tentativa de fazer um acordo e disse que tinha "histórias quilométricas para contar".

"O que eu tenho para falar ia arrebentar a delação da JBS e ia debilitar a da Odebrecht", disse Cunha na entrevista, quando ainda estava preso.

Sua defesa disse à Folha em 2019 que a proposta de delação trazia "elementos robustos em relação a inúmeros fatos e pessoas", o que poderia ter ajudado muito o Ministério Público em várias investigações. O ex-deputado ficou detido em regime fechado de outubro de 2016 a março de 2020. Posteriormente, suas condenações na Lava Jato foram anuladas.

Ainda em 2019, a força-tarefa da operação afirmou que houve consenso sobre a rejeição da proposta de Cunha entre mais de 20 procuradores.

"Relatos de colaboradores avaliados como inconsistentes, incompletos ou desprovidos de provas podem ser recusados. Eles podem ainda ser reavaliados em nova negociação de acordo, se o colaborador trouxer provas", informou o grupo.

A eleição para a liderança do PMDB em 2016 foi dividida entre a recondução de Picciani, que era apoiado pelo Palácio do Planalto, e a escolha de Hugo Motta, apoiado por Cunha. Picciani venceu por 37 votos, enquanto o parlamentar da Paraíba teve 30. Dos 71 deputados que poderiam votar, dois votaram em branco e dois não compareceram.

A discussão interna do PMDB gerou grande repercussão à época porque era vista como determinante para a articulação do afastamento de Dilma, que acabou se concretizando meses depois.

O próprio Cunha dedica capítulo do seu livro de memórias "Tchau, Querida" (Matrix), em que relata os bastidores do impeachment, à eleição da liderança do partido. Segundo ele, o governo Dilma jogou pesado contra ele e a derrota teria "gosto de vingança" para o Executivo.

Atualmente em seu quarto mandato, Hugo Motta foi retirado do chamado baixo clero da Câmara (o grupo sem expressão política nacional) quando Cunha assumiu a liderança do PMDB, em 2013.

Há uma outra menção a ele na proposta de delação de Cunha na Lava Jato. O ex-presidente da Câmara listou o correligionário como um dos beneficiários da arrecadação para campanhas que articulou na eleição de 2014. Não há, porém, detalhes de valores ou como teria sido o caminho do dinheiro.

Em 2015, em meio ao turbilhão político que resultaria no impeachment de Dilma, Hugo Motta foi colocado na presidência da CPI da Petrobras —comissão que foi articulada por Cunha.



Entenda eleição da Mesa Diretora da Câmara

- A Câmara dos Deputados realiza em 1º de fevereiro a eleição da Mesa Diretora no biênio 2025-2027
- Os deputados terão até às 9h do dia 1º para formar blocos parlamentares. Às 11h, os líderes se reúnem para indicar os cargos da Mesa Diretora
- O prazo limite para registro das candidaturas será até às 13h30 e a eleição será às 16h de forma presencial.
- O favorito da disputa é o líder do Republicanos, Hugo Motta (PB), que reúne apoio de quase todos os partidos da Casa, com exceção do Novo e do PSOL, que terá um candidato na disputa. o deputado Pastor Henrique Vieira (RJ)
- Também no dia 1º ocorre a eleição da Mesa Diretora do Senado. O senador Davi Alcolumbre (União Brasil-AP) é favorito para o posto

O petista Quaquá

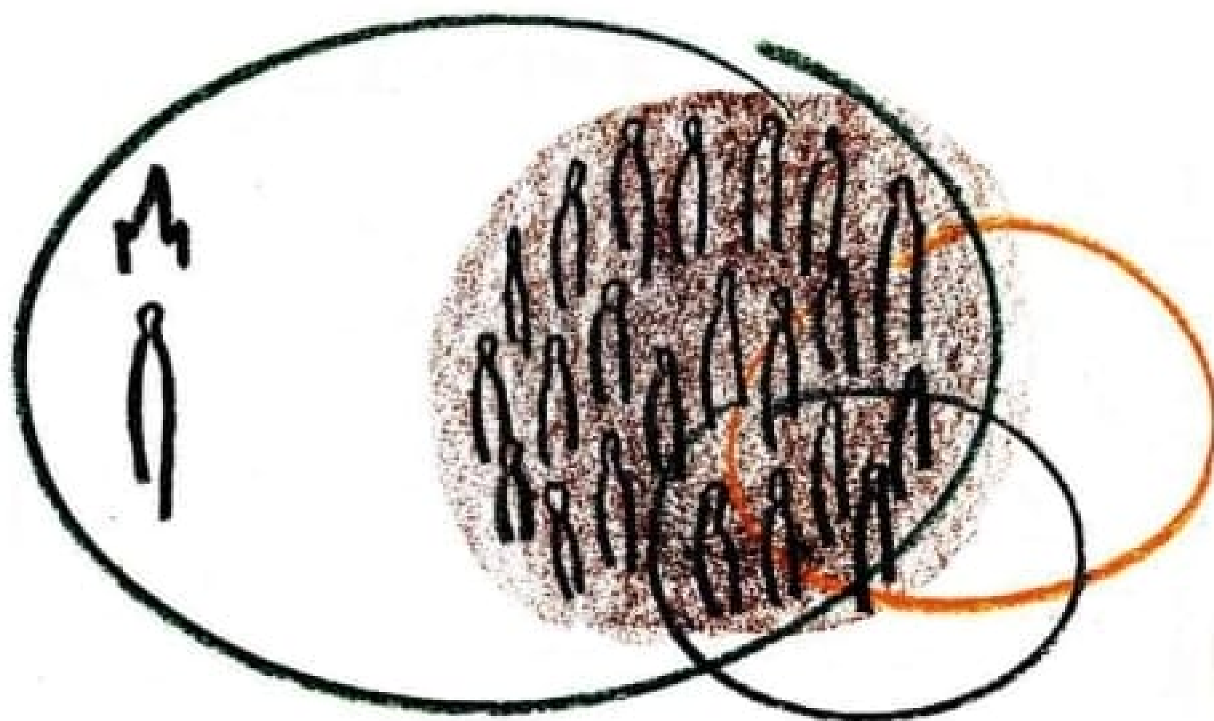
Ele é um quadro-raiz com muitas raízes

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

O PT está obrigado a fingir que discute a expulsão do seu vice-presidente Washington Quaquá, prefeito de Maricá (RJ). Ele se reuniu com familiares dos irmãos Chiquinho e Domingos Brazão, acusados de serem os mandantes do assassinato da vereadora Marielle Franco. Um é deputado e o outro é conselheiro do Tribunal de Contas do Rio. Ambos estão presos. Quaquá defende o direito dos dois a um julgamento justo e diz não estar convencido de que sejam culpados.

Existe um PT de vitrine e Quaquá é um petista-raiz. Entrou para o partido aos 14 anos, em 1985, e tornou-se um dos mais influentes quadros da sua política no Rio. Elegeu-se prefeito de Maricá em 2008. Reelegeu-se em 2012 e até hoje o PT governa o município. Quaquá voltou à prefeitura em 2024 com 74% dos votos.



Juliana Freire

Quando o bolsonarismo cabia num automóvel, Quaquá aproximava-se de seus simpatizantes com uma explicação capaz de defini-lo: "Só é contra quem adora teorizar a Baixada tomando chope em Ipanema".

Maricá fica no mesmo estado que a Baixada Fluminense, mas pertence a outro mundo. 70% da receita do município vêm de royalties do petróleo extraído em alto-mar. Em 2024 foram R$ 2 bilhões.

Com essa riqueza, Maricá foi a primeira cidade do país a instituir a tarifa zero nos transportes públicos. Lá foram entregues 3.000 casas do programa Minha Casa, Minha Vida e um dos condomínios chamou-se "Carlos Marighella". Outro ganhou o nome de um companheiro de militância da então presidente Dilma Rousseff. Em alguns deles faltavam serviços de água e esgoto.

De volta à prefeitura, Quaquá quer transformar Maricá na "Cidade das Utopias". Além de obras viárias, promete instalar três teleféricos e criar a "maior piscina natural do mundo" num município que tem 46 quilômetros de praias. A obra prevê um quebra-mar de rochas com quatro quilômetros de extensão. Quaquá quer também trazer uma fábrica de aviões e instalar uma base de lançamento de foguetes no município.

Fora da utopia paroquial, Quaquá é um fiel companheiro de Lula. Em 2015, ele avisava: "Agrediu, devolvemos dando porrada". Anos depois, na Câmara, esbofeteou o deputado Messias Donato e insultou Nikolas Ferreira. "Eles estavam xingando o Lula", explicou.

Lurian, a única filha do presidente, foi contratada para o gabinete da deputada estadual Rosangela Zeidan, mulher de Quaquá. Diego, filho do casal, foi vice-prefeito de Maricá e tornou-se secretário de Desenvolvimento Econômico Solidário do município do Rio.

Maricá tem uma estátua de Che Guevara e Quaquá já gastou R$ 2 milhões contratando serviços de segurança privados.

Suas causas nem sempre são as do PT de vitrine. Ele defendeu o apoio a Arthur Lira na disputa à presidência da Câmara em 2021 e nunca simpatizou com a candidatura de Guilherme Boulos à Prefeitura de São Paulo. Quando ele foi batido com uma diferença de 1 milhão de votos, Quaquá comentou o resultado: "Crônica de uma morte anunciada".

O PT de vitrine continuará fingindo que discute a expulsão de Quaquá. Mas ele continuará firme e forte dando cartas no Rio, alisando bolsonaristas, prometendo uma base de lançamento de foguetes e administrando sua receita de royalties por uma atividade industrial que se dá a quilômetros de Maricá.

Brasília produz delírios e micos

Numa mesma semana o governo pagou dois micos, ambos produzidos por uma espécie de autossuficiência que acomete poderosos de Brasília.

Um foi a barulheira em torno do Pix. Atribuíram-no a um erro de comunicação. Algum poderoso quis que o governo pudesse xeretar as transações de alto valor. A ideia não era má, porém seria um mau sinal. Hoje, grandes transações, amanhã...

O outro mico foi a desidratação da PEC da segurança pública. Nesse caso a ideia era má e disfarçava um desejo do comissariado petista.

Venderam ao ministro Ricardo Lewandowski a proposta de criação de uma Polícia Ostensiva Federal, expandindo as atribuições da existente Polícia Rodoviária Federal.

A POF era uma reciclagem da ideia de criação de uma Guarda Nacional, surgida nos dias seguintes ao 8 de janeiro. Essa força foi detonada pelos comandantes militares. Pudera, o fortalecimento da Guarda Nacional foi a espoleta do golpe militar de 15 de novembro de 1889, com a proclamação da República e o banimento da família imperial.

Na essência, tratava-se de criar uma "polícia nossa". O precedente vinha do governo de Jair Bolsonaro, quando a PRF era conhecida como Polícia Rodoviária do Flávio, numa referência ao senador, filho do presidente. A PR do Flávio tentou melar o segundo turno da eleição de 2022 e seu diretor acabou na cadeia.

Existe um PT de vitrine e Quaquá é um petista-raiz. Entrou para o partido aos 14 anos, em 1985, e tornou-se um dos mais influentes quadros da sua política no Rio

Quando o bolsonarismo cabia num automóvel, Quaquá aproximava-se de seus simpatizantes com uma explicação capaz de defini-lo: "Só é contra quem adora teorizar a Baixada tomando chope em Ipanema

A POF foi desidratada e a Polícia Rodoviária passará a se chamar Viária, com mais alcance, mas sem os poderes que lhe dava o projeto.

Só a onipotência de poderosos de Brasília seria capaz de imaginar que uma POF fosse engolida pelos governadores e pelo Congresso.

Mau agouro

Num setor amaldiçoado, porque desde que o Pai da Aviação decolou em Paris, todas as grandes companhias aéreas brasileiras foram à garra, deu-se ao resultado da fusão da Gol com a Azul o título de "campeã nacional".

Isso é chamar urucubaca.

Aviso amigo

Se o novo ministro Sidônio Palmeira, da Secom, não quiser ir para a frigideira pública, conseguirá de Lula algum poder sobre a farândula de eventos que o governo patrocina.

O repórter André Shalders mostrou que a Viúva gastou R$ 83,4 milhões em torno da reunião do G-20 realizada no Rio.

A Itaipu Binacional desembolsou mais de R$ 15 milhões.

Ganha uma viagem espacial quem souber o que Itaipu tem a ver com uma reunião do G20.

Bandidos e polícias

Nos últimos anos, o Rio e São Paulo tiveram duas execuções retumbantes. A da vereadora Marielle Franco, em 2018, e a de Vinícius Gritzbach, no aeroporto de Guarulhos, em novembro passado.

Cerca de 20 pessoas estão presas por algum tipo de envolvimento nesses atentados.

A lista tem uma curiosidade: nela faltam bandidos com dedicação exclusiva ao crime e abundam policiais ou ex-policiais.

O matador de Marielle e seu motorista eram ex-sargentos da Polícia Militar do Rio.

No caso de Gritzbach, a promiscuidade foi maior. Um PM da ativa é suspeito de ter feito os disparos. Outros 14 faziam bicos ilegais (e tolerados) nas escoltas do empresário, que tinha negócios com o PCC e colaborava com o Ministério Público. Nesse lote, ao menos cinco PMs estiveram na tropa de elite da corporação. (O matador de Marielle havia servido numa unidade semelhante, no Rio.)

Se os bandidos tivessem um sindicato, fariam um protesto, denunciando esses policiais por concorrência desleal e exercício ilegal da atividade.

Em tempo: os mandantes da morte de Marielle seriam os irmãos Brazão, gente do andar de cima.

PODCASTS FOLHA



OS MELHORES PODCASTS ESTÃO NA FOLHA. COMECE O DIA BEM INFORMADO E EXPLORE NOVOS CONTEÚDOS.

FOLHA

Eufrázio

Nikolas e o Pix

Bolsonaristas mentem que Haddad imitaria o ministro de Bolsonaro

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela Universidade de Oxford (Inglaterra) e autor de "PT, uma História"

Desde o início do governo Lula os bolsonaristas mentem que Haddad imitaria o ministro da Fazenda de Bolsonaro: tentaria taxar o Pix. O vídeo em que Paulo Guedes defende taxar o Pix está na internet, e é verdadeiro. O vídeo em que Haddad defende taxar o Pix também está na internet, mas é uma falsificação feita com inteligência artificial.

Por isso, qualquer medida que o governo tomasse referente ao Pix deveria ter sido adotada com extremo cuidado e acompanhada de uma campanha maciça de esclarecimento.

Não foi. A máquina de desinformação bolsonarista chutou contra gol aberto.

O grande vencedor da semana foi o deputado Nikolas Ferreira (PL-MG), cujo vídeo contrário ao monitoramento bateu todos os recordes de audiência.

Nikolas soube explorar um público vulnerável: muita gente que assistiu seu vídeo começou a usar serviços bancários faz pouco tempo, atraídos pelo Pix ou pelos serviços online.

Quem usa banco desde sempre já é fiscalizado pela Receita do jeito que o Pix seria. A grande maioria dos clientes de banco talvez nem saiba que essa fiscalização existe, porque nunca foi importunada por isso, como os usuários do Pix não seriam.

Mas essa fiscalização é importante para combater a corrupção.

Por exemplo, a compra da mansão do senador Flávio Bolsonaro, realizada exclusivamente com dinheiro vivo, despertou suspeitas: esse é o típico comportamento de político ladrão que quer fugir da fiscalização da Receita para não ter que explicar de onde veio seu dinheiro. Para quem mente que inventou o Pix, a família Bolsonaro parece gostar bastante de dinheiro vivo.

O deputado Nikolas Ferreira (PL-MG) soube explorar um público vulnerável: muita gente que assistiu seu vídeo começou a usar serviços bancários faz pouco tempo, atraídos pelo Pix

Como bem notou a jornalista Gabriela Prioli em um vídeo no Instagram, os pequenos empreendedores temem não serem capazes de pagar impostos. Às vezes não conseguem. Daí o medo e a propensão a acreditar em gente como Nikolas Ferreira.

O governo Lula já propôs a solução para isso: isentar de imposto de renda quem ganha até R$ 5.000 por mês. Se Nikolas e seu partido apoiarem a medida, todos os temores expressos no vídeo perdem sentido. Você vai fazer isso, Nikolas?

Para que seja possível isentar os pobres, é preciso taxar os ricos, no mínimo para que comecem a pagar impostos como todo mundo. Não, não pagam.

Nikolas, como seu partido votou quando Haddad tentou acabar com as isenções fiscais para empresas, ou com o Perse, ou com os supersalários do serviço público? Como você pretende votar quando Lula propuser que os ricos paguem uma alíquota efetiva mínima de 10% do imposto de renda?

E não, Nikolas, sonegar imposto não é resistir a um Estado ineficiente. É aumentar o imposto de quem paga. Se a sonegação caísse, os impostos poderiam ser mais baixos. Seu vídeo, em que você defende a sonegação, ajuda a mantê-los altos.

É a sua direita que atua no Congresso para que o ajuste fiscal seja feito inteiramente em cima dos pobres, Nikolas. Os pequenos empreendedores sonegam porque vocês não topam a proposta de Haddad de isentá-los de imposto dentro da lei. Eles pagam mais imposto porque os ricos que bancam o bolsonarismo pagam menos.

Nikolas, você já disse que o problema no Brasil é falta de homem. Se for verdade, lamento: para você ajudar seu país, terá que aprender que homem é um tipo de adulto.

DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros
SEG. Camila Rocha TER. Joel Pinheiro da Fonseca
QUA. Elio Gaspari QUI. Conrado H. Mendes
SEX. Marcos Augusto Gonçalves SÁB. Demétrio Magnoli



Neurocientista Suzana Herculano-Houzel durante gravação de seu curso da CasaFolha Dirceu Neto - 1º.out.24/Folhapress

Ideia de que usamos só 10% do cérebro é uma lenda, diz neurocientista na CasaFolha

Na plataforma de streaming da Folha, Suzana Herculano-Houzel ensina assinantes a explorar melhor o potencial da mente humana

Uirá Machado

SÃO PAULO Suzana Herculano-Houzel estudava genética nos Estados Unidos quando um amigo comentou sobre as perguntas que ele próprio se fazia na neurociência. Formada em biologia na UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), ela se encantou com o novo universo e mergulhou de cabeça.

Logo se deparou com uma questão que, à época, não tinha uma boa resposta: se os humanos não têm o maior cérebro de todos, por que somos mais inteligentes que as demais espécies? Seríamos uma exceção às regras da biologia? Ou, na verdade, não conhecíamos as regras sobre formação dos cérebros?

"Foi isso que me levou a estudar de quantos neurônios os cérebros diferentes são feitos. Começando, aliás, pela lenda de que a gente só usa 10% do cérebro", diz na CasaFolha, a plataforma de streaming da **Folha** com cursos exclusivos para assinantes.

"A gente usa 100% do cérebro o tempo todo", diz em seu curso chamado "O potencial do cérebro", no qual fala sobre descobertas de suas pesquisas na neurociência e explora, de forma prática e didática, temas como ansiedade, depressão, bem-estar, felicidade e aprendizagem.

Uma das questões que ela discute é se a gente pode se tornar mais inteligente. "E já vou adiantando que a gente pode, sim", diz.

Lançada em setembro, a CasaFolha já reúne 16 cursos de grandes personalidades, como o cineasta José Padilha, que fala sobre a arte de contar histórias, e o ex-ministro Pedro Malan, que explica como analisa a economia.

A plataforma inclui novos conteúdos todos os meses. Neste mês, por exemplo, já teve a estreia do também neurocientista Álvaro Machado Dias, com aulas sobre "Inteligência artificial e o futuro da humanidade". No dia 30, será a vez do curso "Ironman e a superação dos limites", com a triatleta Fernanda Keller.

Na CasaFolha, Suzana explica o método inovador que desenvolveu para contar neurônios e como descobriu que os humanos têm 86 bilhões dessas unidades fundamentais de funcionamento do cérebro, e não os 100 bilhões que se supunha antes.

Sua pesquisa mostrou também que o mais relevante não é o número total, e sim a quantidade de neurônios presentes no córtex – área do cérebro capaz de guardar memórias, fazer associações novas e criar simulações sobre o que pode acontecer a partir de determinado comportamento.

"Essa capacidade de fazer simulações internas de futuros possíveis é, para mim, a essência da inteligência", afirma a neurocientista, que é colunista da **Folha**.

"O córtex cerebral dá para a gente a capacidade de ter flexibilidade comportamental. A capacidade de agir não da maneira que os estímulos sensoriais ditam, e sim da maneira que casa com as projeções para o futuro (...) Quer dizer, inteligência é a flexibilidade de agir em prol daqueles estados futuros que a gente deseja, que a gente acha importantes."

Isso, porém, é uma capacidade, não uma habilidade — esta precisa ser adquirida pela aprendizagem. Assim como temos a capacidade de usar a linguagem, mas nem por isso somos dispensados de aprendê-la.

Ocorre que, como o cérebro opera no limite de sua capacidade, ele precisa gerenciar o consumo de energia, em uma lógica de cobertor curto: para aprender alguma habilidade, é preciso deslocar mais energia para uma certa área do cérebro e menos para outra.

Dessa constatação decorrem algumas dicas que Suzana ensina na CasaFolha. A primeira é prestar atenção naquilo que se está tentando aprender. "Quando você presta atenção em alguma coisa, isso quer dizer que você desvia mais recursos para aquilo e menos para todo o resto que o cérebro continua fazendo."

Outra dica é ter alguma forma de retorno positivo para validar a aprendizagem. Na mesma linha, é importante ajustar o nível de dificuldade do que se está tentando aprender. Muito difícil fica frustrante, mas muito fácil não é estimulante —em ambos os casos, o cérebro acha que o retorno não vale a pena.

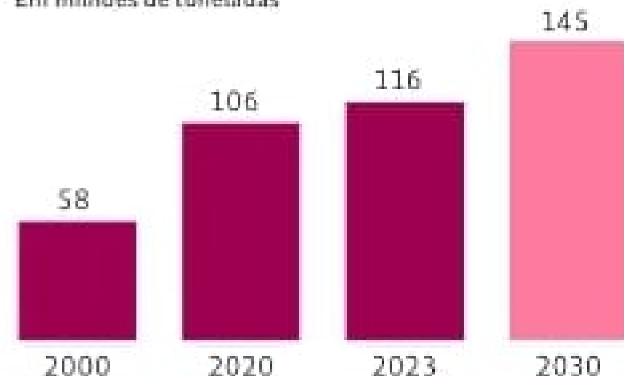


Como assinar a CasaFolha

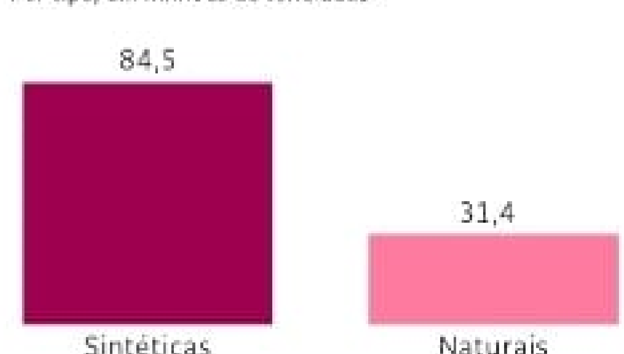
Como assinar a CasaFolha Para assinar a plataforma, basta entrar em casafolhasp.com.br/ assine. A assinatura, com desconto de 67% no lançamento, sai por R$ 19,90 por mês no plano anual (R$ 59,90 sem a promoção) e inclui acesso ilimitado a todas as notícias da **Folha** no site e no app.

Quem já é assinante do jornal não precisa de nova assinatura. Basta fazer o upgrade em condições especiais para ter à disposição todo o conteúdo da CasaFolha: casafolhasp.com.br/upgrade.

Produção global de tecidos e projeção para 2030
Em milhões de toneladas



Consumo de fibras no mundo em 2023
Por tipo, em milhões de toneladas



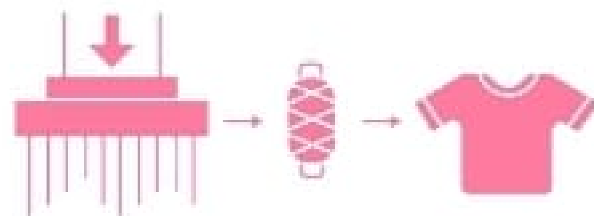
Produção brasileira em 2023



2 milhões de toneladas de têxteis

6 bilhões de peças de vestuário

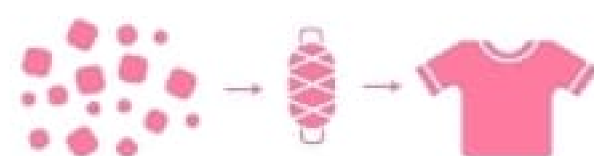
Como é feita a reciclagem de tecidos



Reciclagem mecânica

Tecidos e retalhos são separados por tipo e cor, triturados e passam por um processo de desfibragem, que gera novos fios e filamentos.

No caso de tecidos 100% sintéticos, como o poliéster, depois de triturado o tecido é derretido para a produção de novos fios



Reciclagem química

Resíduos têxteis sintéticos são separados por cor e composição são dissolvidos em um processo que gera pellets que podem ser usados como plásticos ou para a produção de novos fios

Como descartar roupas e calçados?



Primeiro, vale avaliar se não é possível reparar a peça, o que é mais sustentável

Caso não seja possível, a roupa deve ser limpa e levada a pontos de entrega voluntária (PEV)

- Se a peça for **100% algodão**, o aplicativo da **Cotton Move** geolocaliza o PEV mais próximo de você
- Grandes varejistas como a **C&A** e as **lojas Renner** têm PEVs para receber **peças de roupa, bonés e roupas de banho**
- Marcas como a **Reserva** recebem **roupas usadas da marca** e concedem desconto ao cliente que descartar roupas em seus PEVs
- **Roupas íntimas passíveis de reutilização** podem ser entregues em PEVs da marca **Hope**, que higieniza as peças e destina à doação

Fonte: Agência Europeia de Meio Ambiente e Associação Brasileira de Indústria Têxtil

Na era da moda rápida e barata, 80% do descarte têxtil do mundo vira lixo

92 milhões de toneladas de resíduos pós-consumo ao ano são desafio para indústria, empresas e governo; reúso e reciclagem de roupas podem gerar empregos e receitas

★★★ **SÉRIES FOLHA**
ALÉM DO LIXO

Fernanda Mena

SÃO PAULO "Parem de comprar roupas", clamava a estilista Vivienne Westwood (1941-2022), 15 anos atrás, diante da proliferação de marcas de fast-fashion que escalaram a produção global de roupas de baixo custo e durabilidade, mas altos danos sociais e ambientais. O clamor da mãe da estética punk e new wave, no entanto, não entrou na moda. De lá para cá, esse modelo de negócio se aprofundou, e a produção global de têxteis só cresceu.

Hoje, são produzidas globalmente cerca de 100 bilhões de peças de vestuário por ano —o dobro em relação a 2000. São 12 peças anuais por pessoa. Ou mais de 3.000 peças por segundo.

A indústria têxtil é intensiva em consumo de recursos como água e energia e responsável por 10% das emissões de globais de gases de efeito estufa. O setor brasileiro é o quinto do mundo em produtividade e está entre os maiores empregadores do país.

Por aqui, são produzidos 6 bilhões de peças de vestuário por ano: 28 por brasileiro, 190 por segundo. Tamanha quantidade de peças de vestuário a baixo custo alterou a relação das pessoas com as roupas, que são usadas menos vezes do que 15 anos atrás e vão para descarte mais rápido, depois de apenas sete ou oito usos, segundo dados da consultoria McKinsey.

Com isso, o descarte de tecidos escalou, gerando desperdícios e danos ambientais e à saúde, já que 80% dos resíduos têxteis são incinerados, aterrados ou vão parar em lixões e no meio ambiente, segundo dados da Fundação Ellen MacArthur, ONG internacional dedicada à promoção da economia circular.

Estima-se que o mundo gere hoje cerca de 92 milhões de toneladas de resíduos têxteis por ano, e o Brasil, 4 milhões de toneladas anuais. A fundação aponta que menos de 1% dos resíduos têxteis são reciclados em novos materiais têxteis, num processo chamado upcycling e que enfrenta barreiras tecnológicas e fiscais para ganhar escala. Outros 13% são transformados em produtos de menor valor agregado, como forros e enchimentos, no chamado downcycling.

Resíduos têxteis carregam consigo os químicos usados em sua produção. As fibras sintéticas, hoje majoritárias no mercado, também geram microplásticos que se desprendem o tempo todo das peças por meio da fricção. Sua lavagem é considerada uma fonte importante dos microplásticos encontrados nas águas e, mais recentemente, em várias partes do corpo humano, com potenciais prejuízos à saúde que só agora vêm sendo pesquisados.

"Continuar produzindo, comprando e descartando esse monte de roupa é uma conta que jamais vai fechar. Estamos naufragando numa crise de poluição", alerta Guilherme Suertegaray, gerente sênior de projetos para a América Latina da Fundação Ellen MacArthur.

Ainda que a reutilização de peças de roupa esteja em alta com o crescimento do mercado de peças de segunda mão, em brechós físicos e digitais, o desperdício de recursos por meio do descarte de tecidos gera globalmente perdas de US$ 500 bilhões por ano, segundo outra pesquisa da Fundação Ellen MacArthur realizada com apoio da estilista Stella McCartney e de gigantes como a Nike e a H&M, ambas com histórico de problemas trabalhistas e ambientais em suas cadeias produtivas.

Suertegaray aponta para três fatores que levam a desperdícios no setor. Primeiro, o modelo de negócio baseado na economia linear, fundada na tríade extrair-produzir-descartar. "Reparo, aluguel e remanufatura, que existem em outros setores, são embrionários nos têxteis", afirma.

Segundo, a composição das peças dificulta sua reutilização e reciclagem. Tecidos mesclados, que representam mais da metade do mercado, são mais difíceis de serem reciclados. A confecção das peças em geral passa longe do chamado ecodesign, ou seja, de um desenho amigável ao reaproveitamento futuro de cada parte, além de uma produção com menos substâncias nocivas.

Por último, ele cita a falta de infraestrutura para coleta de resíduos têxteis, um entrave e desafio que enlaça indústria, varejo e setor público. No Brasil, a coleta de têxteis pós-consumo ocorre em pontos de entrega voluntária apoiados por grandes varejistas e alocados nas próprias lojas.

A fundação defende a aplicação da chamada Responsabilidade Estendida do Produtor (REP) aos têxteis, o que torna resíduos pós-consumo responsabilidade de quem os colocou no mercado.

"Cada elo da cadeia é muito importante, quem cultiva algodão, planta florestas para viscose, fabrica poliéster e outras fibras sintéticas, quem fabrica o tecido, confecciona a peça e a vende. Eles geram empregos e lucro e deixam um passivo ambiental significativo, que hoje recai sobre a sociedade", afirma José Guilherme Teixeira, que tem quase 40 anos na indústria da moda.

"Para reduzir o impacto do setor têxtil e da moda, todos esses elos precisam compartilhar dessa missão, e também quem veste a roupa e o governo, que recebe impostos de toda essa jornada", explica ele, hoje CEO da Cotton Move, empresa referência em projetos de circularidade na moda. A Cotton Move tem hoje no Brasil cerca de 500 pontos de coleta de têxteis pós-consumo e trabalha com recicladores para transformar esses resíduos em matéria-prima para novas peças de vestuário.

Ele se diz entusiasmado com a adesão de consumidores ao aplicativo que indica os pontos de coleta seletiva de têxteis mais próximo e também cria pontes entre indústria, recicladores e criadores. "Em 2021, tínhamos 120 pontos e 15 usuários. Em 2024, ultrapassamos 500 pontos e 11 mil usuários.

Leia mais na pág. A14

Setor tem história de reciclagem, diz entidade do setor

Antes da venda, os têxteis têm destinações hoje mais bem estruturadas. Fernando Pimentel, diretor-superintendente da Abit (Associação Brasileira da Indústria Têxtil), afirma que o setor tem longa história de reciclagem e reaproveitamento dos resíduos industriais, ou seja, pré-consumo.

Mas a discussão fica mais complexa, diz, quando se fala em responsabilidade sobre o resíduo têxtil pós-consumo. "Tem as marcas do varejo e as grandes plataformas digitais localizadas fora do país. Como é que elas vão dar tratamento aos resíduos daquilo que venderam em território nacional?", questiona.

Para Eduardo Lima, diretor-executivo da Associação Brasileira do Varejo Têxtil, somente por meio de uma abordagem coletiva e colaborativa será possível criar soluções eficazes.

PAINEL S.A.

Julio Wiziack
painelsa@grupofolha.com.br

LUIZ GUSTAVO NEVES
Cofundador e CEO da GigU

A Uber tentou sabotar nosso negócio, diz CEO

Cofundador e presidente da GigU foi ao Cade contra abuso de poder da gigante da mobilidade

Há sete anos, o advogado Luiz Gustavo Neves, 44, fundou, com outros três amigos, a GigU, empresa que se propõe a ser o universo dos gigs, como são chamados os trabalhadores de aplicativos. Por enquanto, a startup brasileira se prolifera por Brasil, EUA, Portugal e México, permitindo que motoristas e entregadores escolham, dentre as diversas plataformas, a que paga mais por uma corrida. O serviço levou a Uber a processá-los. A plataforma proíbe o uso de robôs pelos motoristas e que toma qualquer tipo de medida, tecnológica ou judicial para evitar danos à experiência do usuário. O caso foi parar no Cade, que agora avalia o suposto abuso de poder econômico do gigante do transporte.

*

Por que a GigU prejudica tanto a Uber? Para a Uber, o interessante é que os motoristas aceitem toda e qualquer corrida. Só que, nos últimos anos, a inflação sobre peças, combustível, automóveis fez com que os motoristas entendessem que não poderiam mais aceitar qualquer uma, porque não estavam mais ganhando dinheiro. O nosso aplicativo faz esse cálculo, com base no que vê na tela do celular do motorista [não há interação com a plataforma]. Em tempo real, ele aponta a corrida mais vantajosa, mostrando o valor pago por quilômetro antes de ele aceitar.

Vocês são contra a Uber? É impressionante a dominância dela no mercado, mas a gente não fez isso [o GigU] para ameaçar a vantagem dela e, sim, para melhorar a vida do motorista. Não espero que a Uber dê mais transparência. O que a gente espera é que nosso serviço possa ser oferecido no mercado sem represálias.

A Uber processa a GigU. Por isso foram ao Cade? Somos uma startup brasileira ainda na fase da infância. Como é que a gente briga com uma empresa de centenas de bilhões de dólares? Vimos no Cade uma saída, acusamos a Uber de abuso de poder econômico, porque ela tentou, de fato, sabotar nossa operação.

Como assim? Primeiro, o processo judicial é cheio de argumentos absurdos e até mentiras. A Uber diz, por exemplo, que a gente pega foto de passageiro, algo que fere a Lei Geral de Proteção de Dados. Pergunte a um motorista de Uber se, uma única vez, ele viu a foto do passageiro antes de pegá-lo. Nossa ferramenta só interage com o que aparece no celular do motorista. Hoje, revertemos a decisão judicial que suspendeu nosso aplicativo. Mas, naquele momento da decisão inicial, a Uber enviou e-mails para, praticamente, toda a base de motoristas com uma mensagem, sem citar nosso nome, de que se usassem a ferramenta poderiam ser banidos.

Esse serviço vale para entregadores também? Sim, estamos testando uma versão beta do iFood nesse momento.

Quantos são os usuários da GigU, afinal? Lançamos o aplicativo há quatro meses, de forma gratuita. Inicialmente, foram 250 mil downloads. Já estamos com 500 mil e, agora, passamos a cobrar uma assinatura para ajudar a nos financiar [nessa briga]. São R$ 12,90 por mês. Já conseguimos atingir nosso breakeven [equilíbrio entre ganhos e despesas].



Luiz Gustavo Neves
Advogado (PUC-RJ), trabalhou por mais de uma década com contencioso tributário antes de se tornar empreendedor. Em 2012, foi um dos idealizadores e responsáveis pelo projeto de revitalização de uma grande área do Jockey Club do Rio de Janeiro que hoje comporta restaurantes e galerias de arte.

Em quatro meses? Com dois meses apenas de mensalidade, conseguimos o equilíbrio.

Há investidores por trás? Sim. Fechamos uma rodada no fim do ano passado com Redpoint, eVentures, Raio Capital ACE Ventures, Nestal e o Banco Arbi. Levantamos US$ 1,2 milhão para a expansão nos EUA, Portugal e México.

Isso pode massificar sua plataforma? Ajuda muito. O mercado lá é o dobro do nosso. Aqui são cerca de 2,2 milhões de motoristas. Nos EUA, eles são cerca de 4,5 milhões. Já estamos operando em Portugal e devemos chegar ao México em dois meses.

Como remuneram os investidores? Temos outros planos do que podemos oferecer para os motoristas. Nosso objetivo central é ser aquele lugar onde ele encontra tudo o que precisa, de produtos a serviços financeiros.

Virar um hub e ser remunerado por isso? Exato.

Roupa usada e remendo visível entram na moda

Tendência global até entre estilistas dá nova vida a peças e outros têxteis danificados que seriam descartados

★★★
SÉRIES FOLHA
ALÉM DO LIXO

Fernanda Mena

SÃO PAULO Num tempo em que a produção e o descarte de roupas se tornaram um problema ambiental global, reparar peças danificadas, que seriam descartadas em aterros ou lixões, é uma rebeldia e virou tendência de moda sustentável. Iniciativas de reúso e de upcycling (transformação de resíduos têxteis em novos produtos) ganharam ainda novos ares quando grifes de luxo lançaram coleções sustentáveis, abrindo a indústria da moda para uma nova era. Em 2020, a Gucci, então sob a direção artística do estilista Alessandro Michele, já conhecido pela estética vintage, lançou uma linha de produtos feitos com materiais reciclados.

"Michele trouxe a estética vintage e de brechó para as passarelas e deu muita força para o movimento de recuperação de tecidos", afirma Alessandra Farah, especialista em moda sustentável. "A partir dele, deixou de ser feio usar roupas antigas e reaproveitadas."

Fora das passarelas, dar nova vida a roupas em fim de ciclo de vida hoje também passa por técnicas artesanais, cada vez mais populares, conhecidas como "visible mending", ou remendos visíveis. Por meio delas, um buraco numa blusa, um rasgo numa jaqueta ou um desgaste numa calça são reparados com bordados, patchworks ou rendas e ganham uma nova versão única.

"Visible mending é um jeito de colocar personalidade na roupa, de customizá-la pelo reparo, o que prolonga a vida útil das peças. Essas técnicas hoje têm muitos tutoriais nas redes", diz.

O movimento dos remendos visíveis ganhou relevo global ao mesmo tempo que cresce o dos influencers anticonsumismo, ou desinfluencers de moda, que trocaram os vídeos de ostentação de compras por aqueles de recuperação de peças antigas ou de reparo de itens danificados.

"Acho que é tendência no mundo todo não jogar mais roupa fora. E é algo que tem penetração em todas as classes sociais", afirma a artista têxtil Marta Matui, 60, que tirou um ano sabático de sua carreira como diretora de arte em publicidade para estudar arte têxtil e nunca mais voltou à antiga profissão.

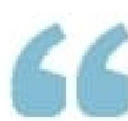
"Fiz cursos aleatórios de arte-têxtil e comecei a remendar roupas de minhas colegas do teatro quando achei uma hashtag #visiblemending. Quando cliquei, descobri que tinha uma comunidade global que estava fazendo isso. Achei a minha turma", conta ela, que hoje faz trabalhos por encomenda remendando peças queridas de seus clientes.



Marta Matui faz trabalhos manuais, como crochê e bordados, para desenvolver a técnica de reparo Rafaela Araújo/Folhapress

Ela mergulhou nas suas origens nipônicas e estudou o sashiko, uma técnica japonesa de bordado usado para remendar roupas e torná-las mais grossas para a estação fria. "É algo da mentalidade japonesa ligada à beleza, à matemática e ao não desperdício."

"As técnicas de reparo de roupas nascem das classes mais baixas, em especial agricultores. A mentalidade moderna está chegando a isso porque não podemos mais gerar lixo e ninguém mais quer blusinhas de R$ 20. Queremos roupas boas e longevas", avalia.



O papel do governo é estabelecer obrigações de desempenho para a Refashion

Ministério da Transição Ecológica da França
em nota

Para Farah, boa parte da indústria da moda hoje tem como motor a ideia de obsolescência programada. "Essa renovação constante e esse ciclo acelerado de produção estão no coração da moda. Com o fast fashion, o produto já vem com a morte anunciada, para ser deteriorado em algumas lavagens."

Para incentivar a aquisição e o reparo de roupas de qualidade, há pouco mais de um ano, o governo da França instituiu um modelo de financiamento público para o conserto de roupas e calçados em serviços certificados.

Segundo o Ministério da Transição Ecológica da França, o incentivo varia de € 6 a € 25 (cerca de R$ 38 a R$ 160) e tem o objetivo de aumentar em 35% o volume de têxteis reparados para novos usos até 2028.

Os bônus oferecidos pelo governo não podem exceder 60% do preço do reparo, que precisa ter o valor mínimo de € 12 (cerca de R$ 75).

O país instituiu um modelo de Responsabilidade Estendida do Produtor (REP) para produtos têxteis, em que os produtores contribuem financeiramente para o fim da vida útil dos produtos que colocaram no mercado francês. O modelo é baseado no princípio do poluidor-pagador.

Eufrázio

FESTIVAL

CARNA UOL

O CARNAVAL
MAIS POP
DO UNIVERSO

O CARNAUOL VEM AÍ
PARA DAR INÍCIO
À FOLIA DE 2025.

Reunimos o melhor do pop, com atrações internacionais e grandes nomes da música brasileira em um festival feito para quem quer curtir do início ao fim.

Pela primeira vez, Christina Aguilera se apresenta no Brasil e a diva promete um show histórico em nosso palco.

CHRISTINA
AGUILERA

E MUITO MAIS

08 DE FEVEREIRO
ALLIANZ PARQUE
SÃO PAULO

INGRESSOS EM
EVENTIM.COM.BR

REALIZAÇÃO





PATROCÍNIO



Eufrázio



Sidônio Palmeira (Secom) e Haddad em cerimônia de sanção da reforma tributária Gabriela Biló - 16.jan.24/Folhapress

Haddad sai chamuscado com pacote e polêmica do Pix, e aliados pedem gesto de Lula

Avaliação é que presidente precisa dar sinais de que ministro continua forte, para reverter quadro de deterioração da economia

Idiana Tomazelli e Catia Seabra

BRASÍLIA O recuo do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) na polêmica sobre o Pix impôs um novo desgaste ao ministro Fernando Haddad (Fazenda), que já havia sofrido uma derrota política no fim do ano passado em torno da discussão sobre a isenção de Imposto de Renda para quem ganha acima de R$ 5.000.

Segundo o relato de governistas, Haddad saiu chamuscado dos dois episódios, e aliados do ministro defendem um gesto do presidente para fortalecê-lo.

O governo enfrenta uma onda de desconfiança em relação aos rumos da economia e da política fiscal, o que ajuda a alimentar a piora das estimativas em relação à trajetória da dívida pública do país —hoje preocupação central dos economistas e do próprio Ministério da Fazenda.

Ainda que Haddad se mantenha como um dos principais conselheiros de Lula, aliados do ministro afirmam que, após conversas com interlocutores de fora do governo, inclusive do mercado financeiro, a conclusão que se tira é de que falta credibilidade do presidente na agenda da Fazenda e na condução do ministro.

Um ministro ouvido pela Folha sob reserva avalia que a necessidade de Haddad negociar todas as medidas econômicas dentro do governo antes até de elas chegarem ao Congresso, muitas vezes sob forte oposição de seus colegas de Esplanada, tem desgastado o chefe da equipe econômica.

Esse interlocutor defende que Lula precisaria dar uma demonstração de apoio a Haddad, sob pena de ampliar as incertezas e colocar o país na rota de uma crise fiscal e econômica, com repercussões negativas inclusive para a campanha eleitoral em 2026.

Um dos interlocutores diz que, quando Haddad esteve mais forte, a economia estava melhor, o dólar, mais baixo e as expectativas, sob controle. À medida que cresceu a percepção de enfraquecimento do chefe da Fazenda, virou "barata-voa", segundo ele.

O dólar rompeu a marca dos R$ 6 —patamar em que está hoje— e os juros dispararam após uma das derrotas mais significativas de Haddad dentro do governo, que resultou na vinculação da isenção do IR ao anúncio do pacote de corte de gastos.

O ministro da Fazenda e sua equipe se posicionaram contra a junção das duas medidas, mas foram voto vencido diante dos apelos da ala política.

Na época, a inclusão da isenção do IR no pacote teve o respaldo do publicitário Sidônio Palmeira, agora nomeado ministro-chefe da Secom (Secretaria de Comunicação Social). O fato de Haddad ter anunciado a medida em cadeia nacional de rádio e TV foi visto como uma demonstração de poder do marqueteiro, antes mesmo de ele virar ministro.

Seu ingresso formal no governo, segundo aliados do presidente, altera a correlação de forças e fortalece o ministro Rui Costa (Casa Civil) na queda de braço com Haddad, especialmente na agenda econômica. Procurados, o Ministério da Fazenda e a Secom não se manifestaram até a publicação deste texto.

Na última semana, Sidônio teve papel importante no desfecho da crise do Pix, que culminou na revogação de uma norma da Receita Federal sobre declaração de transações financeiras ao fisco.

Haddad defendeu o mérito da medida da Receita, mas na tarde de quarta-feira (15) já não apresentava forte resistência à sua revogação diante da repercussão negativa nas redes sociais e da exploração do tema por adversários políticos do presidente.

Já Sidônio foi um dos principais defensores da revogação, com o apoio de Rui, e saiu vitorioso. Após o episódio, um auxiliar de Haddad buscou minimizar qualquer percepção de atrito entre os ministros, mas permanece a dúvida sobre qual será a influência de Sidônio sobre as decisões econômicas à medida que se aproximarem as eleições de 2026.

Show de Trump, fogo no circo

Com apoio da elite e sem revolta popular, gestão pode criar ordem mundial sinistra

Vinicius Torres Freire

Jornalista, foi secretário de Redação da Folha. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

O show de Donald Trump recomeça. Mais importante do que ver os truques é saber se o show e suas consequências terão o apoio ou a tolerância de partes relevantes do establishment americano; se não vão diminuir o prestígio popular de Trump.

Caso tenham apoio suficiente, se pergunta 1) Trump fará uma "Presidência transformadora"? 2) ou será versão circense e anárquica das correntes mais profundas, de mudanças paulatinas, que persistem tanto sob democratas quanto republicanos?

A presidência de Franklin Roosevelt, de 1933 a 1945, foi transformadora, no juízo dos americanos. Inventou a intervenção ampla do governo na economia, direitos sociais e a administração imperial (americana) da economia e da política mundiais. A de Ronald Reagan (1981-1988) também. No que Trump poderia ser transformador?

Há pistas nos discursos lunáticos, embora seja temeridade até especular o que vai ser de Trump 2, dada a sua relação incerta ou hostil com parte extensa do establishment (política, finança, grande empresa, alta burocracia, universidade e centros de pesquisa, mídia etc.). Além do mais, Trump é adepto da barganha negocista, dado a alianças e comportamentos facinorosos, uma personagem entre o herói trapaceiro (o "trickster" da etnologia) e um "duce" (sim, Mussolini).

Além do mais, Trump é adepto da barganha negocista, dado a alianças e comportamentos facinorosos, uma personagem entre o herói trapaceiro (o "trickster" da etnologia) e um "duce" (sim, Mussolini)

Trump pode ignorar o que se chama de "ordem internacional baseada em regras", mesmo que algumas delas para inglês ver (mas certa hipocrisia é importante). Ao aumentar impostos de importação ou criar mais restrições ao livre comércio e ao fluxo de capitais, acabaria com os planos americanos de liberalização econômica mundial, que duraram de 1943 à primeira década deste século. Além do mais, relações econômicas estariam explicitamente ameaçadas pelo uso da força, inclusive contra aliados.

Trump aceita ou admira ações imperiais ou agressões. Vide sua atitude em relação à guerra de Vladimir Putin contra a Ucrânia. Quem sabe tolere ações da China no quintal dela. Não quer que os EUA financiem a defesa da Europa, que, aliás, viveria crise ainda pior se tivesse de aumentar o gasto militar. Trump seria, então, adepto de uma espécie de isolacionismo. Assim eram os americanos antes de 1941 e ainda mais antes de 1914. Mandavam no quintal das Américas, no porrete, sem a política de "boa vizinhança" posterior.

Conter o poder econômico, tecnológico e militar da China é uma política americana, ponto. Vide Joe Biden, que levou adiante ou ampliou medidas na linha de Trump 1. A dúvida é saber se políticas industriais e intervenção estatal "estratégica" na economia vão continuar, sob Trump (talvez em forma mais profunda de capitalismo de compadres, vide a alegria de Elon Musk).

Os EUA estão no caminho de alguma desordem fiscal (déficits e dívida enormes). Não há sinais de que Trump tenha planos de conter o problema (ao contrário, quer cortar impostos). Se nada fizer, terá inflação e juros mais altos. Diz que vai conter gasto desmontando o Estado. Seria uma paulada, de efeito social enorme. Fora na epidemia, os déficits não são tão ruins desde os anos seguintes ao do colapso de 2008, situação minorada em parte porque o Banco Central aliviou a conta de juros —financiou o governo, na prática. Mas a dívida agora é bem maior (52% do PIB em 2009, 98% em 2024).

Se Trump ficar só no circo, será um alívio para o mundo.

colunistas da semana

DOM. Samuel Pessôa, Vinicius Torres Freire, Ana Paula Vescovi / Marcos Lisboa / Candido Bracher SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos Eduardo Cucolo Michael Viriato TER. Michael França / Cecilia Machado, Mauro Zafalon, Adriana Fernandes QUA. Bernardo Guimarães / Lorena Hakak, Vinicius Torres Freire, Jerson Kelman QUI. Cida Bento / Solange Srour, Vinicius Torres Freire, Rômulo Saraiva SEX. Bráulio Borges, Vinicius Torres Freire SAB. Marcos Mendes / Rodrigo Zeidan, Adriana Fernandes, Laura Muller Machado



Unidade do Cras (Centro de Referencia da Assistência Social), em São Paulo, que oferece assistência social Rubens Cavallari - 6.out.23/Folhapress

Famílias de um só no Bolsa Família voltam a crescer, e cerco deve apertar

Número das chamadas famílias unipessoais no programa aumentou atipicamente às vésperas dos pleitos municipais, e governo vai investigar uso eleitoral do benefício

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) vai intensificar as ações de regularização do Cadastro Único após identificar um novo aumento de famílias unipessoais no fim de 2024, parte delas beneficiárias do Bolsa Família.

As ações vão se desdobrar em pelo menos duas frentes, uma de averiguação mais ampla em todos os municípios e outra concentrada nos locais onde o governo percebeu "movimentos atípicos" no período eleitoral.

O Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome enviou à CGU (Controladoria-Geral da União) a lista dos cem piores municípios, nos quais houve alta de unipessoais e há suspeita de uso eleitoral do cadastro, que é porta de entrada para quase 2.000 benefícios em todo o Brasil.

A pasta pediu o apoio da Rede Federal de Fiscalização, da qual ambas fazem parte, para elaborar um plano de trabalho que envolva averiguação presencial nos municípios mais críticos, com entrevistas de gestores e visita domiciliar a famílias unipessoais.

Embora o CadÚnico seja um instrumento federal, as prefeituras são responsáveis por atender às famílias e alimentar a base de dados com as informações. Se elas falham nessa tarefa, por erros involuntários ou burlas intencionais, há piora na focalização dos programas e repercussão nos gastos públicos.

No Bolsa Família, ações adotadas no governo Lula reduziram o número de unipessoais do pico de 5,9 milhões em janeiro de 2023 para 3,9 milhões em junho de 2024.

Mesmo com a queda significativa, a quantidade ainda estava acima dos 2,2 milhões registrados antes do crescimento explosivo ocorrido no fim do governo de Jair Bolsonaro (PL), quando as regras induziram a divisão artificial das famílias e turbinaram o programa às vésperas da eleição de 2022.

Além disso, nos últimos meses de 2024, os registros de unipessoais voltaram a crescer e alcançaram 4,13 milhões em dezembro —uma expansão de 213,4 mil em relação a junho.

No CadÚnico, que compreende um público mais amplo, houve um pico de 15,5 milhões de famílias em janeiro de 2024, que caiu a 12,15 milhões em agosto após a exclusão de quem estava fora dos critérios. Em dezembro, o número já havia subido 12,64 milhões.

"As medidas trouxeram intensa melhora, principalmente na faixa de até meio salário mínimo. Na faixa de requerimento do Bolsa Família, embora também tenha havido intensa melhora, ainda é aquém do necessário", afirma à **Folha** a secretária de Avaliação, Gestão da Informação e Cadastro Único, Letícia Bartholo.

Na lista dos cem piores municípios estão locais que já tinham uma proporção de unipessoais fora da curva e, de julho de 2024 para cá (em pleno período eleitoral), continuaram incluindo famílias de um único integrante. Em alguns casos, os unipessoais foram quase 100% dos novos cadastros no período.

Algumas prefeituras nem sequer respondem ao MDS quando o órgão pede esclarecimentos diante de denúncias de fraude. Por isso, a percepção no governo é que, nesses casos, não se trata apenas de inclusão indevida de famílias no cadastro, mas de um modelo de gestão que favorece irregularidades.

Entre os 10 piores municípios, 6 estão na Bahia, 2 em Pernambuco, 1 em Minas e 1 no Rio Grande do Sul. São pequenas cidades que já tinham uma proporção muito grande de unipessoais e continuaram incluindo famílias dessa categoria durante o período eleitoral.

A primeira da lista é Pau Brasil (BA), onde 63,76% das famílias cadastradas eram unipessoais em julho de 2024, proporção que subiu a 69,24% até 10 de janeiro de 2025. A **Folha** procurou esta e as outras nove prefeituras da lista, mas não obteve resposta de nenhuma delas.

"Esses municípios específicos serão tratados no âmbito da Rede de Fiscalização do Bolsa Família do CadÚnico. Isso significa ações mais firmes, com visitas in loco", diz Bartholo. "Há um risco de fraude ao cadastro por motivos políticos", afirma João Paulo de Faria Santos, consultor jurídico do MDS e coordenador da Rede Federal de Fiscalização. "A gente sabe que houve mudança em várias prefeituras, mas em outras não, ou ao menos não no grupo político. Então, há um alerta em relação a algumas prefeituras."

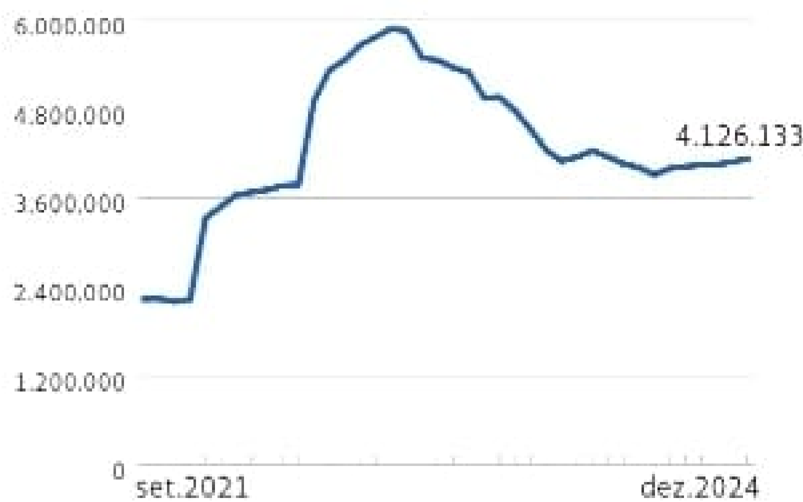
A CGU ainda está elaborando o plano das fiscalizações, que deve envolver apenas parte dos municípios indicados pelo MDS, por uma questão de disponibilidade de equipes e recursos. O número de locais a serem visitados ainda não está fechado, mas pode ficar entre 50 e 60. Os auditores devem elaborar um relatório, mas as situações mais graves serão antecipadas ao MDS para a adoção de providências.

A Rede Federal de Fiscalização também firmou um acordo com a Atricon (Associação dos Membros dos Tribunais de Contas do Brasil) para reforçar os mecanismos de responsabilização dos gestores e, assim, encorajá-los a seguir as normas do cadastro.

"A fraude mesmo acontece no município, no Cras [Centro de Referência de Assistência Social]. E a gente não tem intervenção direta, nem o TCU [Tribunal de Contas da União]", diz Santos. "A gente está tentando fazer essa coordenação com todos os tribunais de contas do país para ter quem realmente fiscaliza o município no pé dele."

Os municípios também estão em fase de assinatura dos novos termos de adesão ao Bolsa Família, dado que os convênios vigentes ainda são de antes da reformulação do programa. Nesses termos, eles devem se comprometer em apoiar um plano de fiscalização local a ser executado pelo Conselho Municipal de Assistência Social.

Número de famílias unipessoais no programa Bolsa Família



213.357

é o crescimento no número de unipessoais no Bolsa Família de junho a dezembro de 2024

Os 10 piores municípios

% do total de famílias, em 10.jan.25



Fonte: Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome

Eufrázio

Entrevista com o ministro Haddad

Trajetória insustentável da economia explica juros maiores do que se imaginava

Samuel Pessôa
Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Na sexta-feira passada o ministro Fernando Haddad concedeu longa entrevista para a CNN.

O ministro foi bem. Teve muita paciência e respondeu a todas as questões em longos 70 minutos de entrevista.

Defendeu muito bem a agenda de reformas da Receita: a reforma dos impostos indiretos, cuja legislação complementar foi sancionada pelo presidente na quinta-feira (16) passada. Defendeu também as diversas medidas de combate ao planejamento tributário e a reforma do Imposto de Renda, que será enviada ainda no primeiro semestre ao Congresso.

Como em geral os petistas fazem, o ministro enfatizou a herança maldita na política fiscal. Não parece ser justo com Paulo Guedes, que passou o bastão com gasto primário e dívida pública —ambos como proporção do PIB— menores do que em dezembro 2018.

O mau humor do mercado deve-se a três fatores: 1) a regra de indexação do salário mínimo; 2) a regra de indexação do gasto mínimo constitucional em saúde e educação; e 3) a constatação, muito ruim, de que em 2024 a economia teve que operar com juros muito maiores do que se imaginava no final de 2023. Nenhum desses três fatos constituem herança de Temer ou Bolsonaro.

A reindexação do salário mínimo real e dos mínimos constitucionais foi decisão do presidente Lula. Ele é o único responsável. E o problema é que essas regras tornam a política fiscal insustentável. Elas estão associadas ao crescimento do gasto ao longo do tempo e não ao nível do gasto em um momento do tempo. Indexar o gasto mínimo constitucional com saúde e educação na evolução da receita corrente líquida é ainda mais grave se o ajuste fiscal desenhado pelo ministro prioriza crescimento da receita.

> **O ministro enfatizou o erro de previsão do mercado em relação ao crescimento. O que não notou é que, por consistência, a dívida pública como proporção do PIB deveria ter sido revista para menor em 3,5 pp**

O ministro enfatizou muito o erro de previsão do mercado em relação ao crescimento econômico. O mercado previa em dezembro de 2022 que o crescimento seria de 2% para o acumulado no biênio de 2023 e 2024 e foi 7%. Houve um erro de 5 pontos percentuais.

O que o ministro não notou e os jornalistas não lembraram a ele é que, por consistência, a dívida pública como proporção do PIB deveria ter sido revista para menor em 3,5 pontos percentuais.

Como houve uma surpresa negativa nos juros, não houve essa revisão para menor na dívida pública em dezembro de 2024. A surpresa negativa nos juros é fruto de a surpresa de crescimento ter sido consequência de uma trajetória insustentável da economia: no biênio 2023-2024 o crescimento da demanda agregada foi maior do que a economia; as exportações líquidas caíram; a inflação de serviços cresceu e os salários se elevaram além do crescimento da produtividade do trabalho.

É a insustentabilidade da trajetória da economia que explica os juros maiores do que se imaginava.

Duas boas notícias. O ministro enfatizou que haverá uma desaceleração da economia no segundo semestre de 2025. Se Lula não entrar em modo pânico e deixar a política monetária fazer seu trabalho, será muito bom para o país.

Segunda, o ministro enfatizou que a política monetária funciona normalmente, e, nas entrelinhas, festejou a independência do Banco Central. Ótima notícia para o ministro de um partido que há alguns anos destruiu a candidatura de um adversário com a fake news de que BC independente retira a comida das mesas das famílias brasileiras.



EHang apresenta o eVTOL modelo EH216-S em evento realizado na China Lu Hanxin/Xinhua

Com táxi aéreos, China acelera 'economia de baixa altitude'

De fábrica de carros voadores à concessão da própria zona aérea, plano do país é ter o pioneirismo em uma indústria do futuro

Nelson de Sá

PEQUIM Em Xinjiang, nas plantações de algodão, parte do serviço agora é feito por drones da XAG, de Guangzhou. É um dos argumentos contra a acusação americana de que a região abriga "trabalho forçado". Com drones, a produção de 200 hectares pode ser tocada por duas pessoas. Já alcançando 63 países, o maior mercado externo da XAG é o Brasil, com vendas anuais de milhares de aparelhos, segundo a empresa.

São casos de rápido êxito comercial como esse que sustentam o próximo passo da China, resumido na expressão "economia de baixa altitude". Drones urbanos de entrega, táxis aéreos autônomos e mesmo dirigíveis estão sendo desenvolvidos e testados para ocupar rotas até mil metros de altura ou no máximo 3.000 metros —que remetem à célebre animação "Os Jetsons", dos anos 1960.

A administração de aviação civil projeta que a economia de baixa altitude alcance uma receita anual de 2 trilhões de yuans (R$ 1,7 trilhão) até 2030. E a Aliança da Economia de Baixa Altitude da China, que já reúne mais de cem empresas, projeta que o país chegue até 2030 a um total de 100 mil eVTOLs (sigla de veículos elétricos de decolagem e pouso vertical), servindo como táxi aéreo ou carro de família.

Os dispositivos, embora chamem a atenção e garantam publicidade, são o de menos, segundo analistas. "Pequim se destaca na implantação de infraestrutura", diz Mary Hui, da newsletter a/symmetric, sobre competição industrial, e agora da Bloomberg.

Os investimentos na construção dessa base para a economia de baixa altitude, acrescenta a pesquisadora de Hong Kong, se alinham às duas metas estratégicas de nível nacional: garantir níveis aceitáveis de crescimento do PIB (Produto Interno Bruto) e dar à China pioneirismo numa indústria do futuro. Hui compara com o que aconteceu nas ferrovias de alta velocidade, em que o sucesso chinês em apenas três décadas não veio necessariamente da tecnologia do equipamento, mas da engenharia civil que permitiu sua implantação em tal proporção e velocidade.

Para Kyle Chan, pesquisador sobre política industrial chinesa na Universidade Princeton, nos EUA, uma outra vantagem da China é que o novo setor se baseia em áreas nas quais já avançou, não só drones, mas 5G, inteligência artificial, baterias e LiDAR (usada para detecção em direção autônoma). "A tecnologia por trás da economia de baixa altitude se sobrepõe à indústria de veículos elétricos da China e ao seu avanço em veículos autônomos", diz ele, sublinhando que a montadora de carros elétricos XPeng tem até um braço para eVTOL.

A XPeng iniciou há dois meses as obras do que chamou de primeira fábrica de produção em massa de eVTOL, em Guangzhou. Antes dela, a EHang, também de Guangzhou, havia recebido a primeira licença oficial para fabricação. Seus protótipos vêm sendo usados para demonstrações publicitárias de voo vertical autônomo, inclusive em áreas do agro, no interior do Brasil.

> **R$ 1,7 tri**
> é a receita anual que a administração de aviação civil projeta para a economia de baixa altitude até 2030
>
> **R$ 780 milhões**
> Foi o valor oferecido pela empresa Shandong Jinyu para explorar por 30 anos os serviços de economia de baixa altitude no condado de Pingyin, que anunciou a concessão de seu espaço aéreo há cerca de dois meses

A programação oficial chinesa é começar os testes propriamente comerciais dos eVTOL em 2025, em áreas que estão sendo preparadas, com a construção de infraestrutura. Xangai prevê atingir 400 rotas de baixa altitude em atividade até 2027.

Drones de entrega, já bem mais desenvolvidos, vêm sendo usados em cidades como Shenzhen. Até a capital, Pequim, usualmente mais conservadora na adoção de tecnologias, acaba de permitir um serviço de entrega de refrigerante, café e comida na seção Badaling da Grande Muralha, a área mais próxima da capital e foco de turistas.

Além da construção das bases para lançamento e recarga, sobretudo dos eVTOL, Kyle Chan aponta outro desafio aos planos chineses: como desenvolver um sistema nacional de gerenciamento de operações de veículos aéreos não tripulados. "A China quer integrá-lo ao seu sistema de gerenciamento de tráfego aéreo, com obstáculos regulatórios e logísticos que exigirão grande coordenação entre autoridades nacionais e locais", detalha.

Em 2024, a Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma, a principal instituição de planejamento na China, anunciou a criação de um órgão para "formulação e implementação das estratégicas de desenvolvimento da economia de baixa altitude". O propósito é coordenar o setor.

Uma surpresa aconteceu há cerca de dois meses, quando o condado de Pingyin anunciou a concessão de seu espaço aéreo. A vencedora foi a Shandong Jinyu, que ofereceu 924 milhões de yuans (R$ 780 milhões) para explorar por 30 anos os serviços de economia de baixa altitude, respondendo por operação e manutenção da grade e até pelo treinamento de pilotos.



Leilão Judicial Eletrônico

Imóveis com deságios de até 50% sobre o valor de avaliação. Aproveite!



Lances a partir de **R$ 1.877.368,55** | Avaliação R$ 3.128.947,59

Imóvel Comercial

Imóvel com 274 m² de construção e terreno com área de 589 m². Composto por salão, lavabo, cozinha, área de serviços, 3 salas, 3 banheiros, churrasqueira, jardim e garagem coberta.

1º Leilão ~~18/12 - 10:00hs~~  2º Leilão 22/01 - 10:00hs

Juiz: Exmo. Dr. Cassio Pereira Brisola
1ª Vara Cível do Foro Regional XI - Pinheiros/SP



São Paulo/SP

Lances a partir de **R$ 13.866.900,00** | Avaliação R$ 16.314.000,00

Prédio Comercial

Imóvel com 720 m² de construção e terreno com área de 698 m². Localizado a 5 min. da Marginal Pinheiros e a 8 min. do Shopping JK Iguatemi.

1º Leilão ~~16/12 - 09:00hs~~  2º Leilão 22/01 - 09:00hs

Juiz: Exmo. Dr. Paulo Henrique Ribeiro Garcia
1ª Vara Cível do Foro Regional XI - Pinheiros/SP



Morumbi/SP



Lances a partir de **R$ 250.481,65**

Avaliação R$ 500.963,31

Apartamento Pinheiros/SP

Imóvel com 63 m² no Edifício Alamac, localizado ao lado do Metrô Fradique Coutinho e a 11 min. do Shopping Eldorado.

Juiz: Exmo. Dr. Diego Ferreira Mendes
4ª Vara Cível do Foro Regional XI - Pinheiros/SP

1º Leilão 22/01 - 09:30hs  2º Leilão 22/01 - 10:30hs



Lances a partir de **R$ 798.529,67**

Avaliação R$ 851.764,98

Apartamento São José dos Campos/SP

Imóvel com 156 m² no Edifício Marya Lúcia, composto por 4 dorms, sendo 2 suítes, com sala de estar e jantar, sacada, cozinha, banheiro e área de serviço.

Juiz: Exmo. Dr. Luis Mauricio Sodré de Oliveira
2ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

1º Leilão ~~16/12 - 09:30hs~~  2º Leilão 22/01 - 09:30hs



Lances a partir de **R$ 1.539.832,36**

Avaliação R$ 2.566.387,27

Terreno Urbano São José dos Campos/SP

Gleba de terras com área de 1.906 m², localizado a 4 min. da Rod. Presidente Dutra.

Juiz: Exmo. Dr. Paulo de Tarso Bilard de Carvalho
2ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

1º Leilão ~~16/12 - 10:00hs~~  2º Leilão 22/01 - 10:00hs



Lances a partir de **R$ 388.070,69**

Avaliação R$ 646.784,49

Imóvel Residencial São Paulo/SP

Composto por 2 salas, 2 cozinhas, 2 suítes, 2 dorms, 2 banheiros, 2 lavanderias, quintal e varanda.

Juiz: Exmo. Dr. Rodrigo de Azevedo Costa
2ª Vara Cível do Foro Regional I - Santana/SP

1º Leilão 22/01 - 09:30hs  2º Leilão 22/01 - 10:30hs



Lances a partir de **R$ 515.058,25**

Avaliação R$ 542.166,58

Imóvel Residencial Cordeirópolis/SP

Imóvel com 138 m² de construção e terreno com área de 405 m². Localizado a 2 min. da Rod. Constante Peruchi e a 13 min. do centro de Santa Gertrudes.

Juiz: Exmo. Dr. Alexandre Dalberto Barbosa
1ª Vara Cível de Rio Claro/SP

1º Leilão ~~16/12 - 10:00hs~~  2º Leilão 22/01 - 10:00hs



Lances a partir de **R$ 321.208,34**

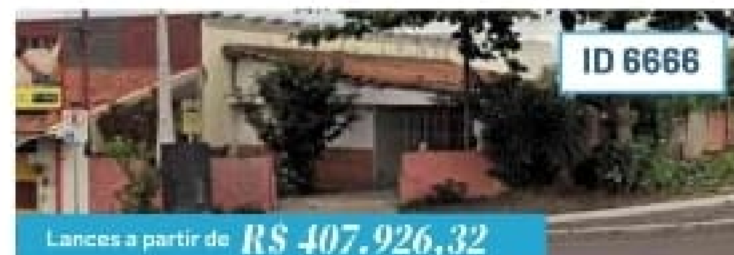
Avaliação R$ 419.310,17

Imóvel Residencial Rio Claro/SP

Imóvel no loteamento denominado Vila Cristina com 134 m² de construção e terreno com 325 m². Composto por sala de estar e jantar, terraço, 3 dorms sendo 1 suíte, cozinha, banheiro e garagem para veículo.

Juiz: Exmo. Dr. Alexandre Dalberto Barbosa
1ª Vara Cível de Rio Claro/SP

1º Leilão ~~16/12 - 10:30hs~~  2º Leilão 22/01 - 10:30hs



Lances a partir de **R$ 407.926,32**

Avaliação R$ 428.494,03

Imóvel Residencial Rio Claro/SP

Imóvel com área construída de 48 m² e terreno com área de 287 m². Localizado a 4 min. da Rod. Washington Luís e a 5 min. do centro da cidade.

Juiz: Exmo. Dr. Alexandre Dalberto Barbosa
2ª Vara Cível de Rio Claro/SP

1º Leilão ~~16/12 - 11:00hs~~  2º Leilão 22/01 - 11:00hs



Lances a partir de **R$ 317.998,43**

Avaliação R$ 635.996,87

Imóvel Residencial Bairro Butantã/SP

Imóvel com 185 m² de construção e terreno com área de 160 m². Composto por 3 dorms sendo 1 suíte, sala, cozinha, 2 banheiros, lavanderia, depósito, edícula e 2 vagas de garagem.

Juiz: Exmo. Dr. Diego Ferreira Mendes
4ª Vara Cível do Foro Regional XI - Pinheiros/SP

1º Leilão 22/01 - 10:30hs  2º Leilão 22/01 - 11:30hs



Lances a partir de **R$ 435.094,34**

Avaliação R$ 725.157,24

Imóvel Residencial Mairiporã/SP

Imóvel no Residencial Ypê, lote com área de 1.003 m², composto por residência com 2 edículas. Localizado a 14 min. do centro da cidade.

Juíza: Exma. Dra. Fabiana Kiplerski de Araújo Lúcio
Vara da Família e Sucessões de Guarulhos/SP

1º Leilão ~~16/12 - 11:30hs~~  2º Leilão 22/01 - 11:30hs



Lances a partir de **R$ 337.553,16**

Avaliação R$ 405.063,83

Imóvel Residencial Franca/SP

Imóvel com 132 m² de construção e terreno com área de 300 m². Composto por dormitório, sala, banheiro, cozinha, lavanderia, quintal e garagem.

Juiz: Exmo. Dr. Humberto Rocha
2ª Vara Cível de Franca/SP

1º Leilão ~~16/12 - 11:30hs~~  2º Leilão 22/01 - 11:30hs



Lances a partir de **R$ 765.580,29**

Avaliação R$ 835.178,47

Apartamento Bairro Santa Cecília/SP

Imóvel com 97 m² no Condomínio Edifício Paradisis com box e vaga de garagem. Localizado a 6 min. da Av. São João e a 11 min. da Av. Paulista.

Juiz: Exmo. Dr. Diego Ferreira Mendes
4ª Vara Cível do Foro Regional XI - Pinheiros/SP

1º Leilão 22/01 - 15:00hs  2º Leilão 22/01 - 16:00hs



Lances a partir de **R$ 2.879.556,75**

Avaliação R$ 5.759.113,49

Terreno Urbano Santa Gertrudes/SP

Terreno com área de 5.894 m², composto por topografia plana. Localizado a 2 min. da Rod. Constante Peruchi e a 12 min. do centro da cidade.

Juiz: Exmo. Dr. Claudio Luiz Pavão
3ª Vara Cível de Rio Claro/SP

1º Leilão ~~16/12 - 16:30hs~~  2º Leilão 22/01 - 16:30hs



Lances a partir de **R$ 284.358,54**

Avaliação R$ 473.930,90

Imóvel Comercial Franca/SP

Imóvel com área de 250 m², composto por recepção, 5 salas, 2 lavabos, 7 estúdios, refeitório, cozinha, 2 banheiros, área externa coberta e estacionamento.

Juiz: Exmo. Dr. Humberto Rocha
2ª Vara Cível de Franca/SP

1º Leilão 04/02 - 09:30hs  2º Leilão 25/02 - 09:30hs



Lances a partir de **R$ 949.763,25**

Avaliação R$ 1.899.526,51

Imóvel Residencial Mococa/SP

Imóvel com 541 m² de construção e terreno com área de 1.447 m². Localizado a 4 min. do centro da cidade.

Juiz: Exmo. Dr. José Oliveira Sobral Neto
Setor de Execuções Fiscais de Mococa/SP

1º Leilão 06/03 - 14:00hs  2º Leilão 06/03 - 15:00hs



Lances a partir de **R$ 1.124.553,08**

Avaliação R$ 2.249.106,16

Prédio Comercial Mococa/SP

Imóvel com 1.486 m² de construção e terreno com área de 1.399 m². Localizado a 5 min. do centro da cidade.

Juiz: Exmo. Dr. José Oliveira Sobral Neto
Setor de Execuções Fiscais de Mococa/SP

1º Leilão 06/03 - 14:00hs  2º Leilão 06/03 - 15:00hs

Reservamo-nos o direito à correção de possíveis erros de digitação. As informações aqui contidas não substituem o edital.

11 3969 1200 | 0800 789 1200 · 11 95577 1200 · **leje.com.br** · @lejeoficial · Leilão Judicial Eletrônico

Egamers buscam Justiça para provar vínculo trabalhista com suas equipes

Jogadores de esportes virtuais, como 'Counter Strike' e 'Free Fire,' relatam casos de pressão e falta de pagamentos prometidos; advogados dizem que área é nebulosa

Alex Sabino



Lucas Freitas, atleta de 'CS 2' que passou por equipes em que não recebeu os salários Olga Leiria/Folhapress

SÃO PAULO Daniel (nome fictício) tinha 13 anos quando foi "descoberto" no "Free Fire", um jogo eletrônico em que o objetivo principal é ser o único sobrevivente entre adversários que estão no mesmo mapa virtual.

Era tão bom que, no ano passado, aos 16, assinou contrato com uma equipe da capital paulista. Sua mãe não quer que o nome dela seja publicado.

O garoto começou a demonstrar sinais de tristeza. Relatou pressões do técnico que, na frente dos outros, gritava que Daniel não sabia jogar. Após um torneio, há cerca de três meses, ele voltou cabisbaixo e apático. Em uma noite de chuva, chamou a mãe para dizer que a casa em que moravam era mal-assombrada. Foi o começo da avalanche.

Poucos dias depois, Daniel reclamou não enxergar direito. Não conseguia dormir. Os pais o levaram a um hospital no M'Boi Mirim, zona sul da capital. Ele não reconhecia os familiares e foi internado. Teve um surto psicótico diagnosticado. A mãe diz ter procurado a equipe em busca de ajuda e só o que recebeu foi consulta online com uma psicóloga. Ficou com a impressão de que a profissional levou a conversa por um caminho para culpar os pais. Foi a gota d'água. "Meu filho se tornou outra pessoa", se queixa.

A família resolveu iniciar um procedimento cada vez mais comum entre os atletas de egames: a busca pelo reconhecimento de vínculo trabalhista. O acordo mais comum entre times e jogadores é o contrato como autônomo. Mas, muitas vezes, segundo relatos ouvidos pela reportagem, nem isso acontece, principalmente nas equipes menores.

"Existem muitas decisões pelo Brasil sobre isso. Há sentenças que reconhecem o egame como atividade esportiva. É feito contrato de autônomo e o jogador precisa cumprir horários exaustivos, se adequar a regras. É como no futebol. O normal seria a carteira de trabalho assinada. A Lei Geral do Esporte prevê pagamento de direitos de imagem, repasse de patrocínios pessoais e premiações", afirma Helio Tadeu Brogna Neto, advogado de Daniel e de outros atletas.

Eles e elas ficam em concentrações, têm rotina superior a 12 horas de trabalho e sofrem pressão psicológica por resultados.

"Esses mercados de games, assim como o de influenciadores digitais, streamers, são novos, e a movimentação de dinheiro é atípica, mas legítima. A Ana Moser [quando era ministra do Esporte] criticou muito a equiparação [do egamer a atleta], mas a rotina desse pessoal é a de atleta. É a mesma coisa", diz Daniel Chiode, advogado trabalhista e que presta assessoria jurídica a equipes.

Na questão dos jogadores, ele ressalta ser necessário diferenciar os dois tipos de contratos possíveis: o profissional e o amador. Recentemente, ele venceu processo em que alegou, com sucesso, que o atleta poderia ser considerado das categorias de base, para usar um termo do futebol. O pedido de indenização trabalhista foi rejeitado. "O que vai diferenciar profissional e amador é a remuneração", diz.

Três atletas relataram à Folha terem tido problemas trabalhistas com equipes. Por isso, decidiram entrar na Justiça. Eles pedem para não terem os nomes publicados, porque são jovens. Temem que a exposição possa prejudicá-los no futuro em uma carreira que se torna cada vez mais lucrativa.

Levantamento do site Esports Earnings aponta que o Brasil foi com maior premiação acumulada nos esports em 2023. Foram US$ 52 milhões (R$ 316 milhões pela cotação atual) apenas até setembro daquele ano. São quase 5.000 jogadores no país. A premiação em apenas um torneio pode render para a equipe vencedora até US$ 500 mil (R$ 3 milhões).

Os atletas, especialmente de equipes menores ou em formação, se reúnem em grupos de WhatsApp e trocam orientações do que fazer para garantir seus direitos. Os conselhos são para copiarem telas de conversas por serviços de mensagens. Guardar as provas de promessas feitas por donos ou responsáveis pelos times. Advogados orientam também gravar reuniões em que valores e condições de trabalho são discutidos.

"O atleta não recebe um salário mínimo. É um dinheiro bom. A base para quem joga 'CS' ["Counter Strike", uma batalha de tiros], em times medianos, é R$ 5.000 mensais. Só que você começa o treino com os demais jogadores às 11 da manhã e vai até às 20h. Depois, você faz seus treinamentos individuais por mais quatro ou cinco horas", afirma Lucas Freitas, 27, que já integrou diferentes equipes na carreira profissional.

Ele jogou por seis meses pelo Corinthians e fez acordo para receber salários atrasados. A última parcela foi paga no fim de 2024. Outras agremiações que, no futebol, integram a Série A do Campeonato Brasileiro, montaram elencos de egames e ficaram inadimplentes. "Não há cálculo de hora extra ou apoio psicológico. Você tem de lidar com a pressão quando perde. Pressão que vem da organização, de torcedores... Não há um acompanhamento grande como no futebol ou basquete. O cenário egame está começando a se profissionalizar, mas ainda há uma parte bem precária", completa Freitas.

Mesmo os advogados encontram dificuldades em fazer equipes entenderem os cuidados na elaboração de contratos e no cumprimento de cláusulas. Falta jurisprudência no tema, ressaltam.

"Isso [os processos] vai se tornar cada vez mais comum. A questão é até que ponto a precarização das regulamentações gera essas inseguranças jurídicas. É uma relação precária. O papel é uma mera formalização. Essa insegurança vai continuar até que venha uma súmula do TST [Tribunal Superior do Trabalho] sobre o assunto", afirma José Luiz de Oliveira Júnior, que atende empresas do setor.

R$ 316 milhões

foi a quantia acumulada paga em premiações de esports no Brasil entre janeiro e setembro de 2023. Premiação em apenas um torneio pode render para a equipe vencedora até US$ 500 mil (R$ 3 milhões)

5.000

é a estimativa de quantos atletas de egames existem hoje no Brasil, segundo levantamento do site Esports Earnings

ArcelorMittal
LEILÃO DE SUCATAS - ONLINE
Dia 29 de Janeiro de 2025 às 11:00 horas
BIASI leilões
Cabos Elétricos, Materiais Diversos, Sucatas Diversas, entre outros.
Confira e Aproveite!! Mais informações: (11) 4083-2575 ou www.biasileiloes.com.br

FRAZÃO leilões
EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA
1º LEILÃO: 14 de fevereiro de 2025, às 14h00min *.
2º LEILÃO: 28 de fevereiro de 2025, às 14h00min *. (*horario de Brasilia)

GUARIGLIA LEILOEIRO OFICIAL
LEILÃO SESI SENAI/SP SEGUNDA-FEIRA - 27/01/2025 - 14h00
APROXIMADAMENTE 300 ITENS
VISITAÇÃO POR AGENDAMENTO (locais e horários no site do leiloeiro) SOMENTE ONLINE
CADEIRAS E CARTEIRAS ESCOLARES / MÓVEIS / IMPRESSORAS / MAQUINAS DE SOLDA / NOTEBOOKS / MONITORES / MICROCOMPUTADORES / ARMÁRIOS / FERRAMENTAS E OUTROS MATERIAIS
CONSULTE RELAÇÃO COMPLETA DOS LOTES NO SITE. CONDIÇÕES DE VENDA E PAGAMENTO CONSTARÃO NO CATÁLOGO PRÓPRIO. VISITE NOSSO SITE: www.GUARIGLIALEILOES.com.br
ANTONIO LUIZ GUARIGLIA - LEILOEIRO OFICIAL - JUCESP 415 /GUARIGLIALEILOES Informações: (12) 3654-1000
bradesco Santander BANCO PAN omni STELLANTIS Safra Sicredi SESI SENAI ITAPEVA

Eufrázio

FRAZÃO Leilões

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

itaú

Ana Claudia Carolina Campos Frazão, [illegible] **ITAÚ UNIBANCO S/A**, [illegible] **PÚBLICO LEILÃO** [illegible] **PRIMEIRO LEILÃO** [illegible] **R$ 1.170.366,59** [illegible] **SEGUNDO LEILÃO** [illegible] **R$ 706.203,43** [illegible] www.frazaoleiloes.com.br [illegible]

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 11/2025

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO PARA A ÁREA DE CLÍNICA MÉDICA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE BAURU (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 20/01/2025 às 14h do dia 24/01/2025

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;

b) Possuir Diploma de Graduação em **MEDICINA**, expedido por escola oficial ou reconhecida;

c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **CLÍNICA MÉDICA ou MEDICINA DE EMERGÊNCIA**, emitido por instituição credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM) ou, ainda, Título de Especialista em **Clínica Médica ou Medicina de Emergência**, emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);

d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)

Jornada de trabalho: 24h/semanais.

Salário: **R$ 9.985,60**

(nove mil, novecentos e oitenta e cinco reais e sessenta centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREGA DE CURRÍCULO *ON LINE*

(somente para os candidatos inscritos)

PERÍODO: 0h do dia 29/01/2025 até as 17h do dia 30/01/2025 no site www.faepa.br

Os candidatos habilitados poderão anexar o seu currículo e as cópias dos respectivos comprovantes de formação acadêmica, experiência profissional e conclusão de cursos relacionados à função, digitalizados em formato PDF, no período e datas acima observados o que consta do esquema de Avaliação Curricular deste Comunicado.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 12/2025

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

CIRURGIÃO DENTISTA PARA A ÁREA DE ENDODONTIA DO HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE BAURU (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 20/01/2025 às 14h do dia 31/01/2025

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;

b) Possuir Diploma de Graduação em **ODONTOLOGIA**, expedido por escola oficial ou reconhecida;

c) Título de Especialista em **Endodontia**, emitido por sociedade odontológica reconhecida pelo Conselho Federal de Odontologia;

d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada;

e) Desejável conhecimento em Língua Inglesa.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)

Jornada de trabalho: 24h/semanais.

Salário: **R$ 7.593,23**

(sete mil, quinhentos e noventa e três reais e vinte e três centavos)

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 13/2025

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

ELETRICISTA PARA AMÉRICO BRASILIENSE (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:

Data: 0h do dia 20/01/2025 às 14h do dia 31/01/2025

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;

b) Possuir Certificado de Conclusão do **ENSINO MÉDIO**, expedido por escola oficial ou reconhecida;

c) Possuir Certificado de Conclusão do curso de **ELETRICISTA INSTALADOR**, expedido por escola oficial ou reconhecida e/ou declaração de conclusão do curso fornecida pela escola.

Taxa: R$ 45,00 (quarenta e cinco reais)

Jornada de trabalho: 40h/semanais.

Salário: **R$ 2.751,65**

(dois mil, setecentos e cinquenta e um reais e sessenta e cinco centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A PROVA TEÓRICA

(somente para os candidatos inscritos)

DATA: 11/02/2025 –18h.

LOCAL: Hospital Estadual Américo Brasiliense – Alameda Aldo Lupo, 1.260, Vila Cerqueira, Américo Brasiliense/SP.

Os candidatos deverão comparecer ao local da Prova Teórica **30 minutos antes** da hora marcada para o início, munidos do **documento de identidade original** com **foto**, comprovante de pagamento bancário da inscrição, caneta de tinta azul ou preta, lápis preto e borracha.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

VERT | **LEILÃO DE IMÓVEIS** SOMENTE ONLINE | BIASI leilões

Dia 11 de Fevereiro de 2025 às 11:00 horas

02 Imóveis Residenciais (Apartamento e Casa) em: São Paulo/SP e Araçatuba/SP.

À vista ou Parcelado em 3 vezes conforme edital. Mais informações: (11) 4083-2575 ou www.biasileiloes.com.br

Leiloeiro Oficial Eduardo Consentino – JUCESP nº 616 [illegible]

CASA FUNDAÇÃO CASA

CONVOCAÇÃO

CARLOS AUGUSTO SALES, portador do RG. 00325860075, Carteira Profissional nº 00026044 - série: 0190 - SP, registrado nesta Fundação sob o número RE: 362360, solicitamos seu comparecimento na sede da Fundação CASA, sita à Rua Florêncio de Abreu, 848 - 3° andar - Luz, Seção de Movimentação, no prazo de 24 horas para tratar de assunto de seu interesse. O não comparecimento implicará em Demissão por Justa Causa - Abandono de Emprego, conforme artigo 482, alínea "i" da CLT.

= Leilão de Alienação Fiduciária =

1 Leilão: (Três de fevereiro de dois mil e vinte e cinco às 10 horas). 2 Leilão (Seis de fevereiro de dois mil e vinte e cinco às 10 horas) - Horários de Brasília.

JONAS COIMBRA, Leiloeiro Oficial, JUCESP nº 1228, com escritório na Rua Marechal Bittencourt nº-1089-F, Vila Nova, Jaú/SP CEP 17202-160 **FAZ SABER** a todos quando o presente **EDITAL** virem ou dele conhecimento tiver que levará a **PÚBLICO LEILÃO**, de modo online, nos termos da Lei 9.514/97, art.°27 e parágrafos, autorizado pelo **credor fiduciário** RESERVA DA BARRA EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS SPE LTDA, CNPJ nº 21.828.292/0001-25, nos termos do instrumento particular firmado em 6/14/2021 com os devedores fiduciantes **Axel Henrique Gomes**, portador do **CPF 429.337.038-23**, e o **RG 40.916.904 SSP/SP**, residente e domiciliado na cidade de Ribeirão Preto/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO** em 03/02/2025 às 10 hs com lance mínimo igual ou superior **R$ 121.308,21 (Cento e vinte e um mil, trezentos e oito reais e vinte e um centavos)** - atualizando conforme disposição contratual, **UM LOTE DE TERRENO**, de nº 18, quadra H (atual Rua Avelino Macacari), com área total de 250 M², melhor descrito na matrícula de nº 28786 do Oficial de Registro de Imóveis da Comarca de Barra Bonita-SP, Cadastro Municipal 01.01.267.0180.001, sem benfeitoria. Desocupado. Venda em caráter ad corpus e no estado de conservação que se encontra. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **SEGUNDO LEILÃO** em 06/02/2025 às 10 horas com lance mínimo igual ou superior **R$ 130.406,53 (Cento e trinta mil, quatrocentos e seis reais e cinquenta e três centavos)** nos termos do art.°27 §2 da Lei 9.514/97). Os interessados em participar deverão se **cadastrar na loja Coimbra Leilões** (www.coimbraleiloes.com.br), se habilitar com antecedência de 24 (vinte e quatro) horas de início do leilão. Forma de pagamento e demais condições de venda. VEJA A INTEGRA DESTE EDITAL NA LOJA COIMBRA LEILÕES. Informações: 14-3418-5420/contato@coimbraleiloes.com.br

FRAZÃO Leilões

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

itaú

Ana Claudia Carolina Campos Frazão, [illegible] **ITAÚ UNIBANCO S/A**, [illegible] **MARISA MARTINELI ARNONI**, [illegible] **ALESSANDRO ARNONI**, [illegible] **PÚBLICO LEILÃO** [illegible] **Presencial e Online**, [illegible] **SEGUNDO LEILÃO** [illegible] **R$ 482.233,16** [illegible] www.frazaoleiloes.com.br [illegible]

mercado

Golpe do IPVA 2025 engana motoristas com falsos descontos

Ana Paula Branco

SÃO PAULO O período de pagamento do IPVA (Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores) 2025 está sendo usado por criminosos para a aplicação de golpes.

A Kaspersky identificou pelo menos 15 domínios usados por criminosos para enviar mensagens SMS que direcionam as vítimas a sites disfarçados de plataformas legítimas, geralmente com domínio ".org".

O golpe começa com um SMS oferecendo desconto de até 45% no valor do imposto. O link leva a um site que simula uma consulta de veículos. Ao inserir a placa, são exibidos outros dados do veículo, criando uma sensação de autenticidade.

Em seguida, o site solicita o CPF da vítima, uma forma de ter acesso ao dado do contribuinte para futuros golpes. No final, oferece a opção de pagamento via QR Code do Pix, que direciona o dinheiro para uma conta de titularidade dos criminosos.

Segundo a Kaspersky, o método de pagamento instantâneo dificulta o rastreamento e a recuperação dos valores transferidos.

GUARIGLIA LEILOEIRO OFICIAL

LEILÃO QUINTA-FEIRA - 23/01/2025 - 09h00 - APROXIMADAMENTE 200 VEÍCULOS

PRESENCIAL E ONLINE | **VEÍCULOS DE BANCOS E FINANCEIRAS**

VEÍCULOS EM CAÇAPAVA/SP E CANDEIAS/BA | LOCAL PREGÃO: CAÇAPAVA/SP

VISITAÇÃO: 22/01/2025, das 12 às 17h e 23/01/2025, das 07 às 09h | Rod. Pres. Dutra, Km 128 - Sentido RJ-SP - CAÇAPAVA/SP

VISITAÇÃO: 22/01/2025, das 09 às 16h e 23/01/2025, das 07 às 09h | Rodovia BA - 522, KM 5 - Caroba - CANDEIAS/BA

•**MODELOS:** MERCEDES-BENZ/GLA 200 FF 2016/2016 - MERCEDES-BENZ/GLC 250 4MATIC CO 2017/2017 - VOLKSWAGEN/9.170 DRC 4X2 2022/2023 - DAF/XF FTT 530 2022/2022 - 06 SEMIREBOQUES 2021/2022 - NISSAN/FRONTIER LEATX4 2018/2018 - HYUNDAI/HB20 10M SENSE 2020/2020 - CHEVROLET/ONIX PLUS 10TAT LT1 2023/2023 - FIAT/ARGO DRIVE 1.0 2022/2023 - VOLKSWAGEN/GOL TL MBV 2018/2018 - VOLKSWAGEN/VOYAGE 1.6L MB5 2019/2019 - RENAULT/SANDERO EXP16SCE 2016/2017 - FORD/KA SE 1.0HA C 2019/2019 - MITSUBISHI/PAJERO HPE 3.2 D 2013/2014 - HYUNDAI/AZERA 3.0 V6 2012/2013 - LAND ROVER/DISCOVERY 3 TDV6 S 2008/2009 - YAMAHA/FZ25 FAZER 2023/2024 - HONDA/CG 160 START 2024/2024 - HONDA/BIZ 110I 2022/2023 - HONDA/CB250F TWISTER CBS 2022/2022 - FIAT/SIENA ATTRACT 1.0 2017/2018 - RENAULT/LOGAN AUTH 10 2018/2019 - TOYOTA/ETIOS SD XPLUS AT 2019/2020 - CHEVROLET/COBALT 18A LTZ 2017/2018 - RENAULT/DUSTER 16 E 4X2 2016/2017 - FIAT/TORO FREEDOM AT 2018/2019. | **LOTES DE MÓDULOS FOTOVOLTAICOS / MATERIAIS / EQUIPAMENTOS.**

Consulte relação completa de veículos no site.

Condições de venda e pagamento constarão no catálogo próprio. Visite nosso site: www.GUARIGLIALEILOES.com.br

Informações: (12) 3654-1000 /GUARIGLIALEILOES **ANTONIO LUIZ GUARIGLIA - LEILOEIRO OFICIAL - JUCESP 415**

bradesco Santander BANCO PAN omni STELLANTIS Safra Sicredi SESI SENAI ITAPEVA

FREITAS LEILOEIRO OFICIAL

CONSULTE NOSSA AGENDA DE LEILÕES NO SITE:

WWW.FREITASLEILOEIRO.COM.BR

Central de informações: (11) 3117.1000

Acesse nossas mídias sociais:
YOUTUBE.COM/FREITASLEILOEIRO
INSTAGRAM.COM/FREITASLEILOEIRO
FACEBOOK.COM/FREITASLEILOEIRO

ATENÇÃO: PARA COMPRA EM LEILÃO O ARREMATANTE PRECISA ESTAR EM REGULARIDADE FISCAL PERANTE A RECEITA FEDERAL

120 VEÍCULOS | PRESENCIAL E ON-LINE	200 VEÍCULOS | PRESENCIAL E ON-LINE	250 VEÍCULOS | PRESENCIAL E ON-LINE
Dia: 21.01.2025 - 3ª FEIRA - 10h00	Dia: 22.01.2025 - 4ª FEIRA - 10h00	Dia: 24.01.2025 - 6ª FEIRA - 10h00
AV. DOS ESTADOS, 584 - PORTÃO 2 UTINGA - SANTO ANDRÉ/SP	AV. JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA, 1160 SANTA BÁRBARA D'OESTE/SP	AV. DOS ESTADOS, 584 - PORTÃO 2 UTINGA - SANTO ANDRÉ/SP
VISITAÇÃO: 21.01.2025, a partir das 08h00 verificar informações no site	VISITAÇÃO: 22.01.2025, a partir das 08h00 verificar informações no site	VISITAÇÃO: 24.01.2025, a partir das 08h00 verificar informações no site
VEÍCULOS - CAMINHÕES - MOTOS SEMI NOVOS - SINISTRADOS - SUCATAS	VEÍCULOS - CAMINHÕES - MOTOS SEMI NOVOS - SINISTRADOS - SUCATAS	VEÍCULOS - CAMINHÕES - MOTOS SEMI NOVOS - SINISTRADOS - SUCATAS

-Condições de venda e pagamento dos leilões: Cheque no valor total da arrematação, que deverá ser trocado por TED à favor do Leiloeiro, em até 24 horas após o leilão + Cheque de 5% de comissão do leiloeiro, acrescido das despesas administrativas constantes no catálogo do leilão. Os veículos serão vendidos no estado, sem garantias. Multas, inclusive de averbação; débitos IPVA's, pré-existentes os documentos de regularização, por conta do arrematante. A procedência e evicção de direitos dos veículos deste leilão são de inteira e exclusiva responsabilidade dos Comitentes Vendedores. Demais condições constam no catálogo distribuído no leilão.

ALFA BV omni Mitsui Sumitomo Seguros azul itaú bradesco Porto creditas Votorantim BANCO PAN Allianz TOKIO MARINE SEGURADORA ITAPEVA BancoDaycoval Santander

Dia 30/01/2025 - 5ª feira | 17h00 | SOMENTE ON-LINE	Dia 03/02/2025 - 2ª feira | 14h00 | SOMENTE ON-LINE	Dia 03/02/2025 - 2ª feira | 17h00 | SOMENTE ON-LINE
DESKTOP LENOVO CORE I7 - MONITOR LENOVO 20"	SMART TV TCL LED 32" 40" 50"	FRAGMENTADORA & PLASTIFICADORA APP-TECH - KIT WIRELESS & ACESS. INFORMÁTICA

VISITAÇÃO: VERIFICAR INFORMAÇÕES NO SITE

SERGIO VILLA NOVA DE FREITAS - Leiloeiro Oficial - JUCESP nº 316

DEMAIS INFORMAÇÕES CONSULTE NOSSA AGENDA DE LEILÕES: www.FREITASLEILOEIRO.com.br

Eufrázio

A difícil adoção dos remédios óbvios

Exemplo de Churchill traz esperanças, mas inspira cuidados quando transposto para o clima

Candido Bracher
Administrador de Empresas formado pela FGV. Foi executivo do setor financeiro por 40 anos.

"Por quanto tempo mais os remédios óbvios serão negados?!"

Identifiquei-me com a indignação contida na frase ao pensar nas repetidas frustrações no combate ao aquecimento global, evidenciadas na superação da barreira de 1,5°C em 2024, na persistência das emissões de gases de efeito estufa (GEE), nas manobras diversionistas praticadas pelos países produtores de petróleo nas conferências de clima (COP), na permanência dos subsídios à extração e consumo de petróleo e gás e, principalmente, na resistência à adoção daquele que é, a meu ver, o "remédio óbvio" para a questão do clima: o estabelecimento de um preço global para as emissões de GEE, que, para simplificar, chamamos de "carbono".



Luciano Salles

Mas não era disso que se tratava. A frase acima foi pronunciada por Churchill no Parlamento inglês em 25 de maio de 1938, mais de um ano antes da invasão da Polônia pela Alemanha e quase cinco anos após o primeiro dos repetidos alertas feitos por ele quanto à escalada do rearmamento e da disposição belicista da Alemanha.

A história é bem conhecida. O que me surpreendeu foi a capacidade que os quatro capítulos do documentário "Churchill em Guerra" (Netflix) têm de prender a nossa atenção, enquanto nos contam uma história que já conhecemos.

A arte da narrativa, segundo creio, está em traçar um perfil humano de um homem que se julgava — e por vezes parecia — sobre-humano, e de situá-lo em sua circunstância específica.

Somos apresentados a um personagem cujo destemor beira a loucura. Há um episódio (narrado em seu livro "Minha Mocidade") em que ele, em uma brincadeira de adolescentes, se vê encurralado por um irmão e um primo, em uma pinguela sobre um desfiladeiro. Em vez de render-se, atira-se sobre um pinheiro cujo topo ficava à altura da ponte e, incapaz de agarrar-se à árvore, cai de grande altura ficando desacordado por três dias.

Através da série aprendemos que, quando adulto, esse jovem, que se tornara um político importante, resolve voltar ao Exército como combatente, após sofrer uma fragorosa derrota durante a Primeira Guerra Mundial, no posto de principal comandante da Marinha britânica; seus companheiros de armas impressionam-se com a coragem desse major que participa de 37 incursões no perigoso espaço entre trincheiras conhecido como "no man's land" (terra de ninguém). Mais impressionante ainda era a explicação que ele dava para, nessas situações, jamais se abrigar quando sob fogo inimigo: "Quando você ouve o estalo do disparo passando por você, ele já foi, então não faz sentido se jogar ao chão".

Acompanhamos Churchill nas diversas fases da Segunda Guerra: o líder inspirador no tempo em que os britânicos se viram bombardeados e sozinhos na guerra contra a Alemanha; o guerreiro ousado, que não deixava de lançar ataques aéreos a Berlim, mesmo estando claramente inferiorizado militarmente; o político e diplomata sedutor, empenhando-se em obter equipamentos militares e em atrair os EUA de Roosevelt para a guerra; o chefe de Estado buscando preservar sua posição negocial, mesmo diante de aliados mais fortes como os EUA e a URSS de Stálin e, finalmente, o político vitorioso militarmente, mas derrotado em sua tentativa de reeleição para primeiro-ministro, logo após o fim da guerra.

Ao final do quarto episódio, quando Churchill reconquista o cargo de primeiro-ministro, em 1951, aos 76 anos, é impossível não sentir —além da natural admiração— afeto e mesmo gratidão por essa figura tão heroica e, ainda assim, tão humana.

Acredito que o fascínio exercido pela história da Segunda Guerra Mundial deve-se não apenas à situação maniqueísta clara de oposição do bem contra o mal e à projeção de líderes admirados até hoje —como Churchill, Roosevelt e DeGaulle— mas também e principalmente ao fato de ser um exemplo histórico claro de capacidade de articulação da maior parte do mundo industrializado, para fazer frente a uma grande ameaça.

Antes de nos entusiasmarmos com esse precedente encorajador, agora que a humanidade enfrenta o desafio do aquecimento global, convém lembrarmos o papel decisivo que o acaso desempenhou para que a Segunda Guerra tivesse esse desfecho favorável.

Ao traçarmos um paralelo entre a Segunda Guerra e o combate ao aquecimento global, é prudente lembrar que no caso presente não podemos contar com a sorte. As mudanças climáticas tampouco cometerão erros, sendo seu comportamento previsível pela ciência.

O primeiro golpe de sorte deu-se no final de maio e início de junho de 1940, quando o mar calmo e o céu encoberto sobre o canal da Mancha permitiram a evacuação de mais de 330 mil soldados britânicos que se encontravam encurralados em Dunquerque, entre Exército alemão e o mar. Não fossem as condições meteorológicas a impedir a ação da Força Aérea alemã, os soldados britânicos teriam sido capturados e "o combate cessaria por falta de combatentes".

O segundo fator importante não dependeu da sorte, mas sim da incompetência do inimigo. Em junho de 1941, quando gozava de enorme superioridade no continente e poderia até aguardar um momento mais adequado para atacar mortalmente a Inglaterra, Hitler decide abrir uma segunda frente de guerra, anulando o pacto firmado com a URSS.

Esse fato isolado deu fôlego ao rearmamento inglês através das negociações com os EUA e, mais tarde, após a batalha de Stalingrado, foi decisivo para a derrota alemã. Finalmente, o erro capital dos países do eixo foi o ataque japonês a Pearl Harbor, em dezembro de 1941, atraindo para a guerra os EUA, que até então relutavam muito em participar.

Ao traçarmos um paralelo entre a Segunda Guerra e o combate ao aquecimento global, é prudente lembrar que no caso presente não podemos contar com a sorte. As mudanças climáticas tampouco cometerão erros, sendo seu comportamento previsível pela ciência. Para superar o desafio de zerar as emissões de carbono em um horizonte de tempo razoável, será necessária uma grande capacidade de articulação global combinada com novas tecnologias.

O mundo se encontra hoje muito longe de lograr esse entendimento indispensável. É clara entre os governantes, políticos e empresários que negligenciam essa necessidade a crença em que apenas a tecnologia, como um Deus ex-machina, virá para nos salvar da hecatombe. Mantendo o paralelo com a Segunda Guerra, esse comportamento equivale à opção por abandonar a resistência a Hitler, apostando todas as fichas na invenção da bomba atômica.

Fico feliz que nossos predecessores tenham sido responsáveis em sua decisão e tenho consciência plena de que o mesmo dever cabe a nós, em relação a nossos descendentes.

Daí o sentimento de indignação. Até quando os remédios óbvios serão negados?!

Custo dos incêndios em Los Angeles vai além das casas destruídas

Lydia DePillis

THE NEW YORK TIMES Os incêndios em Los Angeles certamente estarão entre os mais caros dos Estados Unidos, mas não há um análogo perfeito para eles, o que torna difícil prever o custo final.

A empresa de dados meteorológicos AccuWeather calcula um impacto de US$ 250 bilhões a US$ 275 bilhões (R$ 1,5 trilhão a R$ 1,65 trilhão), embora um relatório do Goldman Sachs tenha considerado a estimativa alta.

O componente mais direto dos danos é o número de estruturas danificadas ou destruídas, cerca de 12 mil. O grupo imobiliário Zillow avalia a casa média em Pacific Palisades em US$ 3,4 milhões.

Há ainda danos aos comércios.

Esses bairros podem estar melhor preparados para se recuperar do que outros atingidos por incêndios nos últimos anos. No entanto, será necessário financiamento público para consertar e reconstruir sistemas de esgoto, linhas de energia e estradas. A infraestrutura de água requer atenção especial, já que cinzas e contaminantes podem poluir a água potável muito além das áreas queimadas.

Incêndios florestais e furacões têm efeitos de curto e longo prazo no emprego e na produtividade. Pessoas que foram evacuadas podem não conseguir trabalhar, e empregos nas áreas afetadas — como jardinagem, ensino e cuidados de saúde— pelo menos temporariamente desaparecem.

US$ 3,4 milhões

é o preço médio de uma casa em Pacific Paladise, estima o grupo imobiliário Zillow

O número total de horas trabalhadas em Malibu e Pacific Palisades diminuiu 57% na semana dos incêndios em relação à semana anterior, de acordo com a Homebase, uma plataforma de operações para pequenas empresas.

Analistas do Goldman Sachs preveem que os incêndios retirariam de 15 mil a 25 mil posições do relatório de emprego do Departamento do Trabalho para janeiro.



Manifestantes marcham em Washington para expressar oposição a Donald Trump dias antes da posse do republicano Amanda Perobelli/Reuters

Posse de Trump leva incerteza a brasileiros e imigrantes nos EUA

Cresce receio de deportação prometida pelo republicano e de cancelamentos de vistos; país tem cerca de 11 milhões de estrangeiros vivendo em situação irregular

Julia Chaib

WASHINGTON A palavra incerteza passou a ser uma constante entre brasileiros e outros imigrantes nos Estados Unidos às vésperas da posse de Donald Trump, que ocorre nesta segunda-feira (20).

O republicano foi eleito com a bandeira de fazer a maior deportação da história do país e de restringir alguns tipos de vistos a cidadãos estrangeiros. A promessa gera receio em quem está em situação irregular, mas também em quem está com os papéis em dia.

A **Folha** conversou na última semana com uma dúzia de imigrantes, além de pessoas que atuam em associações de apoio a refugiados e asilados. Os nomes citados na reportagem são fictícios, justamente porque eles temem o cancelamento de vistos e a deportação.

O medo de cruzar com o serviço de imigração também cresceu, e existem associações que estudam retomar serviços usados no passado para alertar em tempo real sobre a proximidade dos agentes do governo. A equipe de Trump planeja grandes operações pelo país para apreender imigrantes já na semana que vem.

"Tem gente dentro de casa que não quer abrir a porta porque tem medo de que seja o ICE [Serviço de Imigração e Controle de Alfândegas, em inglês]. Eles pedem os documentos e, em vários casos, a pessoa é deportada", conta Paula, 46, cabeleireira que mora em Maryland —segundo pesquisa da Pew Research, um dos estados com maior número de imigrantes em situação ilegal.

Ela embarcou de Maceió para os EUA há sete anos com o visto de turista e ficou no país. Hoje, vive com o marido Juan, 49, que saiu de El Salvador há 15 anos para cruzar a fronteira do México com os EUA numa tentativa de conseguir uma vida melhor.

Paula ficou anos em situação irregular, mas, há pouco tempo, deu entrada em um pedido de asilo político e aguarda a audiência na corte que definirá seu destino. Ela diz que sofria abusos do ex-marido e teme voltar a Alagoas por isso. O pedido garante que ela possa ficar no país. Uma autorização permanente, porém, poderá ser concedida só depois do julgamento de seu caso.

Em seu primeiro mandato, Trump dificultou a permanência temporária ao exigir que o imigrante apresentasse o pedido de asilo no país natal para ter acesso à categoria nos EUA. Esse tipo de visto continua na mira do republicano, que afirma haver abusos nas solicitações —embora não haja evidências que sustentem essa afirmação.

"Eu fico um pouco receosa, mas isso não tem me paralisado. Eu vim para cá porque eu era missionária, e o senhor falou ao meu coração", afirma ela, que também é pastora.

Paula relata, no entanto, que viu crescer o sentimento de incerteza desde a eleição de Trump. Segundo ela, já houve situações, sobretudo no primeiro mandato do republicano, em que agentes do ICE chegaram a locais de trabalho com imigrantes para fazerem detenções e, depois, deportações. "Eles levaram pessoas que faziam coisas erradas, mas gente de bem também", diz.

O marido dela trabalha em restaurantes e permanece sem nenhum tipo de documento. Diferentemente da esposa, Juan teme ser deportado por Trump. Nenhum dos dois quer voltar a seus países de origem.

Pesquisa da Pew Research Center divulgada em julho passado aponta que, em 2022, eram cerca de 11 milhões os imigrantes em situação irregular no país. Desse total, 230 mil saíram do Brasil —um salto em relação à década passada. Em 2012, havia por volta de 100 mil brasileiros em situação irregular nos EUA.

A grande maioria dos imigrantes não legalizados é proveniente do México: 4 milhões. Há um volume alto de pessoas que saem de países das Américas do Sul e Central em busca do sonho americano. El Salvador, país de origem de Juan, tinha 730 mil imigrantes em situação irregular nos EUA em 2022.

Mesmo com a insegurança, Clara, 32, não quer sair do país de Donald Trump. Ela chegou há dois anos com o então namorado, Mehmet, de origem turca —eles depois se casaram em solo americano, e hoje têm um restaurante na Califórnia.

O marido precisou viajar à Turquia quatro vezes no período e, na última delas, acabou detido na imigração do aeroporto por cinco dias, acusado de abusar do visto de turista. À beira de ser deportado, solicitou asilo. Hoje, Clara e a filha estão listadas como dependentes no visto do asilo de Mehmet.

O maior receio dela é uma eventual decisão de Trump de dificultar o acesso ao asilo. Por isso, ela agora diz preferir que a audiência na Justiça demore para acontecer, o que significaria mais tempo de permanência garantido. "No dia que ele ganhou a eleição, nós consideramos tudo: até divórcio e casamento com um americano", diz.

Associações e igrejas que trabalham com refugiados e asilados têm promovido palestras na tentativa de combater o medo com informação. Uma dirigente da Liga dos Cidadãos Latino-Americanos Unidos (Lulac, na sigla em inglês), por exemplo, tem atuado para informar haitianos em Ohio sobre as garantias que eles têm caso sejam refugiados —status da maior parte deles.

O advogado Felipe Alexandre, sócio da ALFA Alexandre Law Firm & Associates, tem sido acionado para dar palestras e explicar como os imigrantes devem proceder para tentar se regularizar. "A eleição trouxe uma certa ansiedade para as pessoas. Quem vai ter que estar bem preocupada é a pessoa completamente ilegal, que nunca fez nenhuma solicitação e que tem antecedentes criminais ou ordem de deportação", explica.

Apesar do clima, há também um grupo de brasileiros mais esperançosos, que apoiam Trump e acreditam que ele vai mirar apenas imigrantes que tenham cometido crimes, deixando de fora outros que estão em situação irregular.

O sonho americano e a expectativa de mudar de vida foi o que atraiu o catarinense Décio Dassoler, 44, aos EUA. Ele desembarcou em Pittsburgh, na Pensilvânia, há dez anos e depois se mudou para Maryland. Formado em administração, ele aprendeu técnicas de construção nos EUA e abriu uma empresa na área, mesmo sem documentos que o autorizassem a trabalhar ou a permanecer de maneira legal no país.

"Os impostos eu pago normalmente e sigo nessa luta para tentar conseguir o green card [que autoriza a permanência no país]", conta. Ao contrário do temor pela promessa de deportações de Trump, ele diz que está otimista. "A economia no mandato dele foi ótima e beneficiou a área de construção."

Agora, diz esperar situação semelhante. "Zero medo. Eu já vi muita gente deportada, mas alguma coisa errada fizeram. É sempre gente que tem antecedentes criminais. Na minha cabeça, eles vão atrás desse povo primeiro, e é muita gente. Estou tranquilo em relação a isso porque eles [os americanos] precisam da gente. E não é pouco", diz.

Segundo o American Immigration Council, um grupo de defesa dos imigrantes, custaria US$ 315 bilhões (R$ 1,8 trilhão) para prender, deter e deportar todos os 13,3 milhões que vivem nos EUA ilegalmente ou sob um status temporário revogável.

Visto especial gera racha entre aliados de eleito

O destino de um tipo de visto dos EUA está no centro de um racha entre aliados de Donald Trump. De um lado, estão os mais conservadores; de outro, Elon Musk e outros nomes do Vale do Silício. A disputa gera apreensão entre imigrantes em situação legal no país.

Trata-se do H1B, autorização dada a profissionais estrangeiros qualificados. Musk tem dado declarações em que defende que não haja restrição dessa permissão. O bilionário, nascido na África do Sul, recebeu esse tipo visto antes de virar cidadão americano.

As declarações têm provocado a ira de membros do movimento Maga (sigla em inglês para "faça a América grandiosa novamente"). Um dos expoentes, Steve Bannon, fez críticas ao dono da Tesla e disse que não faz sentido defender vistos H-1B e ao mesmo tempo ser anti-imigração.

Brasil espera pragmatismo de EUA sob Trump e busca diálogo sobre Venezuela

Apesar de divergências ideológicas e ameaça de tarifas, relação com Washington não deve ter sobressaltos em 2025

Guilherme Botacini e Julia Chaib

BRASÍLIA E WASHINGTON A diplomacia brasileira espera uma relação pragmática com os Estados Unidos sob Donald Trump, apesar das bravatas protecionistas do republicano, que toma posse nesta segunda-feira (20).

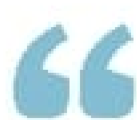
Integrantes do governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) entendem que o Brasil não será prioridade na gestão do republicano no que se refere à América Latina. Apostam, no entanto, que o canal de diálogo existente com a ditadura de Nicolás Maduro na Venezuela, pode funcionar como ponte para a relação com Washington apesar das rusgas recentes,.

Segundo os interlocutores consultados pela **Folha**, a gestão Trump, particularmente na figura do enviado à América Latina, Mauricio Claver-Carone, não vai buscar uma abordagem agressiva de tarifas e pressão diplomática no país. Ao contrário, deve ampliar investimentos e parcerias para fazer frente à presença da China no país e no continente.

Membros do governo dizem que não há nada que impeça relação respeitosa entre Lula e Trump porque o americano nunca atacou pessoalmente o brasileiro —diferentemente do argentino Javier Milei, com quem Lula tem relação azeda e protocolar.

Especialistas ouvidos pela reportagem concordam com a avaliação de que Trump não deve tratar o Brasil como prioridade.

"O Brasil nunca esteve e nunca estará no radar de prioridades de Trump, e aparece como algo anedótico ou no contexto de declarações de Trump sobre América Latina e imigrantes indo para os EUA. O foco dele [no continente] é México, América Central e Caribe", afirma Carlos Gustavo Poggio, professor de relações internacionais.



Pelo menos em 2025, os EUA terão uma visão mais pragmática, de continuidade, com o Brasil. Há outros problemas americanos prioritários no continente, como Cuba, Venezuela e a presença da China

Cristina Soreanu Pecequilo
professora de relações internacionais da Unifesp

"Pelo menos em 2025, os EUA terão uma visão mais pragmática, de continuidade, com o Brasil. Há outros problemas americanos prioritários no continente, como Cuba, Venezuela e a presença da China", diz Cristina Soreanu Pecequilo, professora de relações internacionais da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo).

Pecequilo pondera que isso pode mudar em 2026, ano de eleições presidenciais no Brasil e das midterms, eleições legislativas que ocorrem na metade do mandato do chefe do Executivo americano. "O Brasil é o tipo de país com o qual os EUA sob Trump têm divergência em alguns campos, como o ideológico, mas do qual não pode afastar", diz ela.

O governo brasileiro sedia a cúpula do Brics neste ano, grupo que tem se posicionado como alternativa à ordem global liderada pelos EUA e tem como lideranças os grandes rivais geopolíticos de Washington, China e Rússia. O republicano tem buscado impedir a tentativa da organização de avançar alternativas ao dólar —uma das prioridades da presidência brasileira no Brics.

No caso do tripé Brasil-EUA-Venezuela, os dois especialistas concordam que, apesar do pragmatismo na relação com Brasília, Washington pode pressionar o governo brasileiro a adotar uma postura mais dura com Maduro.

Historicamente aliado do chavismo, o governo Lula tenta se equilibrar entre críticas e o protocolo diplomático para manter um canal de diálogo com a ditadura vizinha desde a contestada eleição venezuelana que, segundo o regime, reelegeu Maduro em julho passado —a oposição e observadores internacionais contestam o resultado oficial.

Desde então, os dois países trocam farpas, e a relação se desgastou. "Com a administração Trump, o Itamaraty talvez seja obrigado a equacionar essa visão relativa à Venezuela, que é uma política um pouco confusa de que não há nada o que fazer e que leva a certa inação", diz Poggio.

Por sua vez, a ameaça de imposição de tarifas feita por Trump entre a eleição e sua posse é vista pelo governo com cautela. O republicano usou o Brasil como exemplo de país que taxa muito e prometeu tratamento recíproco.

Se por um lado há risco de o Brasil sofrer sobretaxação, por outro há a leitura de que uma forte política tarifária contra outros países pode abrir oportunidades para produtos brasileiros no mercado americano.

Um exemplo disso é a exploração de minerais críticos estratégicos, cruciais para a transição energética e para a indústria de chips e semicondutores.

"Há também uma questão de risco estrutural [da guerra comercial], que é a instabilidade global", diz Pecequilo. "A falta de regras no comércio internacional e o unilateralismo afetam países com papel secundário."



Família de migrantes é despejada durante batida policial em acampamento em Chihuahua, no México Jose Luis Gonzalez/Reuters

Em carta, Brasília e nove países vizinhos expressam preocupação com promessa de deportação em massa

WASHINGTON E CIUDAD JUÁREZ | AFP Chefes da diplomacia de dez países da América Latina e Caribe, entre eles o Brasil, expressaram "grave preocupação" sobre a deportação maciça de imigrantes, medida que consideram incompatível com os direitos humanos, em uma declaração conjunta publicada nesta sexta (17).

O posicionamento não é endereçado a nenhum país específico, mas tem relação com a promessa do presidente eleito dos EUA, Donald Trump, de realizar o maior esforço de deportação de na história do país depois de assumir o cargo na segunda (20).

"São motivo de grave preocupação os anúncios de deportação em massa, sobretudo por sua incompatibilidade com os princípios fundamentais dos direitos humanos e por não abordarem de modo eficaz as causas estruturais desse processo", afirma a declaração.

A nota foi divulgada pela chancelaria do México e assinada ainda por Brasil, Belize, Colômbia, Cuba, El Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México e Venezuela.

Países signatários
- Brasil
- Belize
- Colômbia
- Cuba
- El Salvador
- Guatemala
- Haiti
- Honduras
- México
- Venezuela

ULTRADIREITA UNIDA

Javier Milei chama Bolsonaro de amigo e lamenta sua ausência em posse de Trump

WASHINGTON O presidente da Argentina, Javier Milei, afirmou neste sábado (18) lamentar que o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) não tenha viajado aos Estados Unidos para a posse de Donald Trump.

"Bolsonaro é meu amigo e lamento muito que o regime de Lula não tenha deixado ele vir", afirmou no chamado Hispanic Ball, ou baile hispânico, celebração da população americana de origem latino-americana, realizada em um hotel de luxo em Washington.

A defesa de Bolsonaro havia dito que ele tinha sido convidado para a cerimônia nos EUA, razão pela qual pedia a autorização da Justiça para viajar ao país.

Mas o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), negou o pedido citando risco de fuga. Disse, também, que a defesa não comprovou o recebimento do convite por Bolsonaro.

O único brasileiro avistado pela **Folha** no Hispanic Ball foi o jornalista e youtuber conservador Allan dos Santos.

Outros nomes importantes da direita latino-americana estavam lá, no entanto, como Juan Guaidó, ex-líder da oposição da Venezuela que se autodeclarou presidente em 2019. **Julia Chaib**



Donald Trump, a esposa Melania e o filho Baron embarcam em West Palm Beach, na Flórida Marco Bello/Reuters

Entenda como Trump pode afetar a América Latina e o Caribe em novo mandato

De olho na migração, na presença da China e na evasão de empresas americanas, presidente eleito ampliou interesse dos EUA na região

Mayara Paixão

BUENOS AIRES O segundo mandato de Donald Trump deve reposicionar a América Latina e o Caribe no mapa das prioridades do governo dos Estados Unidos.

Trump incluiu em sua equipe membros com conhecimento sobre a região, a começar por Marco Rubio, até então senador pela Flórida que será seu secretário de Estado e que é filho de cubanos e fala espanhol.

Entenda como Trump pode afetar América Latina e o Caribe.

*

A questão migratória

Trump afirma que colocará em prática uma política de deportação em massa de imigrantes em situação irregular ou com alguma permissão temporária no país, o que engloba mais de 10 milhões de pessoas, em sua maioria mexicanos e cidadãos do chamado Triângulo Norte (Guatemala, Honduras e El Salvador).

Não se sabe se ele manterá o apoio financeiro que Washington dá ao Panamá para que o governo de José Raúl Mulino deporte os imigrantes que chegam pelo chamado estreito de Darién.

Os imigrantes são fundamentais para a economia e para a demografia americanas. O país registrou em 2024 o crescimento populacional mais rápido deste século. Mais 3,3 milhões de habitantes se somaram ao território, e 84% desse grupo é de imigrantes.

Relação com regimes ditatoriais

Com o ditador Nicolás Maduro empossado para mais seis anos no poder e uma oposição clandestina ou no exílio, há dúvidas sobre a estratégia do republicano para lidar com Caracas.

As opções na mesa seriam aumentar a pressão econômica, por meio de sanções, ou buscar diálogo com a ditadura para tentar mediar negociação com a oposição ou maior comprometimento do regime com a contenção da migração e do tráfico de drogas.

Rubio tem sinalizado que, sob a administração Trump, os EUA poderiam rever a permissão para que a petroleira Chevron atue no país, autorização dada em 2023 que ajudou a amortecer a bancarrota econômica da ditadura.

Ameaças à soberania regional

Trump trouxe para debate um tema antigo e sem projeção nos últimos anos: a soberania do Canal do Panamá, a vital rota marítima que conecta os oceanos Pacífico e Atlântico devolvida por Washington ao país da América Central em 1999.

Ele afirma que as tarifas cobradas aos navios americanos seriam caras —elas subiram recentemente, mas sem discriminação de países. O tema gerou desconforto com o presidente Raúl Mulino, que dava todos os sinais de que poderia ser um importante aliado de Trump.

Relação com Argentina de Milei

Trump terá no ultraliberal Javier Milei seu mais expressivo aliado na região. Resta saber se a Casa Rosada poderá contar com a Casa Branca. Milei espera que Trump o ajude a concretizar mais um acordo com o FMI (Fundo Monetário Internacional), o terceiro desde 2018.

O argentino também afirma que vai selar um acordo de livre-comércio com os EUA, mas há amplas dúvidas sobre a viabilidade disso e o real interesse americano na negociação.

Missão de paz no Haiti

Os EUA são os principais patrocinadores da missão multinacional que, com policiais do Quênia e do Caribe, tenta ajudar a Polícia Nacional Haitiana a mitigar o colapso humanitário no país.

Há incerteza sobre se Trump manterá essa estratégia. Nos últimos meses, Washington passou a pleitear que a missão se transforme em uma missão de paz da ONU, o que facilitaria a agenda orçamentária. É uma disputa a se comprar com Rússia e China no Conselho de Segurança, e tampouco se sabe se Trump o fará.

Guerra comercial e seus efeitos

Foi a guerra comercial de Trump com a China no primeiro mandato o que acelerou mudanças de importantes cadeias de produção para o México, um processo conhecido como nearshoring que se tornou a joia da economia mexicana. Mas agora Trump ameaçou trazer a guerra comercial para os vizinhos.

Ele disse que irá impor tarifas a produtos do México e do Canadá. São dois países com os quais os EUA têm um importante tratado de livre-comércio —que passará por revisão em 2026. Tarifas podem encarecer produtos que chegam aos americanos e virar do avesso economias vizinhas.

E se não esperássemos diagnósticos terríveis?

Escritor Martín Caparrós trabalha como nunca após receber diagnóstico de ELA

Sylvia Colombo

Historiadora e jornalista especializada em América Latina, foi correspondente da Folha em Londres e em Buenos Aires, onde vive

"Me disseram que vou morrer. É tolo: não deveria ser necessário que alguém me dissesse isso. Mas uma coisa é saber que um dia você vai morrer —e empenhar-se em esquecer que você vai mesmo morrer uma hora— e outra, diferente, é te dizerem que há um prazo, e que este nem sequer é longo."

Assim arranca, para usar uma expressão portenha, o mais recente e provavelmente último livro do cronista mais brilhante da Argentina, Martín Caparrós, 67: "Antes que Nada" (ed. Random House).

Num espaço de pouco menos de dois anos, dois gigantes da literatura local, o romancista Ricardo Piglia (1941-2017) e Caparrós, receberam o diagnóstico de ELA (esclerose lateral amiotrófica).

A coincidência não prova coisa alguma além do terrível fato de que a vida é injusta e parece especialmente cruel quando pessoas que fizeram carreira devido a suas mentes brilhantes terminam seus dias com uma doença que vai aos poucos aprisionando a pessoa dentro do cérebro dela, enquanto vai destruindo o resto do seu corpo.

Em coisa de semanas, a vida de ambos mudou para sempre. Inspirados pela ideia tão próxima da morte, ambos resolveram trabalhar como nunca.

Piglia tirou do fundo do armário 327 cadernos que guardavam os diários que vinha escrevendo desde os 14 anos. Ao lado do diretor Andrés di Tella, fez deles um documentário sobre um jovem do interior, de pai peronista, que vai viver na cidade grande e atravessa movimentos sociais e ditaduras da Argentina.

A vida parece cruel quando pessoas que fizeram carreira devido a suas mentes brilhantes terminam os dias com uma doença que aprisiona a pessoa dentro do cérebro, enquanto destrói o resto do corpo

Já fazendo pouquíssimos movimentos, Piglia ditou a uma assistente os volumes de "O Diário de Emilio Renzi" (ed. Companhia das Letras).

Quando comentei sobre o processo de Piglia com a viúva do historiador Tony Judt (1948-2010), vítima da mesma doença, ela disse: "Foi igualzinho, ele quis reler tudo e com amigos do lado, ninguém podia ir embora". Ele deixou uma obra sobre esse período, "Quando os Fatos Mudam" (ed. Companhia das Letras).

Caparrós segue entre nós. Ele, conhecido por certa rabugice, agora anda bem humorado. Zanza de cadeira de rodas pelos festivais, diz que "saiu do armário" com a ELA, e quando questionado sobre como está, responde: "Estou bem por enquanto, como um homem que está caindo do 30º andar de um prédio".

A acidez de seus comentários e as desapiedadas descrições que faz do mundo são marca de seu trabalho. A Argentina é alvo de suas mais duras críticas. Sobre Javier Milei, por exemplo, disse que tinha "capacidade intelectual reduzida" e que resultaria em um "[Mauricio] Macri ainda mais medíocre".

Também não engolia os kirchneristas. "Estou convencido que as pessoas querem ler bobagens, que sabem pouco sobre de onde vem o que leem", afirmou.

Ao mesmo tempo, num texto que escreveu, lemos sobre uma verdadeira guerra verborrágica entre ele e um motorista que defendia os peronistas. De repente, ambos param. Tocam na rádio umas notas de um tango famoso. Eles cantam juntos.

Seria importante que Caparrós continuassem entre nós, por ele, sua mulher, e para todos os que queremos saber onde essa aventura vai dar.

As perspectivas não são boas, mas algumas dicas estão em "Antes que Nada" (que significa, em português, "antes de qualquer coisa"). Deixemos de esperar os diagnósticos.

DOM. Sylvia Colombo SEG. Bianca Santana
QUA. Rui Tavares QUI. Lúcia Guimarães SAB. Igor Patrick

Trump enfrentará múltiplas crises geopolíticas

Gaza é apenas um item na lista; atores de Putin a Lula se preparam para retorno do empresário à Casa Branca

Igor Gielow

SÃO PAULO De forma previsível, o presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, adiantou-se na quarta (15) em quase duas horas ao anúncio oficial do cessar-fogo entre Israel e o Hamas e correu para celebrar o feito como seu na rede Truth Social.

Apesar de deselegante com os mediadores americanos, qataris e egípcios, a "trumpice" refletia o papel preponderante da volta do republicano ao poder no desenlace da questão —a pressão dele para assumir com esse item do cardápio de crises mundiais encaminhado foi central para que o premiê israelense, Binyamin Netanyahu, topasse o arranjo.

A seguir, uma passada de olho no menu básico à espera de Trump nesta segunda (20), quando ele reassume a Casa Branca.

*

Gaza e Israel

O cessar-fogo é um acordo frágil por natureza, como ficou provado no vaivém da largada. O extenso processo de libertação de reféns em troca de prisioneiros palestinos vai tensionar a sociedade israelense e sua política. Em especial a volumosa fatia de ultradireita religiosa, ora colocando em xeque o apoio dela a Netanyahu —um aliado difícil.

Além disso, há a questão palestina em si, ignorada em Trump 1.0. Joe Biden deixou um plano de reconstrução de Gaza e da Autoridade Palestina. Como isso será feito agora é uma incógnita.



Analistas veem relação estável com Pequim

Encerrada a conversa entre Donald Trump e Xi Jinping na sexta (17), investidores correram para apostar em fundos ligados às ações chinesas. Mas analistas veem quadro menos otimista.

Wang Jisi, diretor do instituto de relações internacionais da Universidade de Pequim, disse que "Trump superestima a própria força", terá só quatro anos no cargo e não conseguirá "completar tudo o que quer".

Por sua vez, Zhang Yuyan, ligado à Academia Chinesa de Ciências Sociais, afirmou que o novo presidente deve seguir com a estratégia americana de "manter superioridade em relação à China, sem mudanças significativas".

Irã e Oriente Médio

Comentando o cessar-fogo, Trump disse que pretende reviver os chamados Acordos de Abraão, que no primeiro mandato (2017-2021) aproximaram Israel de países árabes sunitas, formando um eixo contrário ao Irã, centro da minoria muçulmana xiita.

Naquele ponto, Teerã estava no ápice de sua projeção regional de poder; hoje, está em retirada. Mas o sangue de Gaza dificulta o avanço de alianças. Essa combinação pode fazer o republicano voltar a namorar a ideia de lidar com os aiatolás "manu militari". O Irã ainda busca aprofundar a aliança militar com a Rússia.

Rússia e Ucrânia

O maior abacaxi à espera de Trump é a Guerra da Ucrânia. O republicano já recalibrou seu discurso de acabar com o conflito de "um dia" para "até seis meses", mas o caso de Gaza pode animá-lo a acelerar. Trump admira Vladimir Putin, mas isso não implica retirada imediata da ajuda a Kiev, que envolve a indústria bélica americana. Mas já disse querer negociações e que entende as motivações russas.

China

Como no primeiro mandato, quando lançou a Guerra Fria 2.0, Trump deverá focar Pequim do ponto de vista comercial e em itens diversos, como Taiwan. Xi Jinping tem se mantido fechado, e a recordista balança comercial entre as economias chinesa e americana terá tanto o condão de gerar tensões como o de amainá-las, dada a interdependência dos gigantes.

Isso fez boa parte do falatório contra a China no primeiro mandato, que envolveu programas de nearshoring e repatriação de empresas, ser diluído na prática. Militarmente, a não ser que Xi invada Taiwan ou resolva afundar a frota filipina, a tendência é uma disputa mais retórica. Do lado positivo, os líderes já se falaram antes da posse.

Brasil, Brics e América Latina

Trump é um aliado de Jair Bolsonaro (PL), o que o torna um rival ideológico de Lula (PT), e o governo brasileiro terá de medir palavras, o que não é de seu feitio.

Mas o coração trumpista de fato parece bater pelo argentino Javier Milei e sua agenda radical. Pelo tamanho da economia, o Brasil é incontornável, mas não é impossível que a carta da ameaça tarifária seja sacada por Trump em caso de desavenças maiores.

No âmbito do Brics, o reforço da entrada da Indonésia no bloco insinua uma ação preventiva em relação a Trump, que de todo modo tende a ser lida em Washington como uma maquinação de Pequim. A Índia seguirá jogando sozinha e com todos, para ficar em ator de peso do grupo.

Por fim, a América Latina pode se preparar para as ameaças de Trump, mas é o Panamá que deve se cuidar mais, tendo sido pintado como alvo na discussão sobre a retomada do canal que foi americano até 1999.

O país centro-americano não tem meios de fato para impedir uma ofensiva política mais coordenada dos EUA.

Volta de republicano ao poder faz Europa encarar seus novos limites

José Henrique Mariante

BERLIM "De fato, talvez não seja mais possível falar sobre o 'Ocidente' como um único ator geopolítico," diz Timothy Garton Ash em análise publicada pelo Conselho Europeu de Relações Exteriores.

Nela, o historiador e professor de Oxford descreve uma Europa afastada dos Estados Unidos, incapaz de se manter unida diante da nova administração Donald Trump. Além disso, teria sido seduzida pelo papel de árbitro moral do planeta em um contexto em que esse papel não cabe mais.

O texto, assinado junto com dois colegas, se debruça sobre os resultados de uma pesquisa global que mostra boa parte deste "novo mundo" relativamente animado com a segunda temporada de Trump na Casa Branca. Europeus, britânicos incluídos, são a notável exceção.

Apenas 1 em cada 5 europeus vê os EUA como aliados, mostra o levantamento. Eram 31% em 2023, contra 22% agora. Quase metade dos americanos, porém, percebe a Europa como parceira. A fatia quase não variou nos últimos dois anos, indo de 44% para 45%.

A disparidade entre as percepções encontra explicação fácil na figura controversa de Trump, mas a questão tem muitas camadas. O presidente americano e seus oligarcas, como descreveu Joe Biden, exploram nervos expostos da União Europeia (UE).

O ponto da sensibilidade econômica surgiu já na campanha eleitoral americana. A Europa, como diversos outros parceiros e adversários comerciais, seriam tarifados por Trump. A bravata, no caso europeu, explora a dependência do continente dos EUA, crescente desde o advento da Guerra da Ucrânia.

O parceiro norte-americano não é apenas o fiador da Otan, a aliança militar ocidental que se vê compelida a conter a Rússia, mas também seu maior fornecedor de gás, valioso depois que os gasodutos russos se transformaram em armas de dissuasão.

EUA respondem por um quinto de exportações de carros. Trump quer fábricas alemãs nos EUA e não carros vindos da Alemanha.

Garton Ash alerta para o que não deve ser feito. "Para exercer a influência que está ao seu alcance, os europeus precisam reconhecer o advento de um mundo em transição. Em vez de tentar liderar uma oposição liberal global a Trump, eles devem entender seus próprios pontos fortes e lidar com esse novo mundo da forma como o encontram."

Falta combinar com os próprios europeus.



Ucranianos limpam destroços de catedral atingida por mísseis russos na cidade de Zaporíjia Reuters

22%

é o percentual de europeus que veem os americanos como aliados, de acordo com pesquisa do Conselho Europeu de Relações Exteriores; em 2023, eram 31%

Eufrázio

Netanyahu ameaça não seguir com cessar-fogo até receber lista de reféns

Trégua que deve começar hoje prevê trocar 98 sequestrados por até 1.904 palestinos

JERUSALÉM | AFP O primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, ameaçou não prosseguir com o cessar-fogo na Faixa de Gaza até receber a lista com os nomes dos 33 reféns que serão libertados pelo Hamas na primeira fase do acordo neste sábado (18).

Segundo o premiê, a condição era prevista pelo tratado. "Israel não tolerará violações do acordo. A única responsabilidade é do Hamas", disse em comunicado.

Netanyahu ainda discursou neste sábado. Afirmou que Israel tem o direito de reiniciar os combates caso a segunda etapa do pacto não seja cumprida.

"Se precisarmos voltar a lutar, faremos isso de forma renovada e contundente", declarou. "O presidente [eleito dos EUA] Trump e o presidente Biden deram apoio total ao direito de Israel de retornar ao combate se concluir que as negociações da fase B são inúteis."

A cúpula do poder israelense havia superado divergências e aprovado na sexta (17) um acordo com o Hamas, encerrando um processo de negociação mediado por americanos, egípcios e cataris que perdurou por quase todos os 15 meses de duração da guerra.

Os ministros israelenses votaram o acordo, por um placar de 24 a favor e 8 contrários. A reunião de governo durou mais de seis horas, e o cessar-fogo foi programado para entrar em vigor às 8h30 deste domingo (19) no horário local, 3h30 em Brasília.

Segundo o texto, os combates seriam interrompidos e os reféns até hoje mantidos pelo Hamas na Faixa de Gaza seriam trocados por palestinos presos em Israel.

No dia em que o acordo seria fechado, Netanyahu acusou o Hamas de tentar incluir pontos de última hora. O grupo terrorista negou, mas o imbróglio de todo modo adiou a reunião do gabinete de segurança, etapa que precederia a votação dos ministros.

Foi a primeira crise em torno da trégua anunciada na quarta (15) e marcada por vaivéns.



Crianças levantam bandeira da Palestina sobre escombros em Bureij, na Faixa de Gaza Eyad Baba/AFP

Ataque a faca deixa um ferido em Tel Aviv

Um agressor armado com uma faca feriu um homem no centro de Tel Aviv na tarde deste sábado (18) antes de ser atingido por disparos de um civil armado, informou a polícia de Israel.

Socorristas levaram o homem, que tem menos de 30 anos e estava consciente, para um hospital. Ele não corre risco de morte.

Os agentes descreveram o agressor como um terrorista palestino e disseram que ele morreu ao ser baleado por um civil.

O ataque ocorreu horas antes do início do cessar-fogo com o Hamas previsto.

A base da ultradireita religiosa em Israel é contra o acordo porque nele os 98 reféns em poder do Hamas, 94 dos quais foram sequestrados durante o ataque de 7 de outubro de 2023 que deu início à guerra, serão trocados por até 1.904 prisioneiros palestinos.

Ao menos 30 desses detidos cumprem prisão perpétua por matar judeus. Entre os palestinos notáveis que seriam soltos estão Zakaria Zubeidi, ex-comandante das Brigadas Al-Aqsa, braço armado do partido Fatah, no poder da Autoridade Palestina; os membros do Jihad Islâmico Iyad Jradat e Ahmed Dahiri; e Mahmud Abu Varda, que cumpre 48 sentenças vitalícias por planejar ataques terroristas.

As solturas são vistas como um risco à segurança nacional pelos ortodoxos. Assim, a notícia do cessar-fogo na Faixa de Gaza provocou forte reação na ultradireita que apoia Netanyahu.

O maior expoente do grupo, o ministro da Segurança Nacional, Itamar Ben-Gvir, afirmou que os membros de seu partido que integram o governo renunciarão neste domingo, e pediu que seu colega na pasta das Finanças, Bezalel Smotrich, faça o mesmo.

Os enfrentamentos em Gaza não cessaram desde o anúncio inicial do acordo, e autoridades de saúde locais, ligadas ao Hamas, afirmaram que só nesses dias que antecederam o seu começo, 123 palestinos morreram.

Neste sábado, bombardeios tinham atingido regiões no centro e no sul da faixa, e tanques do Estado judeu, disparado contra a Cidade de Gaza, antiga capital do território hoje reduzida a ruínas, no norte.

Enquanto isso, em Tel Aviv, um grande relógio na chamada praça dos Reféns ainda marcava os dias, horas, minutos e segundos desde o 7 de Outubro. Protestos pedindo a soltura dos sequestrados ocorrem regularmente no local desde então, e centenas de pessoas se reuniram lá na noite de sábado em homenagem a Kfir Bibas, que supostamente completou seu aniversário de dois anos neste sábado.

As fases do acordo Israel-Hamas

Cessar-fogo prevê 3 etapas, cada uma com duração de 42 dias

D	S	T	Q	Q	S	S	
19	20	21	22	23	24	25	JAN
26	27	28	29	30	31	1º	FEV
2	3	4	5	6	7	8	
9	10	11	12	13	14	15	
16	17	18	19	20	21	22	
23	24	25	26	27	28	1º	

Fase 1

Início neste domingo (19), às 8h30 no horário local (3h30 em Brasília), quando 3 reféns serão libertados

Entrada diária de 600 caminhões de ajuda humanitária em Gaza

Mais 4 reféns libertados; palestinos deslocados podem retornar para o norte da faixa

Começam negociações para próxima etapa

Mais 26 reféns libertados

total de reféns soltos: 33

Fase 2 (março)
Libertação de soldados do Exército de Israel mantidos como reféns

Fase 3 (abril)
Repatriação de cadáveres em posse do Hamas

Fonte: Al Jazeera, AFP, Reuters, The New York Times

Crianças e mulheres estão entre sequestrados que devem ser soltos

SÃO PAULO Com o início do cessar-fogo entre Israel e o Hamas programado para as 8h30 deste domingo (19), 3h30 em Brasília, reféns mantidos em cativeiro há mais de um ano em Gaza devem começar a ser libertados.

O jornal The Times of Israel publicou uma lista de quem provavelmente são esses reféns. A relação inclui duas crianças —uma delas levada quando ainda era um bebê— e nove mulheres jovens. De acordo com o veículo, suas famílias já foram notificadas pelo governo israelense.

Conheça alguns dos reféns que devem ser libertados.



Kfir Bibas foi feito refém aos nove meses Divulgação/Fórum das Famílias dos Reféns/Reuters

A mãe os irmãos Bibas

Shiri Bibas, 33, e seus dois filhos Ariel, 5, e Kfir, 2, foram sequestrados na casa em que moravam no kibutz Nir Oz. Kfir foi capturado com nove meses, e é apontado como o mais jovem dos cerca de 250 israelenses feitos reféns.

O pai das crianças, Yarden Bibas, 35, foi feito refém separadamente. Ele aparece na lista de reféns que podem ser liberados.

Liri Albag, 19

Shira, mãe de Liri Albag, disse que teve contato com a filha pela última vez na manhã do 7 de Outubro, quando a jovem então com 18 anos disse que estava em um abrigo para evitar o bombardeio.

A jovem apareceu em um vídeo do grupo terrorista divulgado no início deste ano. Nele, ela diz que a vida dela e de outros reféns estavam em perigo devido à ação militar israelense em Gaza.

Romi Gonen, 23

Uma das sequestradas no festival de música eletrônica Supernova —364 pessoas que estavam no evento no deserto de Negev foram mortas. A família de Romi disse que a filha deveria ter sido libertada na trégua ocorrida em novembro, mas o cessar-fogo acabou sendo interrompido antes que isso pudesse acontecer, em 1º de dezembro.

Naama Levy, 20

As imagens do sequestro de Naama Levy, divulgadas no Telegram, rodaram o mundo. A jovem à época com 19 anos aparecia com as mãos amarradas, a calça encharcada de sangue, o rosto com ferimentos e os pés descalços. Ela é puxada pelos cabelos e empurrada para dentro de um carro.

Naama foi feita refém na base militar de Nahal Oz.



Turistas e moradores aproveitam dia de sol ao lado de um canal na praia da Enseada, em Guarujá Fotos Rafaela Araújo/Folhapress

Virose e insegurança marcam o 'pior início de ano' na Baixada Santista

Comerciantes reclamam de queda no turismo e prefeito de Guarujá até bebe água do mar à espera da volta à normalidade no setor; região teve falhas de abastecimento no fim do ano

FOLHA VERÃO

Isabella Menon e Rafaela Araújo

GUARUJÁ E BERTIOGA Ao avistar uma família se aproximando da praia, um grupo de comerciantes corre para oferecer um guarda-sol. Quando percebem que estão competindo entre si, tiram no "2 ou 1" quem deve ficar com os novos clientes.

Sob o forte sol do verão, a praia de Pitangueiras, em Guarujá, na Baixada Santista, estava movimentada para uma terça-feira. Mas, para Clebson Borges da Silva, 26, que trabalha há dez anos no balneário, a frequência está fraca para a época do ano.

Em meio a constantes investimentos do Governo de São Paulo em projetos para desafogar o trânsito do litoral, como o túnel Santos-Guarujá, inauguração do Contorno Sul da rodovia dos Tamoios e anúncio da construção da terceira pista na rodovia dos Imigrantes, os turistas não parecem satisfeitos com o que encontram nos locais de destino.

Surto de virose, arrastões e falha no abastecimento de água são alguns dos problemas desta temporada. Em meio à crise, o prefeito de Guarujá, Farid Madi (Podemos), divulgou um vídeo em que bebe a água do mar da praia de Pitangueiras para pedir que os turistas não tenham medo. Foram 1.326 casos da doença no primeiro fim de semana do ano. Na semana seguinte, o número caiu para 520.

As amigas Marisele dos Anjos, 35, e Simone Moraes, 49, curtiam o dia de folga na praia na última terça (14). Para elas, o movimento estava menor do que o normal e atribuem isso à crise financeira e aos casos de gastroenterite causados pelo norovírus registrados na região. Marisele passou mal na virada do ano, e Simone, que aluga uma casa, costumava conseguir hóspedes para toda a temporada. Neste ano notou mais reclamações quanto ao valor do aluguel.



As amigas Marisele dos Anjos e Simone Moraes curtem dia de folga na praia de Pitangueiras, em Guarujá

Cancelamentos de reservas em hotéis no litoral

Segundo um levantamento da Federação de Hotéis, Restaurantes e Bares do Estado de São Paulo (Fhoresp), o litoral teve ao menos 19% de cancelamentos em hotéis na Baixada Santista. Para Arthur Veloso, presidente do sindicato na região, foi o "pior começo de ano" do setor em muitos anos.

Além disso, as duas, que vivem no bairro da Enseada, afirmam sofrer com falta de água, principalmente no verão. Na casa de Simone, por exemplo, a pressão da água retornou nesta semana.

No sábado (18), foi feito um protesto em frente à Sabesp —a empresa diz não ter ligação com o surto de virose.

Para o engenheiro e presidente da Associação Água Viva, José Manoel Gonçalves, a cidade vive um problema de falta de estrutura. "Precisamos que o sistema de esgoto seja planejado o ano todo e não uma ação isolada", diz.

O surto de virose, para ele, foi a gota d'água. "A população de São Paulo e do interior chegou aqui e foi contaminada. Houve um mal-estar para o comércio e às pessoas, que precisaram voltar para suas casas. É uma vergonha", diz.

Na Enseada, era constante a presença da Guarda Civil e da Polícia Militar de São Paulo. Neste ano, a segurança da região é reforçada com a Operação Verão, que contou com um acréscimo de 3.000 policiais. A Secretaria de Segurança Pública estadual diz que a ação vem surtindo efeito. De 21 de dezembro a 3 de janeiro, o número de roubos e furtos caiu 35% em comparação com o mesmo período passado, diz a pasta.

Porém, notícias como a da série de arrastões ocorrida nos últimos meses assustam turistas e moradores. "O pessoal avisou para tomar cuidado com o celular na mão, porque o assalto é frequente", relata Caique Amaral, 21.

"O medo da virose também é constante. Compramos água no supermercado, mas temos medo também de passar mal indo em restaurante ou entrando no mar", diz o turista.

Para o secretário municipal de Defesa e Convivência Social, Marco Antônio de Couto Perez, os casos ganham atenção pelo destaque que Guarujá tem. "Casos que acontecem aqui, acontecem em todas as cidades, mas ganha uma sensação de insegurança maior", diz. Ele também prevê que esse clima de tensão vai se dissipar em breve. "Nós vamos trazer o Guarujá de novo como um destino bastante almejado."

Tentando escapar da crise, a comerciante Maria Eduarda Lisboa, 19, que vive em Guarujá, passou a vender presilhas na praia de Riviera, em Bertioga. "Aqui é bem melhor. Ninguém está querendo ir para lá com medo dos furtos", diz.

Alguns problemas, no entanto, se repetem. À frente do grupo Acqua Azul, Maria Luisa Amparo, 31, comanda restaurante, loja de biquíni e marina em Bertioga. Sem especificar o número, ela diz que, após o surto do norovírus, uma pequena parcela de clientes cancelou a viagem. Após conversar com a reportagem, começou a sentir os primeiros sintomas da virose. No dia seguinte, não conseguiu trabalhar. Segundo a prefeitura, foram atendidos 766 pacientes na rede pública. Porém, não há registro de morte ou internação pela doença na cidade.

Em nota, a prefeitura afirma que nas festas de fim de ano a população passa de 62 mil habitantes para 500 mil. Sem citar números, a gestão de Marcelo Vilares (União) diz que nesta alta temporada teve "apenas questões pontuais" em relação ao problema de água. O município diz ainda ter realizado obras emergenciais e que que realiza reuniões frequentes com a companhia para garantir investimentos e segurança.

Em nota, a gestão Tarcísio de Freitas (Republicanos) diz manter diálogo com o setor de turismo e atuar para fomentar essa indústria, responsável pela geração de emprego e renda no litoral paulista.

Também afirma que monitora as infecções e fez reuniões com secretários da Baixada Santista para abordar as medidas a serem adotadas nos casos da doença e que verificou as condições de água potável no Guarujá e Praia Grande e não foi encontrada contaminação com o norovírus.

Preso tenente suspeito de dirigir carro de atiradores que mataram Gritzbach

Defesa afirma que agente não tem ligação com o crime; policial trabalhou em batalhão de Osasco com cabo detido na quinta (16) sob suspeita de ser o assassino

Rogério Pagnan e Paulo Eduardo Dias

SÃO PAULO A Força-Tarefa do DHPP (Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa) prendeu na manhã de sábado (18) um tenente suspeito de envolvimento na morte de Antônio Vinícius Gritzbach, 38, delator do PCC.

Segundo a investigação, o tenente Fernando Genauro da Silva —que trabalha na 1ª Companhia do 23º Batalhão da Polícia Militar, na capital— dirigia o carro em que estavam os atiradores que mataram Gritzbach na área de desembarque do Aeroporto Internacional de Guarulhos, no dia 8 de dezembro do ano passado.

Na última quinta-feira (16), a Corregedoria da Polícia Militar prendeu o cabo Dênis Antonio Martins, 40, apontado pela investigação como um dos autores dos disparos que mataram o delator. Na ocasião, outros 14 policiais —2 tenentes e 12 cabos e soldados— também foram presos por fazer a escolta irregular de Gritzbach e envolvimento com o PCC.

O tenente preso, segundo apuração da força-tarefa, já trabalhou com o cabo Dênis na Força Tática do 42º Batalhão da PM, em Osasco, na Grande São Paulo, onde atuavam na mesma viatura.

A **Folha** apurou que a investigação descobriu que o celular de Silva recebeu ligações exatamente no momento em que o carro sai para levar os atiradores até o delator e depois uma nova ligação quando o carro é abandonado.

A prisão de Silva é temporária, por 30 dias. Ele foi localizado e preso no bairro Jardim Umuarama, em Osasco, e levado ao DHPP e deve seguir para Presídio Militar Romão Gomes. A defesa sustenta que o tenente é inocente. "Ele não cometeu esse crime, ele não estava no dia dos fatos", disse o advogado Mauro Ribas.

"Ele não fazia segurança para Gritzbach. Nunca fez. E não tinha relação profissional com os demais policiais", acrescentou Ribas. A defesa é composta também pelo advogado Renato Soares. Além da prisão do tenente, a operação deste sábado cumpriu sete mandados de busca e apreensão.

A investigação agora busca identificar o terceiro ocupante do veículo, que seria o outro executor de Gritzbach. Além disso, também apuram se o tenente tem relação com os policiais militares que integravam a escolta irregular do delator do PCC.



Tenente Fernando Genauro foi preso sábado Arquivo Pessoal

Gritzbach foi assassinado a tiros em 8 de novembro, no aeroporto de Guarulhos, em São Paulo. Ele era jurado de morte pelo PCC.

Ligado à facção criminosa, ele teria se envolvido numa série de problemas com o grupo. Era suspeito de ter mandado matar dois integrantes da facção. Também fechou um acordo de delação premiada com a Justiça.

O delator voltava de uma viagem a Alagoas. Conforme mostram imagens do ataque, ele havia acabado de deixar a área de desembarque do terminal 2 do aeroporto quando homens encapuzados saíram de um Volkswagen Gol preto e atiraram contra o empresário.

Os disparos foram feitos perto do portão, em meio à circulação de outros passageiros. Os atiradores entraram no carro e fugiram.

Dias após o crime, membros da investigação diziam que as suspeitas do assassinato apontavam para os militares envolvidos na escolta do delator.

classificados 11 3224-4000

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse folha.com/classificados

Formas de pagamento cartão de crédito, boleto bancário ou pagamento à vista

IMÓVEIS

PRODUTOS E SERVIÇOS

COMPRA E VENDE IMÓVEIS

EMPREGOS

EMPREGADOS PROCURADOS

P

PCD - ÁREAS DIVERSAS

Empresa de ônibus, localizada na Zona Sul de SP, contrata:
PESSOAS COM DEFICIÊNCIA
Vagas Para:
Motorista
Manobrista
Fiscal
Ajudante Geral
Desejável experiência e disponibilidade de horário.
Enviar currículo para o e-mail:
treinamento2@wolffsp.com

A OSS/SPDM - HOSPITAL DAS CLÍNICAS LUZIA DE PINHO MELO
Seleciona:
Pessoas com Deficiência para vagas de:
✓ Auxiliar Administrativo, ✓ Aprendiz, ✓ Telefonista, ✓ Recepcionista, ✓ Auxiliar de Governança, ✓ Enfermagem, ✓ Terapeuta Ocupacional, ✓ Escriturário entre outras.
Os interessados devem se cadastrar no site www.gupy.io ou através da leitura do QRCode.
GUPY

NEGÓCIOS

ACOMPANHANTES

AMANDA

EMPRESAS COMPRA/VENDA

LOTÉRICAS IMPERDÍVEL!

COMUNICADOS

COMUNICADO

Embaixada do Estado do Kuaite em Brasília
contrata
Tradutor
Requisitos: Desejável experiência na função, conhecimento em política, fluência em espanhol, árabe e português.
Envio de currículo para:
brasilia.sec@mofa.gov.kw

O HOSPITAL MUNICIPAL DE BARUERI - SPDM, Informa:
Abertura de Vagas para Diversas áreas médicas, sendo estas:
• Cardiologista • Cirurgião Cabeça e Pescoço • Cirurgião Plástico • Cirurgião Torácico • Cirurgião Pediátrico • Cirurgião Vascular • Cirurgião Urológico • Endocrinologista • Cirurgião Oftalmológico • Fisiatra • Pneumologista • Hematologista adulto e pediátrico • Dermatologista • Mastologista • Fonoaudiologia • Psicologia e pequenas cirurgias • Nutrologia • Gestão de Leitos e Gestão da Qualidade e risco • Anestesista • Bucomaxilo • Cirurgião Geral • Oftalmologista • Ginecologista • Obstétrico • Urologista • Ortopedista • Pediatra • Oncologista • Vascular • Psiquiatria • Otorrinolaringologista • Neurologista • Neurocirurgião Nefrologista adulto e pediátrico • Clínico Geral • Proctologista • UTI Pediátrica • Neonatologia • Medicina Fetal • Infectologia • Ecocardiografista.
VAGAS CLT, SALÁRIO A COMBINAR DE ACORDO COM A CARGA HORÁRIA + BENEFÍCIOS
Interessados encaminhar currículo para o e-mail: selecao@hmb.spdm.org.br ou R. Ângela Mirella, nº 354 Barueri SP

A Fundação Faculdade de Medicina, entidade sem fins lucrativos, seleciona profissional para o desenvolvimento do Projeto: "Fomentar Pesquisas Científicas e Tecnológicas em Saúde Estratégicas para o SUS", com duração prevista para 12 meses, à seguinte posição:
Código da vaga: BOLSISTA – HEMATO LIM 31
1 vaga
BOLSISTA: Requisitos: Cursando Graduação a partir do 2º ano, em Biologia, Biomedicina, Farmácia, Medicina, Biotecnologia ou Ciências Moleculares. Desejável curso em citometria de fluxo. Conhec. laboratório, biologia celular e citometria de fluxo. Atribuições: abordar pacientes, recolher assinatura no termo de consentimento, encaminhar as amostras aos laboratórios correspondentes, auxiliar no processamento das amostras e na execução de exames, na análise dos resultados e na escrita de relatórios e artigos.
Os candidatos interessados deverão enviar currículo e certificados de formação citados na divulgação da vaga, de 19/01/2025 a 25/01/2025, para o e-mail selecao@ffm.br, mencionando no assunto o código completo do anúncio.

#siga a folha

CORPUS Saneamento e Obras Ltda
VAGAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA (PCD)
BUSCAMOS PROFISSIONAIS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS PARA ATUAR EM DIVERSAS ÁREAS
Os interessados deverão enviar currículo e laudo médico, que descreve o tipo de deficiência apresentada e limitada decorrente para o e-mail abaixo.
curriculosp@corpus.com.br

A OSS – Hospital das Clínicas Luzia de Pinho Melo, recruta currículos de médicos nas seguintes especializadas:
MÉDICO ESPECIALISTA EM NEUROLOGIA INFANTIL; MÉDICO PSIQUIATRA; MÉDICO ESPECIALISTA EM CIRURGIA VASCULAR; MÉDICO CIRURGIÃO PLÁSTICO para Atendimento Ambulatorial e Procedimentos Cirúrgicos inclusive Reconstrução Mamária; MÉDICO UROLOGISTA; Médico especialista em Medicina do Trabalho; Médico especialista em Nutrologia; Médico especialista em Reumatologia; Médico especialista em Oftalmologia; Médico especialista em Otorrinolaringologia; Médico especialista em procedimentos de USG Geral e Doppler; Médico especialista em procedimentos na área de Exames de Endoscopia, Colonoscopia e Retossigmoidoscopia; Médico especialista em Radioterapia; Médico especialista em realização de exames Broncoscopia e para atuação em ambulatório na especialidade de Cirurgia Torácica; Médico especialista em realização de exames de Angiografia Vascular Periférica com ou sem procedimento; Médico especialista em realização de exames Prova de Função Pulmonar (Espirometria); Médico especialista em Terapia Intensiva Adulto; Médico especialista em Terapia Intensiva Infantil; Médico especialista em Ultrassonografia; Médico especialista em Oncologia; Médico especialista Pneumologista; Médico Hemodinamicista – Cardiologia; Médico Nefrologista Adulto e Infantil para atendimento ambulatorial, acompanhamento de pacientes nas Unidades de Internação e em procedimentos de diálise; Médico Neurologista para execução de exames de Eletroneuromiografia. Os interessados devem se cadastrar no site www.gupy.io ou através da leitura do QRCode.
GUPY

FOLHA
NÃO DÁ PRA NÃO LER.
A Folha, empresa líder de mercado, oferece vagas para
PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS
em diversas áreas.
Os interessados deverão enviar currículo para o e-mail rhvagas@grupofolha.com.br, sob a sigla "vagas"

ASSINE A FOLHA
folha.com/assine
F

Formas de pagamento cartão de crédito, boleto bancário ou pagamento à vista

Os anúncios com este símbolo têm fotos, para vê-las digite o código que acompanha o sinal no site folha.com/classificados

classificados@grupofolha.com.br

Contabilidade nazi-criativa

A literalidade é das formas mais irritantes de burrice

Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de "Por Quem as Panelas Batem"



Adams Carvalho

O grande mal que nos assola não é a polarização, não é o identitarismo e nem "é a economia, estúpido!". É a estupidez, estúpido. É a burrice, desgraça que grassa por todos os lados no ano da graça de 2025.

Vejam só: um vilão da novela das nove diz para seu contador fazer uma "contabilidade criativa" e esconder a corrupção na empresa. O Conselho Regional de Contabilidade do Estado de São Paulo (CRCSP) publica uma nota de repúdio ao folhetim. "Sugerir, em um produto de entretenimento, que contadores participem de práticas ilícitas ou antiéticas contribui para a disseminação de estigmas equivocados, subestimando a importância da contabilidade na construção de uma sociedade mais justa e responsável".

Tenho certeza de que o autor de "Mania de Você", João Emanuel Carneiro, não subestima "a importância da contabilidade na construção de uma sociedade mais justa e responsável". Até porque, imagino, diante da uberização dos profissionais do audiovisual, ele seja PJ e dependa dos profissionais da área. Acontece que as novelas têm vilões e esse tipo de personagem caracteriza-se por, veja bem, fazer vilanias. Se for um médico, vai fazer maldade na medicina. Se for um taxidermista, vai fazer maldades na taxidermia – embora eu não consiga imaginar, de imediato, que sacanagem alguém possa fazer ao empalhar um guaxinim.

A literalidade é das formas mais irritantes de burrice, e, dentro da literalidade, a incapacidade de discernir entre a ficção e a realidade é das suas manifestações mais danosas

A literalidade é das formas mais irritantes de burrice, e, dentro da literalidade, a incapacidade de discernir entre a ficção e a realidade é das suas manifestações mais danosas. Eu disse que não eram a polarização nem o identitarismo as maiores pragas atuais, mas eles colaboram com a dificuldade contemporânea em compreender que quando, num livro, filme, novela ou série, um personagem gordo, magro, preto, albino ou ruivo dá um peteleco no lóbulo de outro, a obra não está afirmando que toda pessoa gorda, magra, preta, albina ou ruiva dê petelecos nos lóbulos dos outros.

Dois anos atrás, assisti no Mirada, festival ibero-americano de teatro, do Sesc, a uma excelente peça chilena. Eram quatro artistas brancos que pensavam numa forma de emplacar a próxima exposição num mundo em que ser branco, no mundo das artes, não é mais necessariamente uma vantagem. Era uma comédia e esses quatro brancos imaginavam formas mais "cool" de se venderem. Fingiriam ser pobres? Invocariam uma mentirosa ancestralidade indígena? Em determinado momento, um dos personagens coloca uma peruca "blackpower" e sugere tentarem se passar por pretos. A piada era em cima dos brancos tentando dar um golpe e embarcar nas pautas identitárias. Ria-se do patético de um pessoal que perdeu parte de seus privilégios, após alguns milênios de opressão às minorias, agora tentar se passar pelas minorias.

Quando acabou a peça teve uma discussão e boa parte da plateia estava revoltada com a peruca "blackpower". Disseram que era como "blackface". Era, exatamente, confirmaram os atores, mas, no caso, para criticar o "blackface". Não teve jeito. Branco tentar se passar por preto era "errado". Exato, os atores insistiram. A peça é exatamente sobre isso. Sobre o erro daqueles brancos. Impossível, os argumentos racionais batiam numa muralha da China de burrice. (Não há aqui nenhuma crítica à China ou aos chineses, sim à muralha, ok?).

Vai chegar o dia em que proibirão "A Lista de Schindler" porque nele todos os nazistas são antissemitas. Embora, talvez, os contadores cancelem o filme antes, pois Schindler era contador. E nazista. Obviamente, uma ideia preconceituosa que tenta vender o nobre ofício da contabilidade como um antro de supremacistas brancos. Por favor, parem o mundo que eu quero descer.

DOM. Antonio Prata SEG. Becky S. Korich / Giovana Madalosso TER. Vera Iaconelli QUA. Ilona Szabó de Carvalho / Jairo Marques QUI. Sergio Rodrigues SEX. Tati Bernardi SÁB. Oscar Vilhena Vieira / Luís Francisco Carvalho Filho

Royalties do petróleo impulsionam time e escola de samba de Maricá (RJ)

Yuri Eiras

RIO DE JANEIRO Estreante no Campeonato Carioca, o Maricá Futebol Clube, fundado em 2017, é fruto de um investimento do grupo político à frente da prefeitura que mais recebe royalties de petróleo no Brasil.

A cidade de Maricá, na região dos lagos do Rio de Janeiro, a 55 km da capital, é comandada há 16 anos pelo PT. O vice-presidente nacional do partido, Washington Quaquá (PT), foi prefeito por duas gestões, de 2009 a 2016, e assumiu o terceiro mandato em janeiro.



Carro alegórico da escola de samba União de Maricá durante o desfile do Carnaval de 2024 S1 fotografia

O grupo político diz querer tornar Maricá a segunda cidade mais importante do estado em economia e turismo, atrás apenas da capital. Em 2024, Maricá recebeu R$ 2,69 bilhões em royalties, segundo a ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis). O orçamento para 2025 é de R$ 7 bilhões.

Para torná-la mais famosa, a prefeitura aposta no futebol e na cultura. Em 2024, fez uma feira literária com escritores como José Eduardo Agualusa e Valter Hugo Mãe. No Carnaval, a União de Maricá vai desfilar pela segunda vez na Marquês de Sapucaí, pelo segundo grupo.

Time e agremiação têm representantes na gestão municipal. Arlen Pereira, presidente do Maricá, é secretário de Gestão de Governo. João Carlos Birigu, diretor executivo da União de Maricá, é secretário de Direitos Humanos.

A União de Maricá recebeu R$ 8 milhões da prefeitura local para o Carnaval de 2025. O valor é nove vezes maior do que cada escola do grupo vai receber de aporte da Prefeitura do Rio: serão R$ 926.875 para cada uma das 16 agremiações da Série Ouro —incluindo a própria Maricá — totalizando R$ 14,8 milhões. Já o governo estadual repassou R$ 8,18 milhões às escolas de samba.

Já o Maricá Futebol Clube surgiu com investimentos do Banco Mumbuca, empresa que administra a moeda social de mesmo nome, sucesso da cidade. A mumbuca tem investimento de R$ 18 milhões mensais com recursos dos royalties.

O Maricá estreou na quarta divisão do futebol fluminense. Chegou à Segundona em 2021 e foi campeão em 2024. Em 2025, disputará a Série D do Campeonato Brasileiro. A prefeitura e o banco Mumbuca patrocinaram o time por algumas temporadas.

NICOM
LUGAR DE GENTE MUITO, MUITO FELIZ!
Incefra-Piso 45x45
De: 24,90 Por: 19,90
Duratto-Limpador Pós Obra P/Porcelanato 1lt
De: 49,90 Por: 39,90
Celite-Torneira Lavatório Mesa Ba Smart-N Cr
De: 209,90 Por: 162,90
Suvinil-Toque Fosco 3,6l Branco Neve
De: 212,90 Por: 169,90
Blukit-Kit Completo Universal P/ Caixa Acoplada C/Acionamento Superior 340215-46
De: 129,90 Por: 99,90
Icasa-Bacia C/Caixa Acoplada Etna Branca 2-300
De: 619,90 Por: 499,90
Atlas-Kit Antigotas Completo At101/6 Peças
De: 74,90 Por: 59,90
TEL.:(11) 5033-2000
(11) 98200-1400
AMPLO ESTACIONAMENTO:
200 VAGAS / R. ÁTICA, 47 - BROOKLIN SÃO PAULO/SP
HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:
VISA
SAC (11) 5033-2020
VISITE NOSSO SITE: www.NICOM.com.br

ambiente



De cima para baixo, olhos das refugiadas Roselore Charles, Marisela Guzmán, Iglis Rojas e Miriam Martínez Rafaela Araújo/Folhapress

Refugiados enfrentam novos deslocamentos e perdas com chuvas no RS

Grupo está entre os mais vulneráveis aos eventos climáticos extremos, de acordo com agência das Nações Unidas

EXCLUÍDOS DO CLIMA

Geovana Oliveira e Rafaela Araújo

PORTO ALEGRE E LAJEADO (RS) "Já estamos acostumadas a começar de novo. Quando saímos do nosso país, saímos sem nada", diz Maigualida Martínez, 56. Ela atravessou a fronteira da Venezuela para o Brasil com a irmã em 2018, participou do chamado programa de interiorização para chegar ao sul do país e, em maio, perdeu a casa na enchente em Porto Alegre.

Maigualida e os outros cerca de 20 Martínez que moram no bairro do Sarandi, na capital gaúcha, são alguns dos 43 mil refugiados identificados pela Acnur (agência da ONU para refugiados) no Rio Grande do Sul.

"Muitos deixaram tudo para trás e começaram a retomar a vida no país novo. Aí vem um desastre provocado pelo clima e precisam se deslocar de forma forçada de novo", diz Paulo Sérgio de Almeida, oficial de meios de vida e inclusão econômica da Acnur.

Além do duplo deslocamento, explica Almeida, os refugiados estão entre os grupos mais vulneráveis aos eventos climáticos extremos. "É o tema da justiça climática", diz. "As pessoas mais vulneráveis acabam não tendo condições de se estabelecer em regiões mais protegidas."

O bairro do Sarandi, próximo a um canal de água, concentra uma grande população de baixa renda. Lá, assim como Maigualida, é onde grande parte dos refugiados venezuelanos e haitianos moram. Foi um dos primeiros locais a inundar com a cheia do lago Guaíba, e as casas ficaram debaixo d'água por mais de 40 dias.

Na cidade de Lajeado, no Vale do Taquari —atingido por enchentes em setembro e novembro de 2023, além de maio de 2024—, refugiados haitianos precisaram voltar para casas que foram alagadas, por causa da dificuldade para alugar moradias em imobiliárias que exigem fiador.

A preocupação, diz Almeida, é que os refugiados "fiquem para trás" nas tragédias.

A Folha conversou com mulheres refugiadas em Porto Alegre e Lajeado. A maioria delas recebeu os auxílios de reconstrução do governo e algumas, como as moradoras do Sarandi, o auxílio habitacional para compra de um apartamento de até R$ 200 mil.

> “
> **Ela [a casa] está remendada, com um plástico na frente para não molhar. Isso dá medo. Cada vez que chove, dá para sentir o tremor dela**
>
> **Miriam Ávila Martínez**
> refugiada venezuelana

> “
> **Às vezes minha filha está dormindo e acorda falando 'água, mamãe, água'**
>
> **Roselore Charles**
> refugiada haitiana

*

Marisela José Guzmán Baduel, 48

Passei por bastante coisa. Quando chegamos à fronteira [da Venezuela], eu e meus quatro filhos ficamos na rua por três meses.

Cheguei em Porto Alegre em novembro [de 2023], e em janeiro [de 2024] houve vento forte e chuvas. A casa onde eu estava morando, perto do Sarandi, foi prejudicada e tive que sair.

E então veio a enchente. Eu não sabia nada. Não tinha televisão nem um bom telefone, então não sabia das notícias. Em frente à minha casa, no Sarandi, morava uma venezuelana que saiu gritando "vem a água". Agarrei os quatro meninos, os vesti e saímos.

Quando a água baixou, não queria voltar para casa porque estava com medo. Procurei outros lugares altos, mas não aceitavam crianças. Então tive que voltar. Perdi tudo. A única coisa que consegui salvar foi o botijão de gás.

Miriam Ávila Martínez, 34

Cheguei no Brasil em 2018. Entrei por Roraima com minha irmã. Antes da enchente, minha vida era normal, boa. Consegui me estabelecer no Brasil.

Vim para o Sarandi para sair do aluguel. Tinha uma casa, um carro. Depois da enchente, tudo deu uma volta.

Fiquei 38 dias no abrigo, uma experiência horrorosa. Acho que era melhor morar na rua.

Meu esposo estava em Santa Catarina. Esperou as estradas abrirem para voltar e alugar uma casa, para me tirar do abrigo. Quando acabou o pesadelo e saí, ele sofreu um acidente na estrada, em 29 de junho. Em 4 de julho, ele morreu.

Minha irmã me alugou uma casa aqui por perto. Estava ganhando o auxílio estadia, mas tiraram de mim e me vi na obrigação de voltar para minha casa, que não tinha nada, só o telhado.

Tive quatro dias para fabricar alguma coisa. Fui juntando pau e pregando sozinha. Ela está remendada, com um plástico na frente para não molhar. Isso dá medo. Cada vez que chove, dá para sentir o tremor dela.

Roselore Charles, 30

Eu vim do Haiti para o Brasil quando estava grávida das minhas filhas, que têm quatro anos, para trabalhar em uma fábrica.

Durante a enchente, passei um tempo no abrigo e não conseguia voltar para a minha casa porque estava muito mofada e não seria bom para as crianças. Mas não é fácil encontrar aluguel em um lugar que não tenha sido alagado, porque é muito caro.

Às vezes minha filha está dormindo e acorda falando "água, mamãe, água".

Iglis Josefina Rojas Rondon, 49

Estou há sete anos no Brasil. Cheguei em Pacaraima (RR) e depois vim para Porto Alegre.

Na Venezuela, eu era bombeira e costurava para mim. Quando cheguei aqui, me deram uma oportunidade, aí me formei como costureira. Comprei máquinas, tecidos, fiz moldes. Eu fazia roupas e vendia dentro da própria comunidade do Sarandi. Estava começando a vender roupas em lojas pequenas, mas perdi tudo com a enchente.

Agora estou trabalhando fazendo faxina e dando aulas de costura para outras venezuelanas [em parceria com a Acnur].

O projeto Excluídos do Clima é uma parceria com a Fundação Ford.

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

ELIDILEI DE OLIVEIRA MARTINS, leiloeiro oficial, inscrito na JUCESP nº 1409, com escritório à Av. Pres. Juscelino Kubitschek, 1830 - 12º andar | Torre 4 - Itaim Bibi, São Paulo/SP - CEP: 04543-900, autorizado pelo(a) Credor(a) Fiduciário(a): Cooperativa de Crédito Poupança e Investimento da Região Centro Oeste Paulista - **SICREDI Centro Oeste Paulista**, CNPJ/MF nº 04.463.602/0007-21, com sede na Rua Tabajaras nº 1234, Centro, Tupã/SP, por Instrumento Particular de Contrato de Limite de Crédito com Pacto de Alienação Fiduciária, emitido em 09/03/2023, na qual figura(m) como **Devedor(es) Fiduciante(s): PAULO HENRIQUE VICENTE**, portador do CPF nº 432.129.958-66, casado sob o regime da comunhão parcial de bens com **ELLEN REGIANE FILLETTI**, portadora do CPF nº 371.385.728-83, ambos brasileiros, empresários, residentes e domiciliados na Rua Felipe Bispo, nº 275, Ibirapuera (Ch. Urbanas) – Tupã/SP – CEP: 17602-135 e como **Devedor(es) Solidário(s): 1) PAULO HENRIQUE VICENTE**, portador do CNPJ nº 43.103.706/0001-91 e **2) ELLEN REGIANE FILLETTI**, portadora do CNPJ nº 48.010.176/0001-50, ambos com endereço na Rua Felipe Bispo, nº 275, Ibirapuera (Ch. Urbanas) – Tupã/SP – CEP: 17602-135, promoverá a venda em 1º ou 2º leilão fiduciário, de modo somente On-line, do(s) imóvel(is) abaixo descrito(s), nas datas, hora e local infracitados, dentro dos parâmetros e na forma da lei 9.514/97. Local da realização dos leilões: Os leilões serão realizados exclusivamente pela Internet, através do site www.tabaleiloes.com.br. Descrição do(s) imóvel(is): **PRÉDIO RESIDENCIAL/CASA**, situada na Rua Felipe Bispo, nº 275, Ch. Urbanas/Ibirapuera, Centro/SP – CEP: 17602-135. Matrícula(s) nº: **43.914** do Cartório de Registro de Imóveis de Tupã/SP. >1º **Leilão: 27/01/2025, às 11:00h**. >2º **Leilão: 28/01/2025, às 11:00h**. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. Para as demais condições para participação e informações sobre o Leilão, favor consultar o Edital completo, no site www.tabaleiloes.com.br ou ligue (11) 3249-4680.

LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

ELIDILEI DE OLIVEIRA MARTINS, leiloeiro oficial, inscrito na JUCESP nº 1409, com escritório à Av. Pres. Juscelino Kubitschek, 1830 - 12º andar | Torre 4 - Itaim Bibi, São Paulo/SP - CEP: 04543-900, autorizado pelo(a) Credor(a) Fiduciário(a): Cooperativa de Crédito Poupança e Investimento da Região Centro Oeste Paulista - **SICREDI Centro Oeste Paulista**, CNPJ/MF nº 04.463.602/0007-21, com sede na Rua Tabajaras nº 1234, Centro, Tupã/SP, por Instrumento Particular de Contrato de Limite de Crédito com Pacto de Alienação Fiduciária, emitido em 09/03/2023, na qual figura(m) como **Devedor(es) Fiduciante(s): ARUAN MILLER FELIX GUIMARÃES**, advogado, portador do RG nº 43.962.648-1 SSP/SP e do CPF nº 342.850.138-19, casado sob o regime da comunhão parcial de bens com **ALLANAH KARINE CHERUBINO GUIMARÃES**, do lar, portadora do RG nº 47.588.820-0 SSP/SP e do CPF nº 407.584.858-24, ambos brasileiros, residentes e domiciliados na Rua Antonio Castilho, nº 623, Centro (Pq. Universitário II) – Tupã/SP – CEP: 17607-010, promoverá a venda em 1º ou 2º leilão fiduciário, de modo somente On-line, do(s) imóvel(is) abaixo descrito(s), nas datas, hora e local infracitados, dentro dos parâmetros e na forma da lei 9.514/97. Local da realização dos leilões: Os leilões serão realizados exclusivamente pela Internet, através do site www.tabaleiloes.com.br. Descrição do(s) imóvel(is): **PRÉDIO COMERCIAL/SALAS e seu respectivo TERRENO (L-14B Q-112)**, situada na Rua Paiaguás, nº 1.343, Centro/SP – CEP: 17604-040. Matrícula(s) nº: **66.258** do Cartório de Registro de Imóveis de Tupã/SP. Inscrição Municipal/IPTU: 0100001011201480201 – Cadastro: 00251800. >1º **Leilão: 27/01/2025, às 11:10h**. >2º **Leilão: 28/01/2025, às 11:10h**. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. Para as demais condições para participação e informações sobre o Leilão, favor consultar o Edital completo, no site www.tabaleiloes.com.br ou ligue (11) 3249-4680.

Eufrázio

ciência



Escavação em vilarejo de Winterborne Kingston, sudoeste da Inglaterra Universidade de Bournemouth/NYT

Marido ia morar com a família da esposa após casamento na cultura celta britânica

Dados publicados na revista Nature sugerem que sociedade tinha estrutura social que se organizava em torno das mulheres

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS (SP) O DNA de pessoas que viveram há 2.000 anos no atual Reino Unido sugere que os povos celtas da região tinham uma estrutura social que se organizava em torno das mulheres de cada grupo. Ao contrário da maioria das sociedades conhecidas, elas não saíam do local de origem de suas mães: os homens é que iam ficar com a família das mulheres quando se casavam com elas.

Os resultados, publicados na quarta-feira (15) na revista científica Nature, trazem mais peso à ideia de que, entre os celtas (povos que falavam idiomas de um mesmo grupo linguístico, presentes principalmente na Europa Central e Ocidental), o prestígio social e político das mulheres podia ser mais elevado do que entre os demais europeus pré-modernos.

Os dados mais contundentes do novo estudo vêm do vilarejo de Winterborne Kingston, na região de Dorset (sudoeste da Inglaterra). Nesse lugar e em áreas vizinhas foi encontrado um total de 57 esqueletos, quase todos sepultados mais ou menos entre 100 a.C. e 100 d.C.

Segundo relatos de escritores da Antiguidade, os defuntos pertenciam à tribo dos durotriges. Esse antigo povo céltico facilitou a vida dos arqueólogos do futuro porque, diferentemente da maioria de seus conterrâneos na época, costumava enterrar seus mortos inteiros, em vez de cremá-los ou fazer outras modificações nos corpos.

Com isso, a extração de DNA de seus restos mortais se tornou mais viável. E o que o processo revelou, segundo a equipe liderada por Lana Cassidy, do Trinity College de Dublin (Irlanda), foi uma população fortemente matrilocal.

Esse padrão, presente em épocas mais recentes em algumas populações da África ao sul do Saara, difere do sistema patrilocal, considerado o mais típico da nossa espécie. Numa sociedade patrilocal, a mulher casada passa a ser considerada parte do grupo familiar do marido (ao menos formalmente, é o que acontece até hoje quando a mulher adota o sobrenome do marido). E o mesmo vale para os filhos do casal.

Já as culturas matrilocais invertem essa lógica.

É possível detectar padrões desse tipo por meio do genoma levando em conta dois tipos diferentes de herança genética. Há o chamado mtDNA ou DNA mitocondrial, presente apenas nas mitocôndrias, estruturas que produzem energia para as células. Em geral, o mtDNA só é passado de mãe para filho ou filha (na geração seguinte, apenas a filha transmitirá a mesma variante de mtDNA para seus rebentos).

Já do lado paterno da equação há o cromossomo Y, cuja presença, na maior parte dos casos, leva o indivíduo a se desenvolver como membro do sexo masculino. Nesse caso, o cromossomo Y costuma ser transmitido apenas de pai para filho homem.

Ocorre que, entre os antigos celtas do lugarejo de Winterborne Kingston, metade das pessoas carrega um único tipo de mtDNA muito específico. Trata-se do haplogrupo U5b1, bastante raro —apenas 3 em cada 100 mil pessoas analisadas hoje o carregam, e é a primeira vez que ele aparece em contextos arqueológicos.

Ao mesmo tempo, porém, a diversidade do cromossomo Y no mesmo local é alta, o que indica a presença de homens descendentes de famílias bem diferentes entre si. E o resto do genoma dos antigos moradores também não mostra sinais de casamentos entre parentes. Essas peças juntas sugerem que se tratava de uma população em que muitas gerações de mulheres aparentadas ficavam no lugar, mas sempre se casavam com homens de fora.

Não parece se tratar de um caso único. A equipe fez um pente-fino em dados genômicos já publicados sobre outros sítios arqueológicos da Europa (156). Resultado: os 11 casos que mais destoam do padrão patrilocal são todos britânicos e correspondem à Idade do Ferro, mesmo período de Winterborne Kingston (com exceção de um, mais antigo, da Idade do Bronze).

A grande questão, claro, é saber como e por que a prática da matrilocalidade se desenvolveu entre os celtas britânicos.

Um estudo recente com grupos celtas do continente, no sudoeste da atual Alemanha, mostrou sinais de relações dinásticas entre nobres pelo lado materno. Já relatos de Júlio César, general e político romano que tentou conquistar os territórios britânicos no século 1º a.C., menciona o fato de que mulheres da região podiam ter mais de um marido, e outros textos da época do Império Romano falam de rainhas poderosas entre os bretões.

Maneiras de perder os olhos no escuro

Planária alterou células-tronco de estruturas oculares para vida em caverna

Reinaldo José Lopes

Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Era uma vez uma planária. Se você passou batido pela existência de tão intrigantes criaturas nas aulas de ciência, só posso lamentar. Afinal, não é todo dia que se encontra um vermezinho de corpo achatado capaz de regenerar praticamente qualquer órgão, por mais ferido que esteja, ou mesmo o corpo inteiro a partir de pedaços cortados. Um texto do começo do século 19 as descreve como "imortais diante do fio de uma faca". Wolverine, morra de inveja.

Mas a espécie de planária de que fala a nossa história, sem deixar de lado seus superpoderes regenerativos, acabou indo parar nas entranhas da terra. Para ser mais exato, mudou-se de mala e cuia para a caverna conhecida como Buraco do Bicho, na região sul-mato-grossense do planalto de Bodoquena. O animalzinho é endêmico dessa caverna —ou seja, até onde sabemos, só existe ali.

Cavernas, como talvez o leitor imagine, são ambientes um bocado específicos. Por causa disso, aconteceu à *Girardia multidiverticulata*, como a espécie é designada oficialmente, algo que também vale para muitas outras espécies cavernícolas, como peixes, crustáceos e insetos: seus olhos começaram a sumir. Produzir estruturas oculares pode ter certo custo para o organismo e, nas trevas, elas tendem a ser menos úteis com o passar das gerações. Com isso, indivíduos de olhos menos eficazes talvez se saiam melhor diante do crivo da seleção natural.

Produzir estruturas oculares pode ter certo custo para o organismo e, nas trevas, elas tendem a ser menos úteis com o passar das gerações. Com isso, indivíduos de olhos menos eficazes talvez se saiam melhor

O caso dela, porém, é menos extremo do que o de alguns outros habitantes de buracos rochosos. Experimentos feitos por uma equipe do Departamento de Zoologia da USP, liderados por Luiza Saad e Federico Brown, mostraram que o bicho "enxerga".

Ou, pelo menos, ainda mantém a capacidade de distinguir entre ambientes mais claros e mais escuros (e preferir esses últimos) . No caso da *G. multidiverticulata*, os olhos bastante simples vistos em outras espécies do grupo encolheram ainda mais, mas ainda estão presentes. E, curiosamente, em dois "morfotipos", ou variantes. Em certos indivíduos, é possível enxergar com clareza os olhos rudimentares com microscópios comuns; em outros, eles são praticamente invisíveis (mas as células para detecção de luz estão lá).

Em artigo publicado na revista Nature Communications, a equipe da USP deu passos importantes para entender como uma espécie adentra o caminho da perda evolutiva de olhos. Pelo que se sabe de outros troglóbios (animais de cavernas), cada caso é um caso, e as planárias de Mato Grosso do Sul têm sua própria história.

Brown explica que a grande questão são as células-tronco. Ou seja, as células com capacidade de dar origem aos diversos tecidos do organismo, justamente as responsáveis pelos superpoderes das planárias.

Acontece que, feito alguém usando um aplicativo de trânsito, as células-tronco podem seguir "rotas" diferentes, virando um ou outro tipo de célula. Na espécie, menos células-tronco tomam a "rota" que dá origem às células oculares. Resultado: olhos rudimentares. O detalhe, aliás, faz com que as planárias sejam um excelente modelo para estudar esses processos de desenvolvimento, tão cruciais para todos os seres vivos. E são um vislumbre da riqueza do que ainda se pode descobrir em ambientes tão frágeis e ameaçados quanto as cavernas.

DOM. Reinaldo José Lopes | **SEG. Marcelo Leite, Mensageiro Sideral**
TER. Alvaro Machado Dias | QUA. Marcelo Viana
SEX. Suzana Herculano-Houzel | SÁB. Marcia Castro



O Palmeiras agora tem a empresa Sportingbet como sua maior patrocinadora Fabio Menotti - 13.jan.25/Palmeiras/by Canon

Bets inflacionam mercado de patrocinadores esportivos, e clubes se veem dependentes

Primeira divisão do Campeonato Brasileiro deverá ter 18 dos 20 times com sites de apostas no espaço mais nobre do uniforme

Luciano Trindade

SÃO PAULO Nos últimos anos, a frase "o clube fechou o maior patrocínio de sua história" virou motivo de orgulho entre dirigentes brasileiros. Por trás desse fenômeno, os sites de apostas esportivas passaram a dominar o mercado, sobretudo nos espaços nobres das camisas, inflacionando contratos e criando uma relação de dependência financeira.

Atualmente, 16 dos 20 clube que vão disputar a Série A do Campeonato Brasileiro em 2025 têm uma casa de apostas como seu maior parceiro. Essa presença deverá aumentar em breve e alcançar 90% das equipes, uma vez que Grêmio e Internacional negociam com empresas do setor—até dezembro de 2024, a dupla gaúcha mantinha vínculo com o banco Banrisul.

Só Bragantino (Red Bull) e Mirassol (Guaraná Poty) continuarão com outra empresa como principal patrocinadora. O dado reforça uma tendência no Brasil. De 2023 para 2024, saltou de 11 para 14 o número de equipes que estampam casas de apostas no centro dos seus uniformes.

Neste ano, o Palmeiras deixou de ser uma das raras exceções do futebol brasileiro. Depois de dez temporadas, o clube encerrou a parceria com a Crefisa e fechou com a Sportingbet. O acordo, de três anos, renderá R$ 100 milhões fixos por temporada, corrigidos pela inflação, e o número pode subir para R$ 170 milhões com bônus por metas atingidas.

O valor fixo representa um aumento de 23% em relação aos R$ 81 milhões fixos que pagava a empresa de crédito —da qual a presidente da agremiação alviverde, Leila Pereira, é dona.

No discurso em que apresentou o novo parceiro, a dirigente elogiou sua "credibilidade e capacidade econômica". Esse segundo aspecto citado por ela é o que faz dos sites de apostas esportivas o tipo de parceiro mais buscado.

"Quanto mais disputado é um segmento, mais concorrência pelos principais clubes, e por consequência, maiores preços", afirmou Ivan Martinho, professor de marketing esportivo da ESPM.

No histórico recente, nenhum outro segmento entrou no futebol com o mesmo apetite. As bets dominam com folga o ranking dos maiores patrocínios do futebol brasileiro. Entre os dez primeiros dessa lista, todos os acordos são de ao menos R$ 42 milhões anuais.

No pódio, estão Flamengo (R$ 105 milhões, Pixbet), Corinthians (R$ 103 milhões, Esportes da Sorte) e Palmeiras (R$ 100 milhões, Sportingbet).

Ainda considerando os dez maiores patrocínios, nove times tiveram aumentos exponenciais com o último contrato que firmaram, com destaque para o Santos. A exceção é o Corinthians, que trocou uma bet por outra em meio a uma investigação policial.

Para calcular a variação nos patrocínios de cada equipe, a reportagem corrigiu os valores de acordo com a inflação do período.

Para o advogado José Francisco Manssur, que participou da elaboração das regras para o setor de apostas como assessor especial no Ministério da Fazenda, mesmo que o cenário atual indique uma dependência dos clubes, há o que se celebrar. "Quando a gente encontra um segmento privado com alto poder de investimento, disposto a entender que o esporte é uma ótima ferramenta para atingir o seu público [...], temos que considerar isso como uma externalidade positiva".

Os 10 maiores patrocínios do futebol brasileiro

Clube	Patrocinador atual	Valor atual (Em R$ milhões ao ano)	Patrocinador anterior	Valor anterior (Em R$ milhões ao ano)	Diferença (Em %)
Flamengo	Pixbet	105	BRB	45	133,33
Corinthians	Esportes da Sorte	103	VaideBet	120	-14,17
Palmeiras	Sportingbet	100	Crefisa	81	23,46
Vasco	Betfair	70	Pixbet	22	218,18
Atlético-MG	H2bet	60	Betano	18	233,33
Botafogo	VBet	55	Parimatch	27	103,70
Santos	Blaze	55	Pixbet	12	358,33
São Paulo	SuperBet	52	Sportsbet.io	25	108
Fluminense	SuperBet	42	Betano	17	147,06
Cruzeiro	Betfair	42	Betfair	25	68

Vargas Llosa, a música e o futebol

Peruano prêmio Nobel de Literatura escreve seu derradeiro livro de ficção

Juca Kfouri
Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Prêmio Nobel de Literatura em 2010, o peruano Mario Vargas Llosa, aos 88 anos, anunciou que seu último livro, "Dedico a Você Meu Silêncio", é o derradeiro romance de sua lavra, embora ainda queira publicar um ensaio sobre o filósofo francês Jean-Paul Sartre, mestre dele na juventude.

Lançada pela Alfaguara em novembro último, a obra está longe de poder ser comparada ao que escreveu para ganhar o Nobel. Nela, contudo, apresenta a interessante tese de que a música pode ser instrumento para unificar um país, no caso, a valsa peruana.

Apaixonado por futebol, cita duas vezes Héctor Chumpitaz, tido como melhor zagueiro da história do futebol peruano, mas confere à música, não à bola, o maior potencial de união.

Llosa foi entusiasta de Fidel Castro e o trocou por Alberto Fujimori, em impressionante metamorfose de um extremo ao outro, razão pela qual decepcionou antigos leitores e não ganhou novos, pois os fascistas, em regra, têm ojeriza à cultura.

Conheci Llosa na tribuna de imprensa do estádio Ramón Sánchez Pizjuán, em Sevilha, na Copa do Mundo de 1982, apresentado por Alberto Dines, que com ele havia sido professor-visitante na Universidade de Columbia, em Nova York. Llosa cobria o Mundial pelo jornal espanhol ABC, e Dines, pela revista Playboy, e foi o grande jornalista brasileiro quem abriu sua magistral reportagem com citação ao poeta peninsular Federico García Lorca para se referir à abertura da Copa: "A las cinco de la tarde. Eran las cinco en punto de la tarde".

Deixar de ler Llosa, autor de preciosidades como 'Conversa na Catedral' e 'Tia Julia e o Escrevinhador', por motivos ideológicos equivale a fazer o mesmo com Nelson Rodrigues, bobagem

De volta a Llosa, autor de preciosidades como "Conversa no Catedral", deixar de lê-lo por motivos ideológicos equivale a fazer o mesmo com Nelson Rodrigues, bobagem.

Independentemente de não chegar perto de seus melhores livros, "Dedico a Você Meu Silêncio", vale, a começar pelo título, pela ousadia da tese sobre o poder unificador da música, apesar de ele ver qualidades eróticas na valsa peruana que não identifica nem no tango, nem no samba, no que incorre em pecado chauvinista.

Em tempos de polarização, nos quais houve energúmenos capazes de torcer contra Fernanda Torres no Globo de Ouro, talvez só mesmo o futebol, em Copas do Mundo, seja capaz de unir uma nação. E olhe lá, porque há controvérsias.

Férias em série

"Meu Querido Zelador", "Nada" e "O Museu" são notáveis séries argentinas que estão na Disney dirigidas pela dupla Gastón Duprat e Mariano Cohn.

Além delas, as férias deram tempo para ver "A Caçada", com Al Pacino, no Prime Video.

E o belíssimo "O Trem Italiano da Felicidade", na Netflix, baseado em fatos reais na Itália do pós-guerra.

Se a rara leitora e o raro leitor quiserem se divertir ainda mais, procurem o "El Clásico" que decidiu a Supercopa da Espanha, em 5 a 2 sensacional do Barcelona sobre o Real Madrid, na noite em que Raphinha pôs Vinicius Junior, Mbappé e Bellingham no bolso.

Se vira moda

Gisele Bündchen está sendo processada por ter feito propaganda para instituição financeira que causou prejuízo aos investidores. É polêmico, mas, se a moda pegar nas famílias destruídas pelas bets, haverá febre alta no mundo dos que as anunciam.

DOM. Tostão, Juca Kfouri SEG. Juca Kfouri
TER. Sandro Macedo QUA. Tostão QUI. Juca Kfouri
SEX. No Corre/O Mundo é uma Bola SAB. Marina Izidro

ESPORTE AO VIVO Campeonato Paulista
18h30 Corinthians x Velo Clube, Record, CazéTV, UOL Play, Nosso Futebol, Zapping

Dorival tem de ficar atento às suas escolhas

Jogadores atuam em posições diferentes em seus clubes e na seleção brasileira

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Vários jogadores brasileiros que são destaques na Europa atuam nos seus clubes em posições e funções diferentes das que executam na seleção.

No Barcelona, Raphinha brilha atuando como um atacante pela esquerda que se desloca com frequência para o centro formando dupla com o centroavante. Assim faz e dá muitos passes para gols. Na seleção, ele é um meia centralizado entre o meio-campo e o ataque.

O Barcelona, com um trio de excelentes meio-campistas, goleou novamente o Real Madrid. Os três marcam, trocam passes e se aproximam dos três do ataque (Raphinha, Lewandowski e Lamine Yamal). O time de Madri, com apenas dois jogadores no meio-campo e quatro no ataque, foi envolvido com facilidade.

Contra equipes claramente inferiores, como o Celta, o Real funciona bem com apenas dois no meio e quatro atacantes. A mesma situação vive a seleção brasileira. Os dois belos gols feitos por Endrick contra o Celta reacendem a esperança de que ele possa ser o centroavante tão esperado na seleção na próxima Copa.

Bruno Guimarães brilha no Newcastle jogando de uma intermediária à outra. A equipe inglesa joga com um meio-campista centralizado e mais um de cada lado, os brasileiros Bruno e Joelinton, que marcam, constroem e avançam. São volantes e meias, como deve ser no futebol moderno. Na seleção, Bruno é um volante recuado, próximo de Gerson e dos defensores e bastante distante dos quatro da frente.

Não dá mais para dividir o meio-campo com um primeiro volante (camisa 5), um segundo volante (camisa 8) e um meia de ligação (camisa 10), como ainda é o habitual no futebol brasileiro.

> **Paquetá, como já tinha feito outras vezes, atuou muito bem no último jogo pelo Aston Villa na posição de centroavante, com seus toques finos e inteligentes. Poderia ser uma opção para a seleção**

Nos times que jogam com apenas dois no meio-campo, é essencial a recomposição dos atacantes pelos lados para ajudar na marcação. É muito melhor para a seleção brasileira ter um terceiro meio-campista do que exigir o recuo de Vinicius Junior pela esquerda. Em vez de recuar, ele precisa estar na frente para os contra-ataques.

Paquetá, como já tinha feito outras vezes, atuou muito bem no último jogo pelo Aston Villa na posição de centroavante. Ele, com seus toques finos e inteligentes, facilitava as jogadas coletivas do ataque. Poderia ser uma opção para a seleção, que carece de um excelente centroavante. Atuei nesta função atuei pela seleção na Copa de 70, entre Pelé e Jairzinho. No Cruzeiro, eu era um meia-atacante.

Savinho, convocado para a ponta direita na seleção, tem jogado de maneira melhor pela esquerda no Manchester City. Ele e Raphinha são bons pelos dois lados. Isso não significa que Dorival Júnior tenha que escalar sempre os jogadores nas mesmas posições em que brilham em seus clubes. Porém ele tem de ficar atento às suas escolhas.

Enquanto os campeonatos europeus vivem momentos decisivos, começam no Brasil as várias competições. O calendário continua péssimo e desumano, com excesso de jogos. Os jogadores, em vez de treinar pelo menos umas duas semanas após as férias de 30 dias, treinam jogando pelos estaduais e nos amistosos nos Estados Unidos. Neste ano o calendário será ainda pior por causa do Mundial de clubes no meio do ano, além dos jogos classificatórios da seleção para a Copa do Mundo.

A desorganização e a incompetência no futebol brasileiro são pragas que assolam o país.



O surfista carioca Phil Rajzman, livre do linfoma não Hodgkin, pega onda em Búzios, onde costuma ficar durante metade do ano Divulgação

Tri mundial supera câncer e volta a competir no surfe

Phil Rajzman afirma que histórico de atleta e resiliência mental durante o tratamento foram importantes para a recuperação

Lucas Bombana

SÃO PAULO Tricampeão mundial de surfe na modalidade longboard, o carioca Phil Rajzman, 42, passava o Natal de 2023 com familiares e amigos no Havaí quando percebeu que havia algo de errado com seu corpo.

Convivendo já havia algumas semanas com um incômodo na região da costela quando se deitava sobre a prancha para remar no mar em direção às ondas, o surfista pensou inicialmente que poderia se tratar de gastrite.

Na ceia natalina, no entanto, ao comer um pouco além do habitual, sentiu-se mal, vomitou e percebeu que a situação poderia ser mais grave. Após consultas com médicos no Havaí e no Brasil, teve o diagnóstico de linfoma não Hodgkin, um tipo de câncer que afeta o sistema linfático.

Logo em seguida vieram as pesadas sessões de quimioterapia que o deixaram bastante debilitado. Em meados de junho de 2024, Phil se preparava para um transplante de medula.

Após uma bateria de exames pré-operatórios, para surpresa dos médicos, os resultados apontaram que o paciente estava curado, sem mais a necessidade do transplante. "Eu penso que foi um milagre", afirmou Phil, emocionado, à **Folha**. "Foi a maior vitória da minha vida."

Ele acredita que seu histórico como atleta de elite por mais de duas décadas tenha sido importante na recuperação. Segundo o surfista, além do preparo físico, o aspecto mental e a resiliência para se manter focado em busca de um objetivo, mesmo em uma circunstância difícil como o combate a um câncer, foram decisivos.

"Você manter-se ativo, continuar se alimentando, dormindo o período que tem que dormir, acordando, levantando, saindo da cama, alimentando-se bem, mantendo a cabeça boa... Acho que o esporte, a cabeça de atleta, fez toda a diferença", afirmou Phil. Ele usou canabidiol, que considerou importante para a manutenção do apetite e o necessário descanso à noite.

"O tratamento é doloroso, horrível. Mas eu tinha a opção de ficar pensando nesses problemas e a opção de focar o objetivo final. Você ter uma família, amigos, um esporte que ama, são coisas que motivam a estar vivo."

Quando ainda enfrentava a doença, Rajzman precisou voltar ao Havaí, onde reside por seis meses ao ano, para resolver pendências burocráticas. Na ocasião, ao aterrissar na ilha, percebeu que as ondas estavam perfeitas para a prática do surfe e, mesmo longe de suas melhores condições, pegou a prancha e foi ao mar.

"Tive aquela sensação de novo de estar dentro do tubo, de pegar uma onda grande. Aquilo me fez reviver essa sensação de bem-estar. No meio do processo todo, eu voltei a me sentir pleno, feliz, encantado com a natureza e falei: 'Cara, isso é Deus, estou conectado com Deus, é uma mensagem me dizendo que vou ficar bem, vou viver isso mais vezes na minha vida'", recordou.

No fim de outubro, recuperado, ele já estava de volta às competições. No Tunel Crew Shootout 2024, em Niterói. Dois meses depois, de volta ao Havaí, subiu ao lugar mais alto do pódio na tradicional competição Hale'Iwa International Open, uma das poucas que ainda não havia conquistado na carreira.



Bia Haddad perde para russa e é eliminada no Australian Open

A brasileira Bia Haddad foi eliminada na 3ª rodada do torneio na madrugada deste sábado (18). Ela perdeu da russa Veronika Kudermetova, por 2 sets a 0 (6/4 e 6/2), em quase duas horas de jogo Tingshu Wang/Reuters

Eufrázio



Bombeiros aplicam produto para retardar fogo em Los Angeles, que vive onda de incêndios

Cidade emitiu alerta extremo na terça-feira (14) devido a condições meteorológicas que poderiam agravar a situação causada pelas queimadas na região; mais de 82 mil moradores seguem sob ordens de retirada em razão do desastre, que havia matado 27 pessoas até sexta (17) Ringo Chiu/Reuters

DICAS DO EDITOR

Sérgio Dávila
Diretor de Redação

Debate de norma para transações via Pix marca semana

Noticiário repercute a crise no governo e a suspensão da regra anunciada pela Receita Federal, que ampliaria fiscalização sobre transações digitais; veja dicas na newsletter



Acesse o QR Code para se inscrever e ler as reportagens

2ª

Emendas avançam e consomem até 74% da verba dos ministérios

O aumento expressivo da verba destinada às emendas parlamentares levou deputados e senadores a indicarem até três quartos do orçamento de determinados ministérios do governo Lula (PT) em 2024. A maior proporção (74%) é a registrada no Ministério do Esporte. A pasta teve R$ 1,3 bilhão direcionado pelo Congresso.
Destaco também reportagem sobre Bolsa Família. Emprego, ainda que formal, não garante saída de beneficiários. No Brasil, mais de 10 milhões que trabalham estão no programa e se encontram em situação de pobreza ou extrema pobreza.
Flavia Lima
secretária-assistente de Redação

3ª

Meta abranda tom e diz ao governo que mudanças visam reduzir exageros

A Meta enviou resposta à notificação do governo Lula (PT) em tom mais brando que o utilizado por seu CEO, Mark Zuckerberg, para falar das mudanças de sua política de moderação. A empresa não usa o termo "censura" e diz que, no momento, encerrará programa de checagem apenas nos Estados Unidos.
Destaco também texto da jornalista Bárbara Blum sobre famílias brasileiras e conversas sobre sexo. Núcleos domésticos falam pouco e espaço pode não ser o melhor para debater prazer. **FL**

4ª

Governo federal prepara campanha às pressas para negar taxação do Pix

De Brasília, a repórter Catia Seabra relata a corrida do governo Lula para negar taxação do Pix. O novo ministro da Secretaria de Comunicação da Presidência, Sidônio Palmeira, deu prazo de menos de 24 horas às agências para apresentação de campanhas que desmintam a afirmação falsa de que haverá imposto na modalidade de pagamento.
Recomendo também texto sobre espalhamento de cracolâncias pela periferia de São Paulo. Os moradores das zonas leste e norte da cidade notaram aumento da presença de dependentes químicos nas regiões. **FL**

5ª

Lula vê sucessão de erros e derrota para oposição em norma sobre Pix

Uma sucessão de erros e uma derrota para a oposição. Assim foi a avaliação do presidente Lula em relação ao debate sobre a fiscalização do Pix, que culminou com recuo do governo, relatam as repórteres Catia Seabra e Marianna Holanda.
Destaco também texto que explica como é o processo para "vender a íris". O projeto de Sam Altman, do ChatGPT, usa a biometria ocular para gerar uma identidade digital e oferece mais de R$ 300 pelo cadastro.
Livia Marra
secretária-assistente de Redação

6ª

Equipe econômica vê pouco espaço político para nova revisão de gastos

A piora nas contas públicas para os próximos anos acendeu o alerta dentro da equipe de Fernando Haddad (Fazenda) para a necessidade de tentar reverter expectativas negativas. Auxiliares do ministro afirmam que há chances reais de o país alcançar novamente um superávit, o que pode ser insuficiente para estabilizar a dívida, tratada como "o grande X da questão".
Destaco também reportagem sobre a proibição do corante vermelho n.3 (a eritrosina) nos EUA, que repercute no Brasil. A Anvisa diz que vai estudar as referências científicas usadas para barrar o aditivo e, possivelmente, reavaliar a permissão da substância no país. **LM**

FRASES DA SEMANA

Não temos que ter medo de enfrentar mentira, não temos que ter nenhuma preocupação de enfrentar pessoas travestidas de políticos que na verdade tentaram dar golpe neste país em 8 de janeiro

Lula
presidente, na quinta (16), sobre onda de fake news envolvendo norma da Receita sobre Pix

Me sinto como uma criança outra vez com o convite de Trump. Estou entusiasmado. Já nem tomo viagra mais

Jair Bolsonaro
ex-presidente, na quinta (16), em entrevista ao NYT sobre convite para ir à posse de Trump

O cenário que fundamentou a imposição de proibição de se ausentar do país, com entrega de passaportes, continua a indicar a possibilidade de tentativa de evasão do indiciado Jair Messias Bolsonaro para se furtar à aplicação da lei penal

Alexandre de Moraes
ministro do STF, na quinta (16), em decisão que nega devolução de passaporte de Bolsonaro

A capacidade de liderança americana está gravemente enfraquecida. Existe, portanto, um vácuo hegemônico, ou pelo menos uma incerteza. Enquanto isso, a Europa está completamente paralisada

Nancy Fraser
filósofa, na segunda (13), sobre política dos EUA e da Europa

Eufrázio

FOLHA DE S.PAULO ★★★
DOMINGO, 19 DE JANEIRO DE 2025 B1

ilustrada

ilustríssima

Admirável mundo novo

- Hollywood se curva a Donald Trump para frear regulações da inteligência artificial e das plataformas de streaming B4

- Ninguém ouve ninguém neste caos polarizado que amplifica os nossos abismos cognitivos, escreve Hermano Vianna B8

Ilustração
Silvis

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br



Filhotes de goldendoodle no colo de Gabriel Belli, empresário mineiro dono de The Dog Taylor Fotos Rafaela Araújo/Folhapress

Gabriel Belli

Dedico minha vida a trazer mais fofura para o mundo

Em fazenda paulista, dono da Dog Taylor cria raças híbridas sob medida para seus clientes

Por **Teté Ribeiro**

Gabriel Belli poderia viver sem trabalhar, se quisesse, só com a renda das terras que herdou de seu avô. Mas, três anos atrás, comprou nos Estados Unidos uma cachorra da raça pomsky, a Luna, mistura de lulu-da-pomerânia com husky siberiano, e se apaixonou de tal forma que decidiu mudar sua vida e criar cães das raças híbridas mais fofas e doces do mundo.

*

O nome que ele deu para o seu negócio é The Dog Taylor, que poderia ser traduzido como Cachorro Sob Medida. Ou seja, um criador de cães pensando no freguês, produzidos para que sejam perfeitos para as vontades e necessidades dos seus donos. Muita ousadia, não?

*

"Não existe o melhor cachorro do mundo, mas existe o melhor para cada pessoa ou para cada família, aquele que se encaixa perfeitamente com seu temperamento, espaço e estilo de vida", afirma Gabriel. "E as raças híbridas estão se mostrando as mais carinhosas, mansas, leais e, melhor de tudo, antialérgicas."

*

Isso porque o cruzamento com os poodles, que têm um tipo de pelo que não cai com facilidade nem provoca alergias, passa para os descendentes, mesmo que sejam de outras raças.

*

"Minha história começou quando eu comprei a Luna, uma pomsky, três anos atrás. Ela me transformou, virou o centro da minha vida, minha melhor companhia", diz ele, que tem 41 anos, e hoje em dia se divide entre um apartamento em São Paulo e uma fazenda entre Itu e Salto, onde montou o seu canil.

*

Depois veio a Cora, uma goldendoodle que Gabriel também trouxe dos Estados Unidos, mas de Ohio. Esse estado americano virou o centro das raças híbridas, uma onda que começou em 1989, quando um australiano misturou um labrador com um poodle. A ideia era produzir um filhote que pudesse ser o guia de uma mulher cega que era alérgica a cachorros. Deu certo. E, desde então, a moda dos híbridos ganhou o mundo.

*

"Nos Estados Unidos tem um goldendoodle em cada esquina, é impressionante", diz Gabriel, que também cria essa mistura de golden retriever com poodle, além de cavapoos —mix de cavalier king charles spaniel e poodle— e maltipoos —resultado do cruzamento de maltês e poodle toy.

*

Cada uma das raças híbridas têm suas vantagens. "Os mais populares, de longe, são os goldendoodles, que, além de serem ultra-amorosos, antialérgicos e lindos demais, são mansos, se dão bem com outros animais, amam crianças e têm uma inteligência acima do normal. Vieram ao mundo a passeio, sabe?"

*

"Os cavapoos parecem um ursinho de pelúcia, têm uma pelagem ultramacia e são afetuosos, comportados e de porte pequeno, medem entre 30 a 35 centímetros e pesam entre cinco e nove quilos. São calminhos, muito amorosos", explica.

*

"Já os maltipoos são ainda mais pequenininhos e igualmente dóceis e charmosos, além de muito discretos. E não só por serem tão mínimos, não passam dos quatro quilos quando adultos. Eles se adaptam superbem em espaços pequenos e à rotina de seus tutores", diz Gabriel.

*

E tem os pomskies, como a Luna, "muito leais, inteligentes, curiosos e supercorajosos. Estão sempre dispostos, têm muita energia e vivem de bom humor. Amam aventura, adoram nadar, correr e explorar a natureza", conta. "Eles dão muito amor aos donos, mas também exigem atenção e dedicação." Ou seja, esse é para os donos mais aventureiros...

*

Tantas qualidades vêm com um preço salgado. Os mais caros custam mais de R$ 10 mil, e os mais baratos, não menos que R$ 8.000. Não é para todo mundo. É um artigo de luxo. "Mas a demanda é uma loucura, eu não dou conta. Já teve briga de cliente aqui por causa de um filhote", conta.

Continua na pág. B3

Continuação da pág. B2

Novidades sempre geram amor e ódio, e Gabriel conta que tem muitos haters nas redes sociais. "Os mais violentos são os defensores das raças puras. Eles dizem que os híbridos são 'vira-lata gourmet', ou xingam de SRD (sigla para sem raça definida), 'vira-lata de rico'. Eu fico só observando, não falo nada, não respondo nunca, Deus me livre."

☆

Tem também os militantes da adoção, que dizem que "amigo não se compra". "Eu sou super a favor da adoção, mas não sou radical a ponto de achar que só se pode adotar. Poxa, a vida é tão dura, que que tem uma pessoa querer um goldendoodle? Isso não faz de ninguém uma pessoa pior, né?", questiona.

☆

O canil de Gabriel começou num dos condomínios mais chiques e caros dos arredores de São Paulo, a Fazenda Boa Vista, no município de Porto Feliz, onde só gente com dinheiro sobrando frequenta. O lugar tem um Hotel Fasano, campos de golfe, de polo, quadras de tênis, beach tênis e squash, além de piscinas e spa.

☆

Mineiro de Uberaba, Gabriel tirava seu sustento da fazenda, mas morava em São Paulo, com a mulher e três filhos pequenos. Tinha uma casa de fim de semana neste condomínio, e foi lá que começou sua criação. Um dia sua esposa não aguentou mais tanto cachorro e deu um ultimato a ele, que acabou pedindo abrigo na fazenda de um primo, que tinha espaço de sobra.

☆

É lá a sede oficial de The Dog Taylor, para onde acabou se mudando Gabriel. O casamento acabou dois anos atrás, "mas não tem nada a ver com os cachorros, foi um relacionamento que chegou ao fim", explica Gabriel, que compartilha a guarda das crianças com sua ex-mulher.

☆

Hoje, ele costuma passar metade da semana em um apartamento em São Paulo, ao lado dos filhos. No resto do tempo, ele vive na casa rústica, mas muito simpática, que construiu para morar na fazenda dos cães.

☆

"O resto do canil ainda está em obras, estou fazendo um parque para os cachorros, com vários brinquedos, piscina, um lugar delicioso em que todos os bichos poderão passar algumas horas todos os dias", conta. "Sou compulsivo, quando começo uma coisa não paro nunca mais. Já penso em crescer o canil e me mudar para um lugar ainda mais perto de São Paulo."

☆

Os planos de mudança só tem uma constante: ficar rodeado de seus cachorros o maior tempo possível. Não é difícil de entender, certo? No quesito fofura, eles são mesmo quase insuperáveis.







A pomsky Luna 1, que impulsionou a criação de cães híbridos de Gabriel Belli, o sorridente cavapoo 2 e um filhote de maltipoo sendo acariciado pelo empresário 3

Callas encarava a besta ao cantar

Cantora comeu o pão que o diabo amassou com relacionamentos fracassados e declínio vocal

Vinicius Mota

Secretário de Redação da Folha, foi editor de Opinião. É mestre em sociologia pela Universidade de São Paulo

Logo antes de morrer, Maria Callas interpretada por Angelina Jolie entoa os versos de Floria Tosca lamentando-se por ter feito tudo certo na vida e receber em troca o pão que o diabo amassou. A personagem, que dá nome à ópera de Puccini, é ela mesma uma cantora lírica enredada involuntariamente numa trama que vai lhe tirar tudo, inclusive a vida.

O final operístico do filme de Pablo Larraín, em cartaz nos cinemas brasileiros, merece um reparo. A biografia da cantora recomendaria encerrar o enredo ficcional com a cena da loucura de Lucia di Lammermoor, de Donizetti.

A jovem Lúcia entra em surto na noite de seu casamento forçado com o abastado Arturo, esfaqueia o noivo e delira, com o vestido de noiva empapado de sangue, em meio aos convidados para as bodas antes de desabar morta.

Ter revigorado Gaetano Donizetti, Vincenzo Bellini e Gioachino Rossini foi um legado de Maria Callas. Esses compositores de sucesso na primeira metade do século 19 estavam desvalorizados quando a soprano de ascendência grega nascida nos EUA despontou e os resgatou, no final dos anos 1940.

O trio italiano notabilizou-se pela escrita que realça o virtuosismo, a expressividade e a maleabilidade dos intérpretes, na tradição do bel canto. O fenômeno Callas impôs uma exceção ao despojamento que marcou a estética modernista. Os floreios e as ornamentações, característicos do bel canto, vinham sendo eliminados na música, na pintura, na arquitetura e no vestuário.

Seu prodígio foi ter produzido interpretações maravilhosas a partir do entrechoque de vetores conflitantes

A contingência que ensejou essa anomalia foi o encontro de uma adolescente, cuja mãe obcecada por torná-la famosa retornara com as duas filhas para a Grécia, com uma professora avessa a modismos, estacionada em Atenas, a soprano espanhola Elvira de Hidalgo. Enquanto uma intensa rotina de instrução transformava Maria num poderoso instrumento de expressão lírica, as agruras da ocupação ítalo-alemã, e da guerra civil subsequente, e as ordens tirânicas da mãe sujeitaram as irmãs Kalogeropoulo a terríveis provações para garantir segurança e comida.

Como a heroína escocesa de Donizetti, Maria viveu num círculo familiar traiçoeiro. O pai, a irmã e sobretudo a mãe a atormentaram durante toda a vida com achaques e manifestações públicas desabonadoras, e a sina da soprano não mudou no casamento com Battista Meneghini. Como seu empresário durante o apogeu, os anos 1950, ele se revelou um desastre na aplicação dos cachês da prima-dona do Alla Scalla. Exigiu separação e patrimônio, ameaçou-a e difamou-a sem piedade.

Obstáculos sempre foram muitos, mas o mais desafiador se explicitou de vez em Dallas, no final de 1959. Na cena da loucura de Lúcia, Maria não conseguiu entoar o mi bemol da sexta oitava —a voz humana normalmente não atinge alturas muito maiores— pouco antes do colapso da personagem.

A partir daí as apresentações de Maria Callas se tornaram mais escassas, uma sucessão de promessas de espetáculos e gravações seguidas de adiamentos e cancelamentos. As boas interpretações também ficaram mais raras.

O demônio que lhe embaraçava o instrumento, no entanto, era velho conhecido. Revisões de gravações encontraram a instabilidade vocal típica do declínio de Callas já em 1954, quando ela estava no auge. Nos anos 1940 Maria debateu o tema da sustentação da respiração em carta a Hidalgo.

A prejudicar diretamente o controle do diafragma, a cantora teve duas hérnias. No início da carreira, passou por uma abrupta perda de peso, e a lista de incidentes de saúde que a acometeram ao longo da carreira é bastante extensa.

Com o passar do tempo, a força do adversário com que Maria sempre conviveu tornou-se prevalente. Seu prodígio foi ter produzido interpretações maravilhosas, no mais alto nível do ofício, a partir desse entrechoque agônico de vetores conflitantes. Como Lúcia nos seus momentos finais, Maria Callas encarava a besta enquanto cantava sublimemente.



Os homens do presidente

[RESUMO] Diante da crise que castiga Hollywood, com uma queda de 42% nas bilheterias, artistas se calam às vésperas da posse de Donald Trump e executivos se curvam à pauta conservadora do presidente na expectativa de que ele os ajude a enfrentar a regulação da inteligência artificial, o pivô das greves dos atores e dos roteiristas, e a frear as regras que países como o Brasil querem impor aos serviços de streaming para se proteger

Por **Pedro Martins**
Editor-adjunto da Ilustrada

Ilustrações **Silvis**
Designer gráfica e ilustradora

As chamas que consomem Los Angeles se tornaram uma metáfora involuntária para uma ameaça que cerca Hollywood, símbolo máximo da cidade. Com a volta de Donald Trump à Casa Branca, nesta segunda-feira, as maiores estrelas do mundo, que declararam guerra a ele ao apoiar sua adversária Kamala Harris nas urnas, estão na mira do presidente e do Congresso, formado em sua maioria por republicanos conservadores.

Trump já escalou seu time para essa batalha —Jon Voight, Mel Gibson e Sylvester Stallone, que são conhecidos pelos machões que encarnaram nas telonas e estão entre os poucos atores do lado do presidente. "Eles serão meus enviados especiais a esse lugar muito importante, mas muito problemático, que é Hollywood", afirmou Trump, na última quinta. "Serão meus olhos e ouvidos lá, e eu farei o que eles sugerirem."

No entanto, a relação entre a classe artística e o republicano não será como em seu primeiro mandato. Se antes as estrelas respondiam ao que acontecia em Washington com discursos de ataque ao presidente, sobretudo nos palcos de premiações, desta vez elas já sinalizaram que devem ficar caladas.

Prova disso é o Globo de Ouro, que aconteceu no início do mês. Exceto por uma breve piada feita pela apresentadora Nikki Glaser, não houve menção a Trump na cerimônia, diferentemente do que aconteceu há oito anos, quando Meryl Streep fez uma série de críticas à sua primeira vitória nas urnas com um discurso de seis minutos. Aquela, disse a atriz, era uma reunião "dos segmentos mais vilanizados da sociedade americana", "a imprensa e os estrangeiros". No ano retrasado, ainda, a premiação exibiu um discurso do presidente ucraniano, Volodimir Zelenski, sobre a invasão de seu país pela Rússia.

Nos bastidores, o último Globo de Ouro é visto como um indicativo não só de como serão o Oscar e outras premiações, mas da relação dos artistas com a política em geral —mesmo entre aqueles que doaram milhões de dólares aos democratas, participaram de seus comícios e fizeram campanha nas redes.

O receio de fazer provocações a Trump, segundo especialistas ouvidos pela reportagem, é o de agravar a crise que castiga Hollywood desde a pandemia, um cenário diferente de 2016, quando Trump venceu pela primeira vez. Desde então, a bilheteria do cinema acumula uma queda de 42% na sua arrecadação anual pelo mundo. Antes, também não havia uma disputa por atenção tão acirrada entre os cinemas e as plataformas de streaming, enquanto hoje a alta concorrência entre elas próprias faz o vídeo sob demanda ser um negócio que, não raro, dá prejuízo.

Mais próxima do Vale do Silício, Hollywood hoje também está mais dependente do governo para enfrentar desafios como a regulação da inteligência artificial, pivô das greves dos atores e dos roteiristas no ano retrasado, e os mercados estrangeiros, entre eles o do Brasil, que agora representam uma ameaça com os esforços em curso para proteger sua própria produção audiovisual.

Para ter o apoio de Washington, Los Angeles não só precisará evitar ataques ao presidente, mas se alinhar à sua pauta comportamental de viés conservador. Assim, o cinema feito nos Estados Unidos pode ficar mais careta e se fechar a histórias de imigrantes, negros e membros da comunidade LGBT, afirmam pessoas próximas à indústria, em condição de anonimato. Essa visão é amparada por pesquisas de mercado, às quais o New York Times teve acesso, dizendo que o público agora desliga a televisão quando os atores começam a falar de política em premiações.

É um cenário parecido com o que tem acontecido na televisão brasileira desde a ascensão de Jair Bolsonaro, do Partido Liberal, e seu discurso conservador. Se há uma década a TV Globo exibia atrizes do calibre de Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg se beijando na boca logo no primeiro capítulo de uma novela das nove, hoje a emissora vive sob acusações constantes de ter mandado cortar beijos e relacionamentos gays de suas histórias —o que seus executivos negam.

Isso já tem acontecido nos Estados Unidos, a exemplo de trabalhos mesmo de atores que são ativistas, como George Clooney. Seu último filme, "Lobos Solitários", com Brad Pitt, é uma ação sem nenhum matiz político, diferente das histórias que estrelava no passado, como "Boa Noite e Boa Sorte", de duas décadas atrás, que retratava o confronto entre um âncora de telejornal e um senador que caçava comunistas.

Esses atores, que têm tanto poder quanto os próprios estúdios, estão preocupados com a inteligência artificial.

Continua na pág. B5

Continuação da pág. B4

A classe artística saiu vencedora dos piquetes que fizeram no ano retrasado, mas seus acordos vencem no ano que vem, e tudo o que foi conquistado pode ser posto em xeque, com o avanço de ferramentas como o ChatGPT.

Hoje, os estúdios não podem usar inteligência artificial para escrever ou editar roteiros nem para pensar a ideia de uma história. Também é proibido treinar as máquinas com filmes do acervo. Mas essas empresas já têm permissão para reproduzir o corpo e a voz dos atores, dispensando suas diárias de trabalho, caso eles concordem e aceitem a oferta paga pelo uso de sua imagem.

Essa prática já é comum em Hollywood, a exemplo do longa-metragem "Aqui", que acaba de chegar aos cinemas e acompanha a trajetória de várias pessoas que habitaram uma mesma casa em diferentes momentos. Sob a direção de Robert Zemeckis, autor de clássicos como "Forrest Gump", Tom Hanks e Robin Wright passaram por uma plástica virtual e tiveram seus rostos rejuvenescidos em várias décadas.

Enquanto eles atuavam, o diretor já os via rejuvenescidos nas telas do set, graças a uma tecnologia que havia sido treinada, antes das filmagens, com imagens da dupla extraídas de seu acervo, principalmente dos filmes que fizeram quando ainda eram ambos jovens.

Hanks e Wright trabalharam normalmente e ganharam por isso, assim como Zemeckis, que sempre esteve na vanguarda do uso da tecnologia na sétima arte. No entanto, para os funcionários mais vulneráveis da indústria audiovisual, esse filme soou como um presságio do drama que vão enfrentar.

Artistas em início de carreira que teriam sido contratados para interpretar Hanks e Wright em outras fases da vida ficaram sem emprego, assim como tem acontecido com os dublês —eles têm sido substituídos por atores que só existem no computador em cenas como as batalhas da franquia "Game of Thrones", produzidas pela HBO, que já estão gerando suas multidões de guerreiros por meio das novas tecnologias.

Até mesmo os mortos estão em perigo na indústria atual. No estado americano da Califórnia, a regulação da inteligência artificial está mais avançada. Em setembro do ano passado, o governador democrata Gavin Newsom sancionou uma lei que proíbe os estúdios de ressuscitar celebridades já mortas para novos filmes ou séries sem a autorização de sua família. No entanto, mesmo num mundo em que qualquer produção circula com facilidade por todo lado, por causa da internet, essa prática é permitida em outras regiões.

Comum nos Estados Unidos, essa diferença de leis em cada estado mostra o motivo pelo qual as estrelas, mesmo vivendo num oásis democrata, sabem que não estão imunes às investidas da oposição. Existem 120 projetos de leis para definir as regras do uso dessas novas tecnologias. Acontece que, no fim, os que forem aprovados pelo Congresso serão submetidos ao escrutínio de Donald Trump. Suas decisões prevalecem sobre as dos governadores e podem pôr à prova as da Califórnia.

Em geral, os republicanos têm sido contrários à regulação, dizendo que ela pode frear o avanço da tecnologia, essencial para manter a supremacia americana —dois terços dessas iniciativas em Washington, por exemplo, são de autoria dos democratas, segundo levantamentos da faculdade de direito da Universidade de Nova York e do Instituto de Tecnologia de Massachusetts.

É por isso que os donos de big techs, como Mark Zuckerberg, do Facebook e do Instagram, e Elon Musk, do X, têm se alinhado e doado a Trump, assim como Jeff Bezos —dono da Amazon e, portanto, do Prime Video— e de Tim Cook —CEO da Apple, que controla o Apple TV+. Bezos e Cook, aliás, são exemplos de que os executivos da tecnologia mandam cada vez mais no entretenimento. É ela, afinal, que orienta os serviços de streaming, até na concepção das histórias, com algoritmos que analisam o gosto do público e sugerem investimentos mais certeiros.

A impressão é a de que os chefões de Hollywood já previam esse cenário. Exceto pelo presidente da Netflix, Reed Hastings, que apoiou Kamala Harris, eles se mantiveram neutros. Nem Bob Iger, CEO da Disney que apoiou Hillary Clinton e Joe Biden, tomou partido desta vez, depois de a empresa se envolver em uma briga com o governador da Flórida, o republicano Ron DeSantis, que pôs em risco o império de parques temáticos responsável por 36% de sua receita. Tudo por causa de uma crítica à lei que ficou conhecida como "Don't Say Gay", ou não diga gay, que restringiu o debate da sexualidade nas escolas.

Os executivos da Califórnia sabem que Trump pode prejudicar os negócios. Mesmo que seu discurso seja em prol da economia, o presidente atacou empresas que via como ameaça. Foi o caso da Time Warner, que o republicano tentou impedir de se juntar à operadora telefônica AT&T. As fusões, que são comuns em Hollywood e podem voltar a acontecer, com a união da Warner com a Paramount, precisam ser autorizadas pelo governo federal, já que podem ameaçar a livre concorrência.

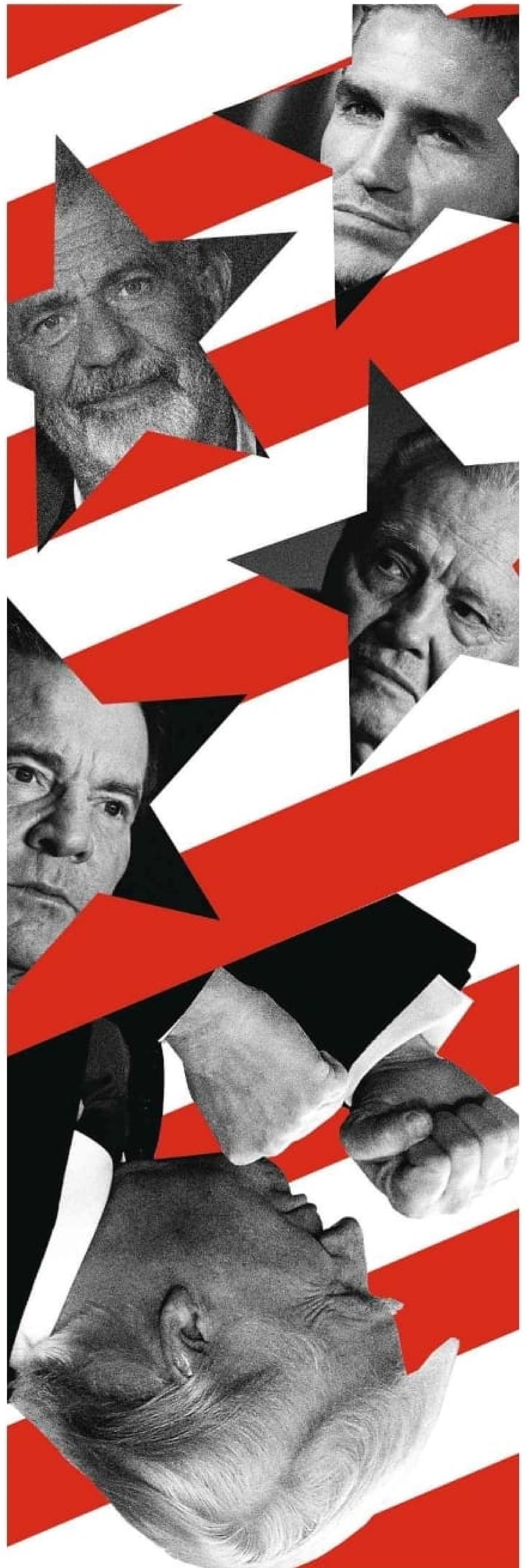
Os engravatados não estão sozinhos em seu alinhamento com Trump. A parceria com John Voight, Mel Gibson e Sylvester Stallone mostra que o presidente, que fez fama como apresentador, tem aliados mais fortes na indústria audiovisual do que em outras áreas do showbusiness, como a música. Tudo o que ele conseguiu para cantar na sua posse foi a série B —o grupo Village People, preso ao sucesso que fez há quase cinco décadas, e a cantora country Carrie Underwood, que não figura nem entre as 50 estrelas mais famosas do gênero, segundo o ranking da Billboard, revista especializada em música.

Mas essas não são as únicas ligações de Los Angeles com Washington. A indústria é de fato autossuficiente em termos comerciais e não depende do governo para bancar a produção de filmes e séries, diferentemente do Brasil. Os políticos, no entanto, já usaram o cinema para imprimir a inimigos como a China e a Rússia, por exemplo, a pecha de expansionistas desequilibrados. Eles sabem que suas histórias podem aumentar a influência americana pelo mundo, com o chamado "soft power", algo que virou obsessão também de países como a Coreia do Sul nos últimos anos, com o k-pop e os k-dramas, a música pop e as novelas sul-coreanas.

Para levar sua ideologia de consumo adiante e despertar nos estrangeiros o desejo de comprar produtos americanos, o governo, desde a década de 1920, passou a apoiar Hollywood, que se organizou em instituições especializadas em representar o interesse dos estúdios entre os políticos. Hoje, o cinema e a televisão, que figuram entre as dez maiores indústrias do país, geram 544 mil empregos diretos e movimentam US$ 229 bilhões por ano, de acordo com a Motion Pictures Association.

Uma das principais iniciativas do governo americano, aliás, foi ajudar os estúdios a expandir sua presença pelo mundo para atingir esse nível de sucesso.

Continua na pág. B6





Os homens do presidente

Continuação da pág. B5

Essa aproximação de Hollywood com o governo americano foi o que o pesquisador Pedro Butcher, da Universidade Federal Fluminense, estudou para escrever o livro "Hollywood e o Mercado de Cinema no Brasil: Princípios de uma Hegemonia", que ele acaba de lançar.

Butcher conta que embaixadas e consulados coletavam informações sobre economia, política e hábitos de consumo de cada país para repassar aos estúdios. "O apoio sempre foi indireto, mas existe muita proximidade. Gustavo Dahl, o primeiro presidente da Agência Nacional do Cinema, a Ancine, dizia que ameaçar o cinema americano é o mesmo que declarar guerra aos Estados Unidos. Sempre vem um chumbo grosso", diz Butcher. "É o que chamamos de Estado promocional. Não interfere na economia, mas fornece informações preciosas e investe numa infraestrutura que beneficia as empresas."

O Brasil, que hoje ocupa a 12ª posição no ranking dos maiores mercados de cinema do mundo, tem preocupado os americanos, com a nova cota de tela, que obriga os cinemas a reservarem até 16% de suas sessões para filmes brasileiros, e a regulação do streaming.

A proposta impõe às plataformas que no mínimo 5% de seus catálogos sejam formados por obras brasileiras e estabelece que 3% de sua receita bruta anual seja revertida ao financiamento da produção do audiovisual nacional.

As exigências do Brasil são pequenas se comparadas às da Europa, onde 30% do conteúdo precisa ser produzido no continente, ou às de países como a França, que obriga os serviços a investirem um quarto de sua receita em produção local. Mas elas ainda desagradaram os executivos americanos, que têm expectativa de que, com sua política de soberania no comércio exterior, Donald Trump seja um aliado na busca por uma regulação mais branda, segundo duas especialistas em política externa que trabalham com os estúdios e preferem não ser identificadas.

A preocupação com o streaming é maior do que com o cinema porque o Brasil ocupa a sexta posição no ranking de consumo audiovisual doméstico.

Continua na pág. B7

Para ter o apoio de Washington, Hollywood não só precisará evitar ataques ao presidente, mas se alinhar à sua pauta comportamental conservadora. Assim, o cinema pode ficar careta e se fechar a histórias de imigrantes, negros e LGBTs, dizem pessoas próximas a essa indústria



Continuação da pág. B6

Os dados são da Omdia, empresa britânica referência em pesquisa de mercado de mídia e tecnologia. Muitas plataformas, aliás, têm no país a sua maior base de assinantes na América Latina, a exemplo da Netflix, a maior delas.

A expectativa de ter Donald Trump como aliado também se estende a mercados como a China, que, embora seja totalmente fechada às plataformas de streaming, compõe a maior bilheteria do cinema fora dos Estados Unidos e tenta, ano após ano, ter produções próprias no topo das bilheterias de suas salas, rivalizando com as americanas.

A Suprema Corte em Washington também já tem se mostrado aliada das big techs nas disputas comerciais contra o país asiático. A proibição iminente do TikTok nos Estados Unidos, caso a empresa chinesa ByteDance não venda a plataforma até este domingo, é um exemplo disso. O embargo, se por um lado pode prejudicar parte do showbusiness, principalmente a indústria da música, que tem nos vídeos curtos da rede a sua maior máquina de propaganda, por outro pode sinalizar que um apoio do Judiciário a Hollywood não é tão difícil.

Política à parte, se o conservadorismo se impuser sobre as histórias que o alto escalão de Los Angeles agora quer contar, como preveem os especialistas, haverá mais espaço para o cinema independente, sobretudo aquele feito fora do país, de viés contestador.

É o que diz o produtor Rodrigo Teixeira, que vive entre São Paulo e Los Angeles e acumula em sua filmografia "Me Chame pelo seu Nome", de Luca Guadagnino, que venceu um Oscar há seis anos, e "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles. O filme do diretor brasileiro, sobre o assassinato do ex-deputado Rubens Paiva por agentes da ditadura militar, levou Fernanda Torres a ser premiada como melhor atriz dramática no Globo de Ouro no início do mês e ainda pode ser indicado ao Oscar.

Jeff Bezos —dono da Amazon e, portanto, do Prime Video— e Tim Cook —CEO da Apple, que controla o Apple TV+—, apoiaram Donald Trump. Eles são exemplos de que os chefões da tecnologia mandam cada vez mais no entretenimento. É ela que orienta o streaming

"O cinema internacional vai ser mais reconhecido, haja vista as premiações recentes. 'Parasita' e 'Roma', dois ganhadores recentes do Oscar, não são americanos", afirma Teixeira. "Nesta temporada, temos como destaque 'A Substância', que é um projeto de uma diretora francesa, 'Ainda Estou Aqui', que é brasileiro, 'Emilia Pérez', francês, e 'O Brutalista', que foi quase todo filmado na Hungria. Mesmo os americanos estão saindo dos Estados Unidos. Fora de seu país, eles têm muito mais liberdade."



A grande ruptura de Trump

[RESUMO] Autor reflete sobre a complexidade do cenário atual, marcada por polarização, superficialidade e impotência analítica diante da realidade, critica a fragmentação social e a perda de diálogo democrático e sugere que a era digital amplifica abismos cognitivos

Por **Hermano Vianna**

Antropólogo, escreve no blog hermanovianna.wordpress.com



Advertência: este texto não pretende explicar nada. Seu ponto de partida é a certeza de que ninguém entende o que está acontecendo no mundo hoje, que nossas ferramentas analíticas —sobretudo as autodenominadas críticas— perderam o poder de encontrar na (ir)realidade contemporânea qualquer pista para sua explicação ou, pior, interpretação. Nada faz sentido.

É preciso reconhecer essa impotência (contra a moda dos adjetivos potente, robusto, resiliente e companhia).

No lugar da maioria silenciosa de Baudrillard, o planeta ganhou uma maioria tagarela-rede-social, com inteligência emoticon e —spoiler do que vem abaixo— vontade (sem causa profunda nenhuma, tudo é superficial, tudo vibe sem motivação grave) de que o mundo acabe em crise climática apoteótica/apocalíptica cafona/patrocinada como festa de reality show ou em pirueta suicida de administrador de fundo de investimento em comemoração de privatização na Bolsa de Valores de Orlando.

Claro que não existe Bolsa em Orlando, mas não existir hoje é grife niilista indignação-ostentação, bem ao gosto do mercado. Deixe toda a esperança, quem ler o resto, as palavras a seguir. Fim da advertência.

*

Aperte os cintos, a partir desta segunda-feira (20) temos novo governo nos EUA e o piloto é o Donald. A maioria do povo daquele país assim decidiu, mesmo conhecendo bem em quem votou.

Continua na pág. B9

Continuação da pág. B8

Não quero menosprezar a vitória, mas preciso lembrar, em antiquado respeito aos fatos: não foi uma maioria avassaladora. Trump teve 49,9% dos votos, e Kamala Harris, 48,4%.

Fazendo as contas: só 1,5 ponto percentual de diferença. 77.303.573 votaram em quem ganhou; 75.019.257, na candidata democrata. Esses números retratam uma nação rachada entre dois projetos de vida (educação, saúde etc. —até crença ou não em crise climática), que se mostram cada vez mais incompatíveis. Sendo assim, ainda é possível falar em nação?

Cada um dos lados do espectro político vê o outro como pura insanidade, sem possibilidade de diálogo ou de contenção de radicalidades. No primeiro governo Trump, houve até dois impeachments seguidos, que não mudaram coisa alguma. E agora com o Congresso todo dominado pelo Partido Republicano?

O que as 75 milhões de pessoas que votaram em Kamala Harris vão fazer quando, por exemplo (e espero ainda que isso não aconteça), a obrigatoriedade de várias vacinas para crianças for extinta? Um ponto percentual e meio de votos a mais —e o pacto democrático de aceitar o resultado de eleições— pode obrigar tanta gente assim a viver quatro anos sob um governo que ameaça só tomar decisões contra seus princípios mais caros (e contra a ciência etc.)? Ao levantar essas perguntas ingênuas, estou aqui contribuindo para a descrença em ou corrosão de valores democráticos?

Sei que os EUA são também a terra de Thoreau e sua desobediência civil, mas tal multidão desobediente significaria o quê?

Eu também sei: nada disso é exatamente novidade. Clausewitz já denunciava esse tipo de efeitos especiais do processo democrático como "continuação da guerra civil por outros meios".

No clássico "A Retórica da Intransigência", Albert Hirschman resumiu a receita para evitar impasses beligerantes: para haver legitimidade das decisões em uma democracia, as pessoas que participam das deliberações "não devem ter opiniões formadas de maneira plena ou definitiva no início". "Espera-se que se dediquem a um debate significativo, o que quer dizer que devem estar dispostas a modificar as opiniões que tinham anteriormente à luz dos argumentos dos demais participantes, e também como resultado das informações tornadas acessíveis no curso do debate."

Parece simples, mas as dificuldades para que as coisas aconteçam cordialmente são bem conhecidas desde as assembleias atenienses.

Hoje, ficaram frenéticas: todo o mundo chega no debate com opiniões imbecis tão sólidas e imutáveis quanto aquele monolito de "2001: uma Odisseia no Espaço" (olha a IA ali, gente!). Perda de tempo absolutamente desgastante. Certamente as redes sociais têm culpa no cartório, mas imagino que outros fatores estão em jogo, provavelmente alguma radiação alienígena fritando os cérebros humanos com o bug do milênio.

Nunca vi tanta gente esbravejando certezas idiotas ou tantos grupúsculos (coitado do Guattari) usando conspirações para desqualificar de antemão qualquer "nova informação". Passamos a viver saltando entre abismos cognitivos dissonantes.

No Brasil, somos medalha de ouro nessa nova categoria das olimpíadas de ideias. Eu me acreditava o mais esforçado defensor do relativismo, mas tudo tem um limite: descobri que não quero nem conversar com o pessoal formado em medicina (que em tese deveria entender o que é método científico) que receita cloroquina como cura milagrosa para qualquer doença. Se esse tratamento virar regra aprovada por um CRM da vida, quero me mudar para um lugar onde essa regra não seja aplicável.

Repito: chegamos a um ponto em que conversas não adiantam nada, ninguém vai convencer ninguém, não há chance de meio-termo conciliador. Como perguntaria Lênin: o que fazer? Secessão no país: quem não quer vacinar crianças vai para o Nordeste (onde, segundo Manuel Bandeira, há brisa) e quem não quer se muda para o edifício residencial mais alto do mundo em Balneário Camboriú (ou vai para a Flórida ou para a Hungria)?

O filósofo especulativo francês Tristan Garcia, um dos pensadores mais interessantes da atualidade (autor inclusive de uma história, em andamento, do sofrimento), também escreve ficção, inclusive algo como ficção científica. No seu romance "7", uma das sete partes (a sexta) fala de um mundo transformado em hemisférios, bolhas hermeticamente fechadas para evitar a entrada de informações das bolhas exteriores.

Começou com a bolha cristã, depois a islâmica e aí disparou: aqui só entra neoanimistas, ali é o hemisfério do "comunismo em um só país", mais adiante o que legaliza o incesto, outro que reconstrói o Japão feudal da Paz Tokugawa e ainda uma cidade grega antiga fortemente militarizada.

Sabemos que há gosto para tudo e as pessoas gostam de viver entre "iguais". Claro que há rachas e a formação de sub-hemisférios com gente descontente. Sectarismo é coisa nossa, comoventemente humana. A fragmentação vai ficando tão intensa e acelerada que a tendência é só restar lobos solitários ou bolhas do eu e meus avatares sozinhos.

Esse separatismo radical seria a única solução para nossos impasses atuais? Pena: sempre simpatizei com gente diferente, que pensa diferente, que me faz pensar diferente do "costume". Mas ficou difícil: a tolerância e a aposta na boa-fé de quem pensa diferente não estão "funcionando" no meio da histeria atual.

Fico até desconfiado de que quem propõe —como cura para tudo— a recusa de qualquer vacina faz isso não por crença, mas por pura implicância ou diversão, estilo pagode só para contrariar. Gente de niilismo absoluto, mas envergonhado. Cosplayers fajutos do "mais feio dos homens" ("devasto e torno intransitável todo caminho em que piso") de Nietzsche, que querem se divertir com teatrinhos do absurdo, já que não encontram nada melhor para passar estes tempos com tantos indícios de serem terminais.

A ideia básica é estourar a boca do balão, como se não houvesse amanhã, já que amanhã sem farra do boi, próteses de silicone, fake news e queimação de combustíveis fósseis não tem graça nenhuma

Vemos a ideia de liberdade ser aplicada de forma seletiva e circunstancial. Claro que imigrantes não têm a liberdade de decidir para onde querem ir

Por isso, optaram não por um novo governo nos EUA, mas por um reality show (com gabinete VIP de pulseirinha) de furiosa bizarrice transmitido direto da Casa Branca. Gente que quer bet, cada vez mais tudo bet, aposta pesada no caos, com distribuição farta de dopamina para espantar o tédio de propostas tidas como sensatas de melhorar o mundo.

É como naquela canção do Roberto: para essa bet-gente (não mais bat-gente), a sensatez só sabe proclamar que "tudo o que eu gosto é ilegal, imoral ou engorda", aumentando a chatice geral com cada vez mais limites e promessas de lockdowns ou finais do mundo por catástrofes terríveis.

A ideia básica da alt-right é estourar a boca do balão, sem medo de ser feliz, como se não houvesse amanhã, já que amanhã sem farra do boi (com muita picanha), próteses de silicone, fake news e queimação de combustíveis fósseis (com muita motociata) não tem graça nenhuma.

Sim, há também a pregação anarcocapitalista. Sua pré-história pré-alt-right está bem contada no livro "Radicals for Capitalism", de Brian Doherty, que parte da experiência pessoal do autor em grupos —que incluem há décadas muitos think tanks patrocinados por bilionários— desse movimento, que não é nada homogêneo e hoje se espalha mundo afora, do Vale do Silício à Casa Rosada.

São muitas leituras diferentes de Ayn Rand ou da antiga crítica que Hayek fez do Estado do bem-estar como caminho para a servidão, contra liberdades individuais. Na base de seu multifacetado projeto político, está a crença no poder do mercado (e a tecnologia produzida por um mercado totalmente desregulado) para resolver todos os problemas da humanidade.

Hoje, vemos a ideia de liberdade ser aplicada de forma seletiva e circunstancial por quem se diz fã de Hayek. Claro que imigrantes na fronteira entre Texas e México não têm a liberdade de decidir para onde querem ir (obviamente, há imigrantes com mais liberdade, como Elon Musk, agora com passe livre para entrar em Mar-a-Lago, ou o pai e a mãe de Usha Chilukuri Vance, mulher do J.D., agora segunda dama dos EUA). Outras liberdades "individuais", como de ser trans ou fazer aborto, são cada vez mais atacadas ou cerceadas.

Ao mesmo tempo, gente "influencer" em ambientes Cpac (Conferência de Ação Política Conservadora) e no Partido Republicano dos EUA (sem falar em gurus "eurasianos" da Rússia), como o economista Oren Cass (ou Trump inimigo de teto de gastos), já aponta para o fim do neoliberalismo, sem receio de apostar (bet!) em protecionismo para fortalecer a indústria norte-americana ou mesmo em privilégios para seu operariado do Cinturão da Ferrugem.

Quem poderia cuidar disso se não for um Estado "great again"? Afinal, mesmo o Vale do Silício tem consciência de que, sem o Estado, não teríamos computador, internet ou inteligência artificial (delicado lembrar esses "detalhes" no momento atual do Brasil, onde aparentemente o único projeto político aprovado pelo mercado —e adjacências— para o futuro do país é uma reforma fiscal —e aí do governo que não fizer a reforma que o mercado quer).

Essa situação ganhou contornos mais dramáticos com a pandemia. A China pôs o Ocidente contra a parede: decretou rapidinho um lockdown de proporções épicas, cercando Wuhan e o país todo logo depois. O mundo inteiro não teve opção, precisou ir atrás, mas em total desvantagem: com internet controlada etc., a China tinha facilidade para fazer o que fez.

Tentar a mesma coisa em democracias "ocidentais" se revelou tarefa mais que temerária, com questionamentos de todos os lados, sobretudo de novos movimentos de direita já bem populares, com a pregação de defesa de liberdades individuais estilo Hayek, incluindo campanhas antivacina. Agora já era: de certa forma, nunca mais saímos de nossos lockdowns mambembes.

Muito barulho em volta. A nova direita não cria nenhuma ideia realmente nova, mas inventa uma maneira de reciclar, de forma mais maluca a cada dia, tudo aquilo que um dia foi bandeira da esquerda (também encostada na parede de suas crenças do passado).

Quem fazia a crítica do capitalismo selvagem da indústria farmacêutica era a esquerda, agora isso virou coisa de gente "patriota" que defende tradição e família. De repente, ao mesmo tempo, até o desconstrucionismo virou arma da direita, que continua tratando tudo como se fosse "narrativa". Sem falar na psicodelia "conservadora". Que o diga o xamã do Q-Anon, invasor "viking" do Capitólio. Quem sabe se, com perdão presidencial, ele não passe a comandar rituais animistas nos jardins da Casa Branca?

Tudo confuso, tudo embaralhado, tudo duplo pensar 1984, tudo com sinais trocados. Tudo parecido com as estratégias das vanguardas da virada do século 19 para o 20 para "épater la bourgeoisie" com múltiplos tratamentos de choque. Só que agora a caretice é que parece estar no comando, ridicularizando a maluquice beleza, fazendo paródias de suas conquistas modernas.

Roteiro para os próximos anos: o Heliogábalo de Artaud reencenado sem parar na vida real, sem objetivo nenhum? Não precisa nem de crueldade ou a crueldade é bem mais sofisticada, como quando Trump tem que parar um comício e fica 40 minutos com aquela dancinha de filme de terror, repetida depois por Elon Musk em Mar-a-Lago.

Dançando o quê? YMCA, ex-hino gay! É "mashup" juntando elementos de procedências antes disparatadas do imaginário contemporâneo, tudo ganhando novos sentidos ou sentido nenhum.

A mesma coisa aconteceu com as coreografias e marchas TikTok inventadas para dançar o hino nacional brasileiro naqueles acampamentos nas portas de quartéis militares. Como cantava David Bowie citando o acionismo vienense: "It's all deranged". Ou: degringolou/abilolou geral.

Ronaldo Lemos diagnosticou tudo isso, aqui mesmo na Ilustríssima, como a Grande Ruptura. Cito suas palavras: "Seu objetivo final não é transmitir informação, mas modular experiências imediatas, especialmente estados emocionais; é muito mais experiência do que conteúdo. Para isso, seus artefatos são instrumentalizados mais para produzir alegorias e mesmo manipulação emocional do que para comunicar qualquer coisa".

Não é algo que acontece só na arte ou em guerras culturais. É a doença infantil (ainda lembrando Lênin) do conservadorismo doidão que derrubou o mundo.

Em que buraco abestalhado nos metemos! Como adverti acima, este meu texto-chacrinha não explica nada, quer apenas confundir ainda mais ou é atestado reclamão da minha perplexidade. Eu que não gostava de reclamar de nada, cá estou. Tenho que me acostumar: este é o (meu) novo normal. ←

O ataque ao Estado

[RESUMO] A indicação de Elon Musk a novo órgão que deve reorganizar o governo dos EUA representa um risco geopolítico e pode impulsionar o capitalismo de compadrio no país, defende autor. O tema remete à necessidade de debater no Brasil uma reforma da administração pública centrada na melhoria dos serviços e na defesa dos interesses da sociedade

Por **Guilherme Cezar Coelho**
Economista e diretor de cinema, é fundador da Samambaia.org

O meme surgiu no ano passado e já é um clássico. Revoltada com a fila do programa da Xuxa, uma menina com lacinho amarelo no cabelo pega o microfone e solta os cachorros: "Que xou da Xuxa é esse?!". Indignação semelhante vive hoje quem acompanha a indicação de Elon Musk ao Doge (Departamento de Eficiência Governamental) de Donald Trump.

Que mundo é esse em que um centibilionário que se comporta cada vez mais como um oligarca recebe o mandato de reorganizar o governo, apesar de inúmeros conflitos de interesse? Nos Estados Unidos, bem como no Brasil, é necessário avançar na agenda de transformação do Estado, tornando-o cada vez mais efetivo, atrativo e, sim, mais eficiente. Musk não é a pessoa para fazê-lo.

Deu no Washington Post que empreitadas semelhantes, quando encabeçadas por neófitos em administração pública, têm um longo e inócuo histórico. Francisco Gaetani escreveu sobre esforços que deixaram legados importantes quando realizados com boa-fé pública. Não é o caso aqui. Francis Fukuyama comparou Musk a Silvio Berlusconi em sua estratégia de expandir seus negócios através da política.

Devemos ir além e entender Musk como um risco geopolítico: redesenhando e se enredando no complexo industrial-militar, suas empresas e seus amigos terão mais contatos —e contratos— com o Estado, configurando o que se chama de capitalismo de compadrio. Isso é péssimo para a eficiência e a liberdade econômica e perigoso em meio a guerras, dada a impulsividade, a ganância e a sem-vergonhice de Trump e Musk.

De largada, o "xou do Musk" parte de premissas erradas. A principal delas é que a economia estadunidense vai mal e que isso se deve, em parte, à regulamentação excessiva. Em artigo no Wall Street Journal, Musk e Vivek Ramaswamy, os dois líderes do Doge, descrevem a "burocracia entrincheirada" nos EUA como "uma ameaça existencial à República".

Na verdade, desde o fim da pandemia de Covid-19, a economia estadunidense abriu uma nova dianteira sobre o mundo. A China passou a crescer menos e já se aventa um "mundo pós-China" — sem sua suposta futura dominação sobre a economia global.

Os EUA são atualmente o país desenvolvido com o maior crescimento de seu mercado interno. Nisso, é essencial registrar o ótimo trabalho do Banco Central dos EUA que, sem gerar recessão —leia-se, desemprego— controlou a inflação. Inflação que, no acumulado dos últimos três anos, assustou o eleitorado e ajudou a eleger Trump.

Ao contrário da fixação infantil (e lucrativa para Musk) de pousar em Marte, o que garantiria mais crescimento e mais empregos nos EUA seria continuar investindo na transição energética. Além de esse ser o caminho para evitar a verdadeira ameaça existencial atual, a crise climática.

A nomeação de Elon Musk, no entanto, nos lembra quão importante é discutir a eficiência e a efetividade do Estado no Brasil, porque governos e regulação importam. Por que regular? Porque as atividades da iniciativa privada muitas vezes têm consequências indesejadas para a sociedade, as chamadas externalidades negativas. Por isso, não se pode simplesmente "deixar rolar" ("laissez-faire").

Nas últimas décadas, por exemplo, a falta de regulação efetiva sobre a emissão de gases poluentes acabou por elevar a temperatura da Terra, aumentando a frequência de eventos extremos. Governos devem antever e prevenir problemas futuros. Lembrando o poeta, o Estado deve servir à população como o tal "ministério do vai dar merda".

Recentemente, foi lançado o Anuário de Gestão de Pessoas da República.org, que indica caminhos para maior profissionalização da administração pública brasileira. Bem pé no chão, sem botar fogo no parquinho e depois querer fugir para Marte. O foco é a valorização e a capacitação das pessoas que trabalham em governos. Profissionais públicos correspondem a mais de 50% do custo de estados e municípios e, no governo federal, somam 19,4% do Orçamento.

Para começar, o anuário recomenda reduzir e simplificar o sistema de carreiras públicas, vinculando-as às suas funções e competências —não a órgãos, como a maioria delas hoje. Além disso, aconselha racionalizar salários, diminuindo a quantidade de tabelas remuneratórias e garantindo equivalência entre complexidade e remuneração. Políticas óbvias que deveriam ser implementadas por qualquer governo. O atual, inclusive, criou um Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos. Então, mãos à obra.

Outra sugestão do anuário é instituir uma política de gestão de desempenho, com avaliação de todas as carreiras baseada em entregas, retornos periódicos (feedbacks) e incentivos não pecuniários, instrumentos que já trazem bons resultados na iniciativa privada e em governos pelo mundo.

Segundo uma recente pesquisa Datafolha, 81% da população considera os serviços públicos do Brasil ótimos ou bons (41%) e regulares (40%), aprovação muito maior que de qualquer político ou instituição. Isso mostra a centralidade e o valor do serviço público para a população brasileira.

Por isso, devemos constantemente atualizar a administração pública, mas com os valores certos: isonomia no atendimento à população, efetividade e atratividade, para que pessoas cada vez mais preparadas entrem para o serviço público.

O Estado é fundamental. Governos impulsionaram indústrias, como a de tecnologia no Vale do Silício. Durante a pandemia, provou-se que governos competentes salvam vidas. Agora, eventos climáticos extremos têm nos mostrado, com frequência, que precisamos de profissionais públicos responsivos e responsáveis —e por isso, respeitados.

Isso porque a incompetência estatal mata e empobrece. Basta olhar a insegurança pública brasileira ou as condições de vida dos 8% da nossa população que mora em favelas. Devemos lembrar que, nos EUA, o estopim da crise financeira de 2008 foram ativos imobiliários securitizados e a má regulação deles pelo governo federal (as criptomoedas, sem regulação, podem vir a ser o estopim de uma próxima crise de liquidez).

Em tempo, o acrônimo do novo ministério de Musk (Doge) alude a uma criptomoeda que havia começado como uma piada, homenageando um cachorro. Agora, já rendeu camisetas com o rosto de Trump e Musk, além do cachorrinho. Ambas, a criptomoeda e a camiseta, estão à venda e são mais um capítulo da política do espetáculo exacerbada por Trump nesse "xou da Xuxa" que virou a política dos EUA.

Deslegitimar, minar e buscar minimizar o Estado é tentar impedir que governos defendam o interesse difuso da sociedade, abrindo espaço para sua cooptação por lobbies privados. Toda atenção é pouca, pois o Estado e os governos são os legítimos —e, muitas vezes, os únicos— mediadores entre os que podem abusar de poderes políticos ou econômicos e a grande maioria que precisa de garantias para seus direitos.

A deslegitimação do Estado e a desregulamentação desenfreada são tendências que pareciam estar chegando ao fim pouco mais de 40 anos depois do início da implementação do neoliberalismo nos governos Ronald Reagan e Margaret Thatcher. No entanto, ganham agora uma sobrevida, nos lembrando "o arranco triunfal de cachorro atropelado", expressão de Nelson Rodrigues.

O retorno de Trump é a história se repetindo como farsa e contradição. Nos EUA e no Reino Unido, os últimos 40 anos deixaram claro que a desregulamentação excessiva e a tributação regressiva —incluindo gastos tributários espúrios, como temos no Brasil— aumentaram a desigualdade de renda e não geraram o crescimento prometido.

Trump volta à Casa Branca prometendo uma agenda de desregulamentação liderada por um oligarca, ao mesmo tempo que sinaliza ainda mais molezinhas tributárias para uma pequena minoria, que já paga menos imposto que o resto da população, assim como acontece no Brasil. Tudo isso vai influenciar políticos e políticas pelo mundo.

Trump volta à Casa Branca prometendo uma agenda de desregulamentação liderada por um oligarca, ao mesmo tempo que sinaliza ainda mais molezinhas tributárias para uma pequena minoria, que já paga menos imposto que o resto da população, assim como acontece no Brasil. Tudo isso vai influenciar políticos e políticas pelo mundo

A dica para a oposição no Brasil: o maior eleitor de Trump foi a inflação e podemos estar indo na mesma direção. Apesar do bom crescimento e do desemprego em baixa histórica, o último Datafolha de 2024 capturou um mal-estar, provavelmente com a inflação: 61% dos brasileiros acreditam que a economia está no rumo errado.

Para Lula (PT), a mensagem é clara. É preciso se comunicar construtivamente com os atores econômicos, ajudando assim nosso frágil equilíbrio fiscal e controlando a inflação, bem como empreender reformas na administração pública que melhorem a qualidade de vida das pessoas.

Caso contrário, o eleitorado pode testar outro caminho em 2026. Tanto Kamala Harris em 2024 quanto Jair Bolsonaro em 2022 perderam por menos de 2% dos votos. Está tudo muito apertado.

O recado "para a mamãe, para o papai e para você" é que o liberalismo e o republicanismo estão sob ataque. Os ideais de liberdade econômica (não apenas para os "campeões nacionais"), boa-fé pública, respeito, virtude cívica e participação a partir de opiniões informadas estão em declínio ou mesmo esquecidos.

Devemos lembrá-los e lutar por eles, porque foram eles que, nos últimos 300 anos, sempre deram o verdadeiro show. ←

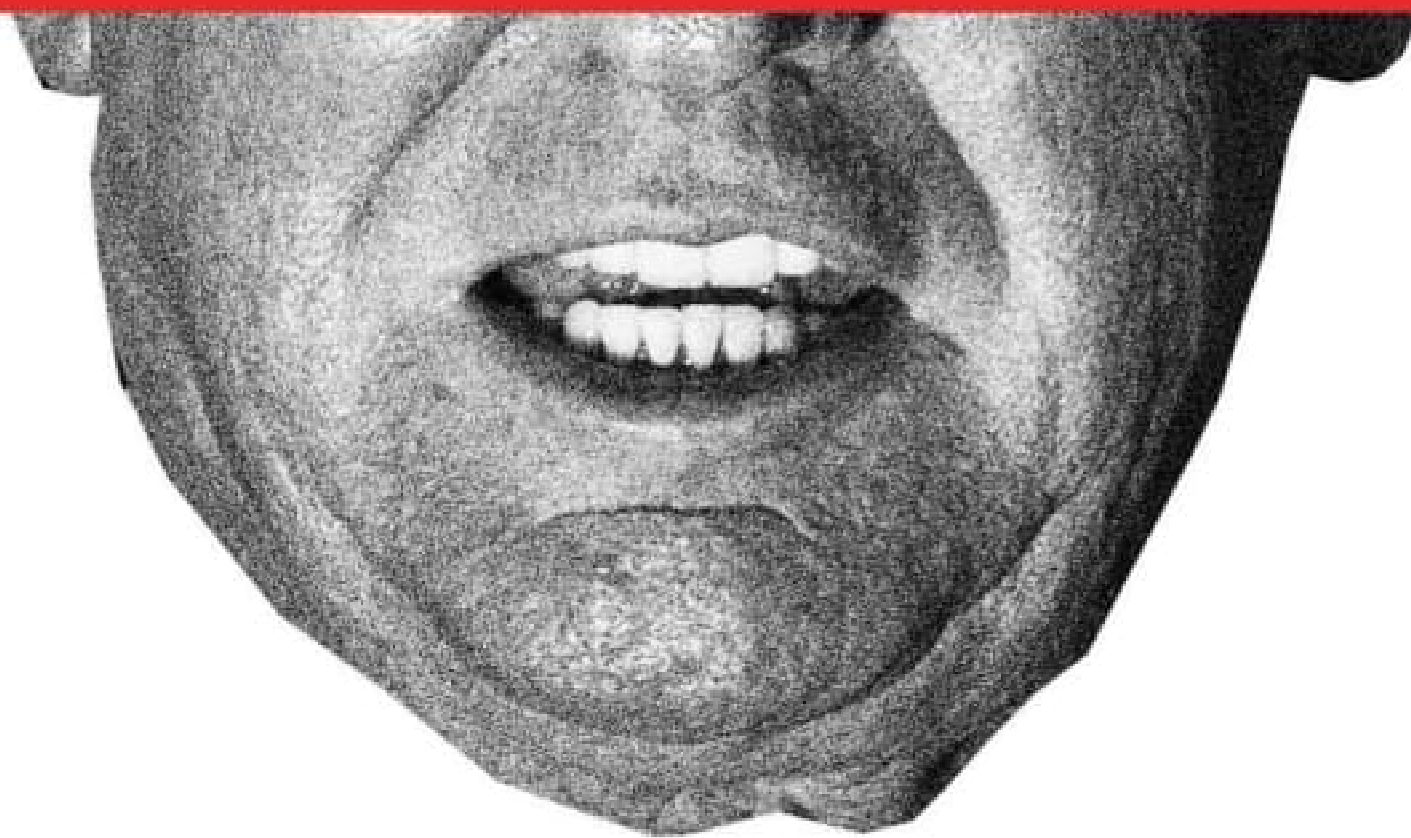
Eufrázio

De Mussolini a Trump

[RESUMO] Em ensaio recém-publicado, Carlo Ginzburg, 85, discute a atração exercida pelas fake news recorrendo a pensadores como Tácito, Maquiavel e Freud. À Folha, o historiador italiano indica semelhanças entre Mussolini e Trump e defende a 'leitura lenta' diante da velocidade da internet

Por **Naief Haddad**
Repórter especial da Folha





Já havia passado uma década da Marcha sobre Roma, episódio que levou Benito Mussolini, à frente do Partido Nacional Fascista, a assumir a função de primeiro-ministro da Itália. Em 1932, Il Duce, dono de uma retórica envolvente e muitas vezes distante da verdade factual, concedeu uma série de entrevistas ao jornalista alemão Emil Ludwig, que resultou no livro "Colloqui con Mussolini".

Em um desses encontros no Palácio Venezia, na capital italiana, Ludwig disse: "O senhor escreveu certa vez que as massas não deveriam saber, e sim acreditar".

Depois de assentir enfaticamente, Mussolini complementou: "O homem moderno tem uma capacidade ilimitada para a fé. Quando as massas parecem cera entre minhas mãos, quando suscito nelas a fé ou quando me misturo a elas e quase sou esmagado por elas, eu sinto que sou parte delas. Ao mesmo tempo, persiste em mim certo sentimento de aversão, semelhante ao que sente o oleiro diante do barro que está moldando".

O líder italiano sabia explorar a ambiguidade da palavra "massa", que pode significar um corpo sólido ou uma grande reunião de pessoas. Tanto que, mais adiante na entrevista, acrescentou: "Tudo depende da habilidade para controlar as massas à maneira de um artista".

A desenvoltura com que o ditador falava sobre a manipulação dos seguidores por seu mestre vinha, em grande parte, dos livros de Maquiavel, especialmente de "A Arte da Guerra". Mussolini contava, aliás, que seu pai, um ferreiro socialista, costumava ler textos do célebre autor florentino para os filhos depois do jantar.

As ideias de Maquiavel sob a ótica de Mussolini estão entre as que guiam "Fake news?", uma das conferências apresentadas por Carlo Ginzburg na Universidade Centro-Europeia, em Budapeste, em 2019. Ampliada e transformada em um ensaio, a fala do historiador italiano de 85 anos foi publicada na mais recente edição da revista serrote.

Apesar do intervalo de cinco anos entre a conferência na Hungria e a publicação no Brasil, o texto se mantém atual. Não só isso. "Fake news?" é mais uma demonstração de como o autor de livros como "O Queijo e os Vermes", publicado aqui em 1987, e "Os Andarilhos do Bem", de 1988, consegue estabelecer conexões improváveis também em um formato mais sucinto, os ensaios, aos quais tem se dedicado especialmente nas últimas décadas. Um exemplo é "Olhos de Madeira", reunião de nove ensaios, lançada no Brasil em 2001.

No caso de "Fake news?", a escrita fluente e a erudição sem empáfia, lapidadas ao longo de mais de seis décadas de carreira, estão a serviço da reflexão sobre as ondas de desinformação, especialmente aquelas impulsionadas por governantes.

"Tento olhar para as notícias falsas com um distanciamento crítico. É um tipo de abordagem de um ângulo oblíquo", afirma Ginzburg à **Folha**.

O historiador toma como base o estranhamento, um conceito presente em boa parte da sua obra. Estranhamento, tal qual ele escreveu, como um meio de superar a aparência e alcançar uma compreensão mais profunda da realidade. Também se vale de formulações de pensadores dos dois últimos milênios, dos quais o mais antigo é Tácito, historiador romano nascido no ano 56 depois de Cristo.

Existe algum tipo de prazer em acreditar naquilo que soa falso? "Tácito respondeu sim e colocou isso como um paradoxo: 'Fingunt simul creduntque' [traduzido como 'fingem e acreditam ao mesmo tempo' e como 'imaginavam e ao mesmo tempo acreditavam nas próprias imaginações']. Há uma espécie de propensão das pessoas em acreditar em notícias falsas, em acreditar em algo que reforça um impulso narcisista", diz Ginzburg, incluindo outra referência no pacote, Sigmund Freud.

"Me lembro também daquela expressão em inglês, 'wishful thinking', que não existe em italiano nem em português. Uma combinação de, digamos, pensamento e desejo."

Em "Medo, Reverência, Terror", de 2014, volume que reúne quatro ensaios sobre iconografia política, o historiador já havia recorrido ao tal paradoxo ("Fingunt..."). No texto "Reler Hobbes hoje", além de apontar a influência de Tácito sobre o autor de "Leviatã", Ginzburg escreveu que o pensador romano lançou mão da expressão justamente em um contexto de circulação de notícias falsas.

Ou seja, as ferramentas de divulgação variam de época para época, mas o debate sobre as fake news tem, no mínimo, 2.000 anos de estrada.

Mestres da ilusão Em "A ascensão dos charlatões", ensaio publicado há quatro anos pela revista piauí, outro importante historiador europeu, o inglês Peter Burke, se referiu a Mussolini como "mestre da ilusão" e lembrou que ele "costumava deixar as luzes de seu gabinete, em Roma, acesas a noite inteira para que as pessoas pensassem que ainda estava trabalhando".

É uma observação que nos leva a pensar o quanto o modus operandi de Donald Trump, que assume a Casa Branca nesta segunda-feira (20), se assemelha às estratégias do líder italiano de um século atrás.

O ofício escolhido por Ginzburg, que o levou a conhecer bem as engrenagens do fascismo, bastaria para que hesitasse em fazer referências à ideologia fora do seu contexto histórico.

Além disso, há uma carga familiar. Seu pai, o professor e jornalista Leon, foi preso pela polícia de Mussolini e, em seguida, morto na Alemanha; sua mãe, a escritora Natalia, sempre teve uma atuação antifascista veemente.

No entanto, Carlo Ginzburg afirma ter notado sinais da cartilha fascista no trumpismo quando esteve em Chicago em 2015 e pôde acompanhar alguns discursos do empresário americano, então candidato pela primeira vez à Casa Branca.

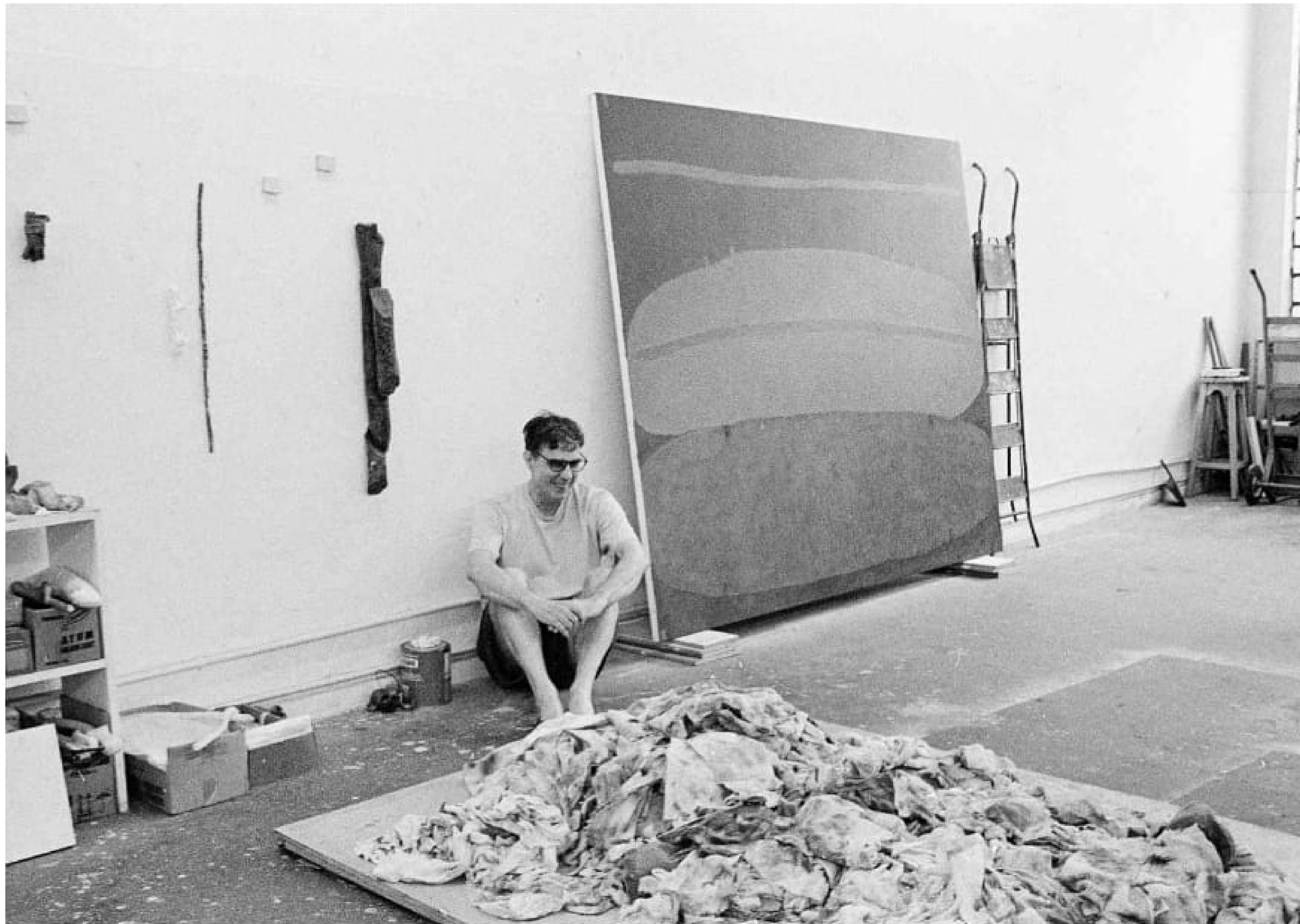
O historiador não se refere, por exemplo, ao antissemitismo, assimilado pelo regime fascista muito por conta da influência nazista. Nesse aspecto, segundo ele, não existe semelhança. Mas Trump, assim como Mussolini, é bem-sucedido ao manipular as massas lançando mão de recursos emocionais e das principais tecnologias da sua época — o rádio em se tratando do italiano e a internet no caso do norte-americano.

Nesse aspecto, o presidente eleito dos EUA, que não titubeia em distorcer as informações, faz eco ao pai do fascismo. Com novas faces, o populismo se mantém vigoroso.

Para Ginzburg, o combate às fake news só será bem-sucedido quando desenvolvermos a capacidade de ler nas entrelinhas, técnica que, segundo ele, deveria ser ensinada nas escolas. "Nietzsche, que foi filólogo antes de se tornar filósofo, dizia que a filologia é a arte da leitura lenta. Precisamos combinar a leitura lenta com a velocidade da internet". ←

A pintura além da pintura

[RESUMO] O texto analisa a trajetória do artista paulista Paulo Monteiro, que desafia tendências ao explorar a interseção entre pintura e escultura com foco na materialidade e no traço. A autora sustenta que sua obra, influenciada pelo neoconcretismo e por artistas como Mira Schendel, busca desconstruir limites e criar um fluxo contínuo entre matéria, forma e espaço



O artista Paulo Monteiro em seu ateliê, em foto de Mauro Restiffe

Por **Beta Germano**

Jornalista. Autora de 'Espaços de Trabalho de Artistas Latino-americanos'

Em um tempo em que o mercado de arte tem valorizado obras figurativas com as marcas de protesto e propósito, abraçando discursos sociais, raciais e identitários, não seria surpresa se uma pintura que flerta com a abstração criada por um homem branco fosse colocada de escanteio. Mas, ao contrário, o artista Paulo Monteiro vive uma de suas melhores fases, provando que consistência e maturidade podem furar tendências.

Paulo conquistou seu lugar por meio de uma pesquisa formal, mas sem ser cerebral demais, com regras criadas mais para conduzir do que travar. Apesar de fazer parte de uma geração que marcou, na década de 1980, o "retorno da pintura" no circuito da arte, com a onda neoexpressionista, ele nunca deixou de questioná-la.

Adota a matéria e uma linha indomável que corta telas e massas de argila como principais catalisadores, fazendo com que suas obras convirjam entre categorias, fronteiras e dimensões. Cria diálogos e ambivalências entre a rigidez da composição e a fluidez da matéria, a delicadeza do traço e o peso da massa.

Tudo começou ainda na adolescência, quando Paulo mergulhou no mundo dos quadrinhos. Chegou a criar cartuns para a coluna dos músicos Marcelo Fromer e Nando Reis, na **Folha**, e colaborou para revistas independentes.

Fã de blues e do rock de Jimi Hendrix, chegou a tocar com Nando Reis, Supla e Rodrigo Andrade.

Em 1982, Nando se lançava com os Titãs e, no ano seguinte, Paulo e Rodrigo começaram a dividir um ateliê, no número 7 de uma rua em Pinheiros, com Fábio Miguez, Carlito Carvalhosa e Nuno Ramos. O que eles tinham em comum? O apreço pelo "rock pesado", o jeans, a bota e o corte de cabelo — e uma identificação com o neoexpressionismo, movimento que se expandia no mercado internacional.

O grupo conhecido como Casa 7 ou roqueiros do pincel não formava um coletivo, mas a convivência, claro, resultou em uma influência cruzada. "Vi pela primeira vez a obra do Philip Guston na XVI Bienal de São Paulo e fiquei muito impressionado. Ele encontrou um jeito de misturar a ideia dos quadrinhos com uma pintura superforte. Foi nesse momento que decidi ser pintor. Depois conhecemos o Anselm Kiefer, o Julian Schnabel e o grupo Cobra", afirma Paulo. "A pintura figurativa estava na moda na Europa e acharam que a gente correspondia a essa tendência."

Era o período do chamado retorno da pintura, declarada morta no auge da arte conceitual, que foi lançada com a exposição "Como Vai Você, Geração 80", no Rio de Janeiro, com pintores como Adriana Varejão e Luiz Zerbini.

Paralelamente, a turma da Casa 7 trilhava um caminho mais cerebral e reflexivo com forte preocupação formal como fio condutor. "Era o nosso jeito, acho que isso a gente tinha em comum e diferente dos outros grupos", diz Paulo.

Poucos anos depois, na Bienal de São Paulo de 1985, a curadora Sheila Leirner deixou sua marca na história da arte brasileira ao enfileirar dezenas de quadros, com uma distância de apenas 30 centímetros entre cada um, para compor o que chamou de a grande tela.

Foi um marco na carreira dos meninos: "A Sheila trazia uma ideia de globalização importante na época, quebrando qualquer distinção entre os artistas ou países participantes. Foi a primeira vez que tive contato com esse pensamento pós-moderno e pude reagir a isso."

Não demorou muito para a turma perceber que era preciso refletir sobre tudo aquilo como artistas brasileiros, e o primeiro "turning point" da produção aconteceu em 1986, quando conheceram o crítico Rodrigo Naves.

Continua na pág. B13

Embora a fisicalidade da matéria seja protagonista de quase toda sua obra, uma das grandes preocupações de Paulo é a linha que se manifesta nos riscos dançantes dos primeiros desenhos, nas pinceladas que marcam seus gestos sobre telas, nos relevos nas pinturas mais recentes e nos cortes que formam as esculturas





Obras de Paulo Monteiro Fotos Mendes Wood DM/Divulgação

Continuação da pág. B12

"O trabalho de todo o mundo mudou nessa época. A pintura vinha carregada de muita história, e a gente não queria exatamente atender a essa demanda de volta da pintura. Além disso, entendemos que era um projeto imposto pelo 'primeiro mundo' —usávamos as mesmas roupas que eles, escutávamos as mesmas músicas e pintávamos como eles. Queríamos sair dessa caixa e, nesse espírito, começamos a olhar para a arte brasileira e a fazer outras coisas", recorda Paulo.

Questões escultóricas propostas por Mira Schendel, José Resende e Willys de Castro logo invadiram a mente e o ateliê de Paulo. "Mira trabalhava com aquele retângulo meio compridinho, formado por dois quadrados. Escrevia algo ali embaixo, e ficava uma coisa toda desfeita do espaço. Adorava isso."

O encontro com essas estratégias de composição da brasileira-suíça parece ter sido fundamental para o paulistano elaborar processos de construção dos espaços pictóricos e expositivos e tem repercussão até hoje. Não à toa, a palavra distância aparece no título das suas duas últimas individuais na galeria Mendes Wood DM: "Ao Redor da Distância", em cartaz na Barra Funda, em São Paulo, até 1º de fevereiro, e "A Cor da Distância", vista na filial da galeria em Bruxelas no ano passado.

Ele opera com campos dentro da própria pintura e a disposição das obras nas salas das galerias também dão pistas de como seu pensamento espacial se estrutura. Trabalha com escalas e intervalos entre as peças para que suas exposições tenham ritmo e uma dinâmica própria, estimulando a movimentação do espectador, além de um arranjo calculado a partir de diferentes perspectivas.

Algumas esculturas pousam sobre o solo e paredes em pontos específicos, criando espaços dentro dos espaços, como se expandisse tridimensionalmente uma das monotipias de Mira. Microtelas, que lembram balas de tão coloridas e suculentas, atraem o corpo para uma análise mais precisa, enquanto pinturas agigantadas pedem afastamento para uma melhor percepção do todo.

A distância não é apenas uma metragem. Paulo passou quase toda a vida questionando os espaços "entre" —o lugar entre a pintura e a escultura, a matéria e a borda, a linha e a forma, o pigmento e a cor, o espectador e a obra.

É interessante notar que, apesar de no início buscar uma obra mais racional, ele acabou se identificando com os neoconcretos que, no Rio de Janeiro, estavam mais preocupados com uma certa libertação da obra, do espectador e da matéria. "É engraçado, peguei uma coisa mais carioca do que paulista", brinca. "Acho mais interessante o neoconcretismo. O concretismo daqui [de São Paulo] era meio provinciano, tinha muita regra e briga."

Se Mira o incentivou a construir espaços, a descoberta dos neoconcretos o instigou a quebrá-los, extrapolá-los, transbordá-los e transformá-los. Na série "A Quebra da Moldura", Lygia Clark busca integrar a moldura como parte da obra, produzindo uma pintura que excede para o exterior. Com seus "Objetos Ativos" e "Pluriobjetos", Willys de Castro também cria uma pintura que sai do plano e vai para o espaço.

Rapidamente, Paulo se viu atraído por essas propostas. "Me interessava essa ideia de expandir a superfície plana do desenho e da arquitetura. Fiz muitas obras apostando nesse movimento de sair do campo, investigando essa noção de que você não consegue apreender tudo dentro daquela área predefinida."

Continua na pág. B14



Sem título (2024), de Paulo Monteiro Mendes Wood DM/Divulgação

A pintura além da pintura

Continuação da pág. B13

"Acho que era um caminho meio lógico para a gente. Seria um jeito de recuperar esse percurso, essa libertação da pintura."

Ele ressalta, ainda, uma comparação com a arte americana. "Quando você mexe em um "Bicho", da Lygia Clark, vê outro bicho, depois outro, e não sabe qual é o correto porque todos estão certos. Não tem um lugar muito rígido. Compare a Lygia ou o Hélio [Oiticica] com Eva Hesse, Barnett Newman, Sol LeWitt ou Donald Judd, por exemplo. Os americanos apresentam sequências muito dadas, enquanto os brasileiros evocam esse corpo que entra, manipula e transforma a obra, apresenta essa sensação de nunca saber qual é a forma daquilo."

Suas primeiras pesquisas escultóricas partiam do encaixe de chapas de metal e canos, uns dentro dos outros. Essas peças ficavam no chão e mudavam de posição e de forma à medida que eram manipuladas. A maleabilidade mecânica daqueles tempos foi, aos poucos, internalizada. Revelou-se uma energia contida na matéria que não se deixa dominar pela forma.

Seus trabalhos não são interativos, convidando o público a fazer parte das peças, mas há uma coreografia sugerida dentro da sala expositiva e há, dentro da própria obra, uma liquidez e uma desobediência que transborda, para dentro ou para fora, do campo construído, que inverte o sentido das cores e moldes e que tira proveito dos limites borrados entre vida e obra. Um desejo latente de estar em movimento e mutação contínua, renegando qualquer tipo de controle.

"Quando molda as suas esculturas, o artista revela mais as viscosidades e o aspecto escorregadio do material do que propriamente o conforma. Porque o molde, na história da arte, foi o meio de fazer uma matéria flexível ganhar definição estável, permanente da forma reconhecível", ressalta Tiago Mesquita no texto da primeira individual do artista na Mendes Wood DM, em 2013. Paulo, porém, sempre esteve mais interessado em contestar a rigidez da história (ou do molde) do que trabalhar com seu domínio.

Essas formas indefinidas e silenciosamente ativas manifestam o que ele chama de interioridade da obra. "Desde o início, tento imprimir uma pulsão no trabalho. Há uma energia interna como expressão dessa vontade de atribuir vida a elementos inanimados como a pintura ou uma tinta", diz.

Mas elas estariam em explosão ou colapso? Talvez ambos. É possível identificar, nesses trabalhos, um duplo movimento interno: podem estar condensando e definhando ou expandindo e florescendo no espaço asséptico da galeria. De um jeito ou de outro, existe uma inegável corporeidade vital em fluxo.

A materialidade era uma preocupação desde os tempos de Casa 7, mas ganhou outras camadas (simbólicas e físicas) com o passar dos anos. "O Rodrigo [Andrade] e eu gostávamos desse volume da tinta, e minha pintura foi ficando cada vez mais grossa. O pessoal ficava até tirando sarro da minha pintura, colocando o dedo", brinca. A ideia era transformar a superfície da pintura em algo mais sensual e atraente, quase comestível.

O mesmo acontece com as esculturas feitas a partir da impressão de sua mão em argila. Elas são fundidas em bronze, chumbo ou alumínio e, em seguida, recebem uma pintura que mimetiza o material de origem, lembrando uma massa macia e suculenta de cor pura, como se tivesse emergindo do tubo de tinta. A materialidade é aqui, também, uma ficção.

Seu apetite criativo está em revelar esse interior animado em um processo de inversões e construções a partir do próprio corpo da argila amassada ou da camada espessa de tinta empurrada para diferentes direções sobre a tela, revelando outras cores cuidadosamente acumuladas. "A tinta não é mais cor, adjetivo, mas coisa, substantivo", afirma Tiago Mesquita.

Embora a fisicalidade da matéria seja protagonista de quase toda sua obra, uma das grandes preocupações de Paulo é a linha que se manifesta nos riscos dançantes dos primeiros desenhos, nas pinceladas que marcam seus gestos sobre telas, nos relevos nas pinturas mais recentes e nos cortes que formam as esculturas.

"No final dos anos 1980, comecei a fazer experimentações com o traço investindo na ideia de que o desenho pudesse percorrer dois caminhos, um de cada lado da linha. Essa linha seria tão tensa que ocuparia dois espaços do papel e faria com que eles ficassem cheios."

Em um cuidadoso processo de redução e simplificação, as figuras (ou quase figuras) se dissolvem e a linha se tornou um elemento gráfico. Naturalmente, Paulo migrou do desenho para a pintura com uma intenção mais gestual, mas as telas rapidamente se transformam em direção à abstração e à materialidade. A linha, por sua vez, jamais o abandona.

No final dos anos 1990, ele já trabalhava em telas menores, testando variações de campos de cores. O protagonismo do traço deu lugar à fisicalidade da própria linha, também maleável e imprecisa, que ganha corpo como matéria escultórica e função como uma fronteira que divide espaços dentro do campo pictórico. A linha também explode, corpórea, viva e pulsante, e excesso de tinta transborda, dessa vez, na irregularidade do traço que sugere formas e zonas de interesse.

A ideia de figuração também sempre se manteve presente. "Nunca quis ser um artista totalmente abstrato. Na minha primeira exposição individual, na galeria Raquel Arnaud, os trabalhos lembravam mecanismos físicos, como se fossem pedaços de corpos. Sempre tive um horizonte figurativo também nas esculturas. As peças eram sempre parecidas com algo."

Uma nuvem, um submarino, um lago ou um peixe? Desde 2022, Paulo adotou uma forma elíptica que varia de direção, largura e comprimento. Percorrer suas exposições se tornou uma aventura criativa de imaginação, entre rastros, manchas e figuras, como em um teste de Rorschach.

"Acho que essas figuras acontecem porque gosto muito das formas orgânicas, meio surrealistas, do Hans Arp, mas também porque tive Covid e fiquei muito isolado e debilitado. Queria pintar coisas leves e agradáveis para a minha cabeça. Pensei, então, em um lago azul ou em uma caverna como alívio para aquele momento. O resultado é que acabei criando um terceiro campo de experimentação e agora consigo colocar mais cores na mesma tela."

A forma oval estrutura e complexifica os planos das telas recentes, e o jogo com paletas mais ousadas e vibrantes se tornou o novo pequeno luxo do artista —a mesma combinação de cores pode aparecer em várias telas organizadas em ordens diferentes, o que muda completamente a percepção das massas de tinta e de suas potentes moléculas.

Se Paulo é nosso maior, mais silencioso e mais pulsante luxo, ele próprio coleciona os seus. Compra obras de jovens artistas e vive perto do generoso ateliê, mas, para ele, o "maior luxo de todos é poder viver de arte". ←

Ao Redor da Distância

AUTOR Paulo Monteiro **ONDE** Mendes Wood DM (r. Barra Funda, 216, Barra Funda, São Paulo) **QUANDO** Até 1º.fev

Eufrázio

QUADRÃO | Angeli





















































DOM. Jan Limpens, João Montanaro, Ricardo Coimbra, Angeli, Laerte, Leandro Assis e Triscila Oliveira

SUDOKU texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

			3				2	8
	3			5		9		
		2	8				4	
	8	3		7			1	4
4	5			2		7	3	
	4				9	6		
		5		6			9	
2	9				4			

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

9	6	4	3	1	7	5	2	8
7	3	8	4	5	2	9	6	1
5	1	2	8	9	6	3	4	7
6	8	3	9	7	5	2	1	4
1	2	7	6	4	3	8	5	9
4	5	9	1	2	8	7	3	6
3	4	1	5	8	9	6	7	2
8	7	5	2	6	1	4	9	3
2	9	6	7	3	4	1	8	5

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Rastros **2.** Um exame do MEC / Presunto, em inglês **3.** Carne de vaca pouco assada, de cor avermelhada **4.** Que se pode comprovar **5.** Imposto de Renda / Outro nome do peixe-boi **6.** Mítica ninfa do mar, de canto mavioso / Observatório Nacional **7.** Membro mais velho de um grupo ou associação (fem.) **8.** Mulher nobre **9.** Assistente, pessoa que está às ordens de outra em trabalho ou função **10.** Abertura por onde escapa um gás ou um líquido / Clube holandês de futebol **11.** Círculo metálico a que se adapta o pneu dos automóveis e de bicicletas / Material para panela **12.** O rádio, em química / Arder, causar comichão a **13.** Amêndoa recoberta de açúcar endurecido / A cantora e compositora potiguar Roberta.

VERTICAIS

1. As peças que impulsionam a bicicleta / Cidade paulista próxima a Piracicaba **2.** Executivo Nacional / O dançarino e ator americano Astaire / Afirmar categoricamente, prometer com convicção **3.** Profissional que limpa as ruas da cidade / Escória, resto, impureza **4.** A Bela de um famoso conto de Perrault / Abreviatura de pago **5.** Desfalecida, apagada / Unidade de superfície usada em agrimensura **6.** Uma fruta **7.** Um dos três deuses principais da religião hinduísta, responsável pela criação e destruição / Dar hospitalidade, pousada **8.** Ligação espiritual terna em relação a alguém ou a algo / Sem despesa, de favor **9.** Cantora cearense de "Frevo Mulher" / Homônimo.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1								■	
2						■			
3		■							
4									
5			■						
6							■		
7	■							■	
8		■							
9									■
10					■				
11				■					
12			■						
13							■		

HORIZONTAIS: 1. Pegadas, **2.** Enade, Ham, **3.** Rosbife, **4.** Afirmável, **5.** Ir, Manati, **6.** Sereia, ON, **7.** Decana, **8.** Fidalga, **9.** Ajudador, **10.** Fuga, Ajax, **11.** Aro, Ágata, **12.** Ra, Prurir, **13.** Drágea, Sá. **VERTICAIS: 1.** Pedais, Rafard, **2.** EN, Fred, Jurar, **3.** Gari, Refugo, **4.** Adormecida, Pg, **5.** Desmaiada, Are, **6.** Banana d'água, **7.** Shiva, Alojar, **8.** Afeto, Grátis, **9.** Amelinha, Xará.

Eufrázio



Luiza Pannunzio

O cessar do cessar-fogo

Tratar Donald Trump como criança pode ser uma estratégia bem eficaz

Ricardo Araújo Pereira

Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Sempre que sai uma notícia sobre um cessar-fogo no Oriente Médio, o primeiro pensamento que nos ocorre a todos é: quanto tempo durará este cessar-fogo? Creio que é preciso passar a pensar de outro modo. Agora, é mais apropriado perguntar: quanto tempo durará esta notícia sobre o cessar-fogo?

Pouco tempo após a divulgação da notícia sobre o cessar-fogo, nova notícia dizia que o cessar-fogo tinha, afinal, sido adiado. No intervalo entre uma notícia e a outra, Donald Trump, que tomará posse para a semana, reivindicou a responsabilidade pelo cessar-fogo. Trump, que é conhecido por não assumir responsabilidade por coisas que fez, deseja assumir responsabilidade por coisas que não fez. É um modo de proceder que nos é familiar, porque o reconhecemos facilmente nas crianças.

Talvez esta constatação possa ser importante quando se tenta delinear uma estratégia para lidar com o próximo presidente dos Estados Unidos. Tratá-lo como uma criança pode ser um método eficaz.

Neste caso concreto, a posição de Trump tem um problema evidente: se o mérito do cessar-fogo é dele, o fato de afinal o cessar-fogo ter sido adiado também terá forçosamente de lhe ser imputado.

> **Não é provável que ele tenha mérito pelos dez minutos em que o cessar-fogo era verdadeiro e esteja isento de responsabilidades quando se percebe que o seu anúncio foi precipitado**

Não é provável que ele tenha mérito pelos dez minutos em que o cessar-fogo pareceu verdadeiro e esteja isento de responsabilidades quando se percebe que o anúncio das tréguas foi precipitado. Seja como for, o melhor é fazer-lhe a vontade.

Quando eu era pequeno, os meus pais deram-me um volante de plástico que tinha uma ventosa, para ficar preso às costas do banco do condutor. Eu ia no banco de trás e, quando o carro virava à esquerda, eu fazia o mesmo no volante; quando virava à direita, eu também virava à direita. E assim parecia mesmo que era eu quem estava a dirigir.

Proponho que as instituições americanas façam o mesmo com Trump. Instalem instrumentos de brincar no salão oval. Quando ele telefonar para o governo da Dinamarca a propor a compra da Groenlândia, atende uma funcionária que diz que os dinamarqueses têm todo o gosto em fazer o negócio, e por apenas US$ 5. Na secretária, coloquem um botão vermelho ligado a nada, para ele se entreter a lançar mísseis imaginários contra diversos países.

Na prática não acontecerá nada, mas pode ser que resulte. Ele nunca precisou da realidade para alegar que ela lhe dá razão. Pelo contrário, só atrapalha.

DOM. Ricardo Araújo Pereira SEG. Bia Braune
QUI. Flávia Boggio SEX. Renato Terra SAB. José Simão

MULTITELA

Jacqueline Cantore
cantorejac@gmail.com

Giovanna Lancelloti estrela comédia policial que chega ao catálogo do Prime Video

Missão Porto Seguro
Prime Video, 14 anos

O filme conta a história de Denise, uma policial careta e cheia de amarras sociais vivida pela atriz Giovanna Lancellotti, que se infiltra na viagem de um grupo de jovens para Porto Seguro, na Bahia, em busca de informações para desmontar uma organização criminosa. Para ganhar a confiança dos adolescentes, ela tem a ajuda de uma aliada improvável, Babi, interpretada por Ademara Barros, mas, mesmo assim, só entra em confusão.

Jardim dos Girassóis
Globoplay, 14 anos

Baseado no romance espírita de mesmo nome, o filme segue a história de um casal vivendo uma vida repleta de amor junto dos filhos até que um acontecimento trágico abala as estruturas da família. Protagonizado por Rodrigo Lombardi e Fernanda Vasconcellos.

Venom: A Última Rodada
Max, 16 anos

Tom Hardy retorna como Eddie Brock para o capítulo final da trilogia, em que ele e o simbionte devem tomar uma decisão devastadora enquanto são perseguidos por seus dois mundos, forçados a enfrentar ameaças vindas da Terra e de fora do planeta. O elenco ainda conta com a participação da atriz Juno Temple e do ator Chiwetel Ejiofor, além da direção de Kelly Marcel.

O Assassino do Calendário
Prime Video, 16 anos

Klara vai morrer hoje, a menos que mate o marido. Este é o ultimato que o Assassino do Calendário dá a ela. Quando Jules começa seu turno da noite em uma linha de apoio para mulheres solitárias a caminho de casa, ela atende a ligação de Klara e se torna a sua única chance para a sobrevivência. Suspense psicológico de produção alemã.



✚ Black Rio! Black Power!
Apple TV+ e Claro TV+ para alugar, livre

O movimento Black Rio nasceu nos bailes de soul dos anos 1970 em pleno Rio de Janeiro. O documentário acompanha a trajetória do líder do movimento, Dom Filó, e registra a influência do Black Rio na cultura, na sociedade e nos processos de luta por justiça racial naquele estado e no resto do Brasil ao longo das décadas de 1970 e 1980. O filme também apresenta seu impacto sobre a música e sobre os rumos da política e do movimento negro no período da redemocratização do país. O movimento influenciou gêneros, como o hip-hop e o funk, e a postura afirmativa das mais novas gerações, que perpetuam o orgulho negro e a valorização estética difundidos pelo Black Rio há 50 anos. O documentário foi escrito e realizado pelo diretor e antropólogo Emilio Domingos

O Caso Dominici
Belas Artes à la Carte, 14 anos

O filme revisita um caso de 1952 que aconteceu nos Alpes na França. Um chefe de família, Gaston Dominici, foi condenado à morte pelo assassinato de uma família de turistas britânicos que aconteceu em uma estrada que passava pela sua propriedade, sem provas ou motivo nenhum para o incriminar.

Especial Arte 1
Arte1, 21h30, livre

O canal reprisa uma entrevista exibida no ano de 2017 com o fotógrafo e diretor de arte Oliviero Toscani, morto na última segunda-feira. Reconhecido por seu estilo provocador, sem medo de abordar temas polêmicos, ele se define no episódio como "um filho da arte". Toscani ficou conhecido principalmente por uma série de campanhas publicitárias que realizava para a marca Benetton com o intuito de desafiar normas.

A Vilã
TV Globo, 0h30, 16 anos

Após a morte de seu mentor, Sook-hee, uma assassina chinesa, começa uma nova vida na Coreia do Sul como agente do governo. Depois de dez anos de serviço, ela decide que quer seguir a vida como atriz, mas sua trajetória se transforma completamente quando dois homens aparecem do nada para revelar segredos sobre seu passado.

Canal Livre
Band, 0h30, livre

O programa discute a volta ao poder e o novo mandato de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos, além dos principais desafios que o novo governo americano deve apresentar, como a polarização da política interna, o aumento das despesas, a imigração e uma série de mudanças climáticas.

MÚSICA

Música de Ney Matogrosso com Ritchie é barrada por disputa de direitos autorais

SÃO PAULO O lançamento da gravação do single "Fala", de Ney Matogrosso e Ritchie, foi cancelado. O single, regravação do sucesso da banda Secos & Molhados, estava previsto para ser disponibilizado nas plataformas de áudio nesta terça-feira, conforme anunciado anteriormente pela gravadora Biscoito Fino.

Segundo a assessoria de Ney Matogrosso, a regravação do single não foi autorizada pela editora de Luhli, uma das compositoras de "Fala". A música foi escrita em parceria com João Ricardo e lançada pelo grupo Secos & Molhados em 1973, no álbum de estreia do trio formado por Matogrosso, João Ricardo e Gerson Conrad.

O single, gravado no ano passado, fazia parte de um projeto de regravações conduzido por Ritchie. O cantor britânico já havia, no entanto, gravado outras versões de "Fala" — em 2002, no projeto comemorativo "Assim Assado", em homenagem aos Secos & Molhados e no seu DVD ao vivo, lançado em 2009.

A banda Secos & Molhados se desfez em 1974, após Matogrosso e Gerson Conrad romperem relações com João Ricardo. Apesar disso, Matogrosso já havia lançado uma versão solo de "Fala" em 2011 e regravou outros sucessos do grupo.



O cantor Ney Matogrosso Eduardo Anizelli/Folhapress